



VERUS
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

ABRIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Audrey Carlan

A *garota* DO CALENDÁRIO



ABRIL

Tradução
Andréia Barboza



VERUS
EDITORA

Star Books Digital

A graphic element below the text 'Star Books Digital' consisting of a teal-colored open book shape with two small squares, one purple and one pink, to its right.

Editora

Raïssa Castro

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Copidesque

Lígia Alves

Foto da capa

© kiukson/Shutterstock (casal)

Título original*Calendar Girl: April*

ISBN: 978-85-7686-540-7

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency



Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: abril [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 4)

Tradução de: Calendar Girl: April

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-540-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.
16-34512

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Anita Scott Shofner

A jornada de Mia em Boston é para você, minha querida.

Assim como ela, você recomeçou recentemente.

Estou orgulhosa de você... por ter se escolhido.

Acho que todas as pessoas do mundo, em algum momento, precisam escolher a si mesmas.

Não sei nem como começar a agradecer-lhe, não apenas por ser uma leitora beta incrível, mas também por ser uma amiga maravilhosa, que me apoia tanto.

Namastê, minha amiga.

SUMÁRIO

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Maio](#)



— E aí, gata — foram as primeiras palavras que saíram daquela boca muito sensual. Pena que, somadas à forma como seus olhos deslizaram sobre mim, elas fizeram minha temperatura subir... mas não de um jeito bom. Mason Murphy estava encostado na limusine. Usava óculos aviador, tinha cabelo castanho-acobreado e um sorriso que provavelmente deixava as fãs de beisebol derretidas. Felizmente, eu tinha estado rodeada de caras extremamente gostosos nos últimos meses, então não me impressionei.

Estendi a mão. Ele torceu os lábios e empurrou os óculos para o alto da cabeça, me apresentando com impressionantes olhos verdes. Eram escuros e bonitos como esmeraldas.

— Ué, nem um beijo?

Estreitei os olhos, apoiei o peso em uma das pernas e cruzei os braços.

— Sério? Você vai seguir por esse caminho?

Ele pegou os óculos e começou a morder uma das hastes no canto da boca. Mais uma vez, me olhou de cima a baixo.

— Atrevida... Eu gosto de mulheres que me oferecem um bom desafio.

Fechei os olhos e pisquei várias vezes, para me certificar de que não estava dormindo por causa do Benadryl que havia tomado no avião. Voar sempre me deixava nervosa. Mas nada parecido com o que eu estava sentindo agora.

— Você é um osso duro de roer, não é?

Seus olhos se arregalaram e um enorme sorriso surgiu em seu rosto esculpido. Maças do rosto salientes, queixo com covinha e olhos cintilantes, que pareciam travessos.

Ele se aproximou de mim, passou um braço ao redor do meu pescoço e beijou minha têmpora. Fiz um grande esforço para não me virar e lhe dar... um soco na cara.

— Tire o braço de cima de mim e se afaste. Você não tem modos?

Mason parou à minha frente e se inclinou, como se fosse sussurrar.

— Eu sei o que você é e está tudo bem pra mim. Muito, *muito* bem. Nós vamos nos divertir juntos.

Empurrei seu peito o suficiente para afastá-lo do meu rosto.

— Olha, sr. Murphy...

— *Sr. Murphy* — ele disse, sarcástico. — Ahhh, eu gosto disso.

Respirando fundo, cerrei os dentes. Se tivesse mordido a língua, eu a teria cortado ao meio, de tanto que esse cara me irritava.

— O que eu estava tentando dizer, antes de você me interromper, era que você está com uma ideia errada a meu respeito. Eu sou uma acompanhante. Isso significa que acompanho você aos lugares. Forneço companhia de forma amigável.

Mais uma vez ele se aproximou, segurou meus quadris e os puxou contra sua virilha.

— Não vejo a hora de ficar mais *amigável* com você. — E esfregou a pélvis na minha. Pude sentir o contorno de algo despertando para a vida.

Suspirei. Relevando a investida, empurrei-o novamente.

— Pegue as minhas malas, ok?

Ele assobiou para o motorista. Sim, assobiou. Como se o cara fosse um cachorro. Mason poderia muito bem ter dito “Vem cá, garoto. Bom motorista”. Eu me encolhi e saí do seu alcance.

— Não se preocupe, baby. Você vai pegar o jeito. — Ele fingiu balançar um taco de beisebol. Revirei os olhos e abri a porta da limusine, entrando. Ele moveu o corpo longilíneo para dentro do veículo espaçoso e bateu palmas. — Quer uma bebida?

Tenho certeza de que o encarei como se tivesse crescido um rabo nele.

— Não é nem meio-dia.

Ele encolheu os ombros.

— Em algum lugar do mundo já é — respondeu, com uma piscada atrevida.

Mason pegou uma garrafa de champanhe. Sua língua umedeceu o lábio inferior, carnudo. O espaço entre minhas pernas notou o movimento instantaneamente, formigando de maneira deliciosa. Balancei a cabeça e cruzei as pernas. Ele era um cretino, mas não pude deixar de notar que era bonito. Mason Murphy era alto, provavelmente um metro e oitenta e dois ou algo assim, e tinha um corpo que poderia aparecer em revistas — e já tinha aparecido, muitas vezes. Os músculos dos bíceps incharam deliciosamente e os quadríceps se flexionaram quando ele colocou a garrafa entre as pernas e removeu a tampa com um *plop*. Sem espuma. Muito bom, tive que reconhecer.

— Agora, gata, vamos esclarecer algumas coisas.

Arregalei os olhos, as sobrancelhas se erguendo em direção ao couro cabeludo. Ele me entregou uma taça. Mesmo sendo dez da manhã, peguei a bebida, imaginando que precisaria de algo para esquecer minha indignação.

— Você foi enviada pra cá para ser a minha namorada. Isso significa que, para que os meus fãs, os meus potenciais patrocinadores e a mídia acreditem, você e eu vamos ter que ficar *amigáveis* bem rápido. E, olhando pra você... — Ele lambeu os

lábios novamente, enquanto seus olhos traçavam meu contorno, começando pelas botas, subindo pela calça jeans e parando diretamente em meus seios. Cafajeste. — ... vou aproveitar cada segundo disso.

Esse cara ia ser um desafio. Ele era presunçoso, sexy pra caramba, irritante, sexy pra caramba, absolutamente grosseiro, sexy pra caramba e imaturo. Esqueci alguma coisa? Ah, sim. Sexy pra caramba.

Ele se recostou, exibindo o corpo no banco oposto ao meu. Sorriu e bebeu o champanhe de uma só vez. Eu não deixaria esse idiota levar a melhor, então engoli a bebida de uma vez também. Suas sobrancelhas se arquearam e os olhos brilharam de prazer.

— Uma mulher que pensa como eu. — E colocou a mão no peito, em um cavalheirismo simulado.

Eu me inclinei, peguei a garrafa e enchi novamente minha taça. Em seguida, fiz um gesto com o queixo indicando a dele. Mason a estendeu e eu a enchi também.

— Olha, nós precisamos acertar algumas coisas — falei.

Seu rosto indicou que ele estava prestes a fazer uma piada, mas cortei suas palavras, olhando feio em sua direção. Ele se recostou no banco e levantou o queixo.

Eu sorri, sabendo que havia ganhado esse round.

— Eu posso ter sido contratada para ser sua namorada durante este mês, mas não sou sua puta. — Suas sobrancelhas se ergueram. — Transar com o cliente é opção minha, não faz parte do contrato. Você devia ter lido as letras miúdas, amigo, porque está prestes a descobrir como é passar um mês na seca.

Sua boca se abriu em uma expressão de choque.

— Você está de sacanagem? — ele deu um sorriso forçado.

Balancei a cabeça.

— Receio que não. Então é bom se acostumar com a mão aí embaixo — fiz um gesto em direção a sua virilha —, porque vai ter que usá-la muitas vezes. Se a imprensa te pegar com uma vagabunda qualquer que você consiga fazer te dar uma chance, eles vão saber que isso aqui — apontei de mim para ele — é uma farsa. E o esforço e os cem mil dólares que você está me pagando vão ser desperdiçados. — Mason passou a mão pelo cabelo. — Fora que os seus potenciais patrocinadores não enxergariam com bons olhos o fato de você não ser capaz de manter a sua linda namorada por mais de um dia. Lembre-se: o meu pagamento não é reembolsável.

Nesse ponto, eu me recostei no banco da limusine, cruzei as pernas e dei um gole no champanhe, deixando as bolhas amargas dançarem na língua e despertarem meus sentidos mais uma vez.

Mason olhou para mim, uma expressão não identificável no rosto bonito.

— E o que você propõe que a gente faça, gata? — Ele sorriu, os olhos em minhas

pernas, seguindo pelos seios até, finalmente, pousar em meu rosto. As palavras eram boas, mas faltava sinceridade.

— Primeiro você vai parar de me chamar de gata.

Ele atalhou antes que eu pudesse continuar:

— Um cara não pode colocar um apelido na namorada?

Mordisquei o lábio para pensar no assunto. Talvez ele estivesse certo.

— Até pode, se a forma como você fala não soasse tão babaca.

Mason inclinou a cabeça para trás e riu. O som ecoou pelo carro e aliviou o clima. Se eu pudesse ouvir aquela risada todos os dias, talvez este mês não fosse um saco. Ele lambeu os lábios e, novamente, o espaço sensível entre minhas coxas, que ainda não tinha esquecido como era bom ter o rosto perfeito de um homem se esfregando em toda a carne macia, vibrou em resposta. *Calma aí, garota!* Eu queria dar uma bronca na minha libido. Desde meu encontro com Wes, duas semanas antes, eu estava necessitada, com um tesão do inferno e sem nenhuma esperança de alívio. E agora, com meu cliente atual definitivamente fora da lista de potenciais companheiros de cama, parecia que eu ficaria na seca com ele. Nem um pouco divertido.

— Olha, tudo bem. Imagino que o próximo passo seja descobrirmos um pouco mais um sobre o outro. Me fale de você.

Ele apoiou as mãos nos joelhos, sobre o jeans, e olhou pela janela.

— Não tem muito o que dizer. A minha família é irlandesa. Meu pai é gari, embora eu já tenha pedido pra ele parar de trabalhar. Ele não quer. É muito orgulhoso.

— Parece ser um bom homem. — Ao contrário do meu próprio pai. Bem, tecnicamente isso não é verdade. Ele tentou. Dadas as circunstâncias, depois de lidar com o golpe que foi ser abandonado pela minha mãe, ele se perdeu no caminho. Não tenho certeza de que alguém saiba realmente lidar com a perda do amor da sua vida.

Mason sorriu, revelando dentes brancos e quase todos retos. O canino era torto, apenas o suficiente para dar charme ao sorriso.

— Meu pai é demais, apesar de ser durão. Mas ele trabalha muito. Sempre trabalhou, querendo dar o melhor pra mim e os meus irmãos.

— Quantos irmãos você tem? — perguntei, achando aquela linha de conversa interessante.

Ele levantou três dedos enquanto bebericava o champanhe.

— Meus irmãos são todos uns cretinos malucos, mas eu amo os três — Mason disse, o sotaque de Boston vindo à tona. Sotaque sexy demais. Droga, seria difícil manter as mãos longe se ele se revelasse um cara legal.

Seus olhos se estreitaram para mim, o verde ficando escuro.

— Eles vão achar o máximo eu estar pegando uma gostosa que nem você. — E o babaca vem à tona mais uma vez. Balancei a cabeça e respirei fundo.

— Tudo bem, três irmãos. Mais novos ou mais velhos?

— Todos mais novos. O Brayden tem vinte e um, e o Connor dezenove. O caçula, Shaun, tem dezessete e ainda está no colegial.

Eu me curvei para a frente e coloquei a taça vazia no suporte.

— Uau, quatro homens.

Mason assentiu.

— É. O Brayden é barman e faz faculdade comunitária durante o dia. Engravidou uma garota assim que saiu da escola. — Fiz uma careta. — A vadia deixou a filha com ele e se mandou. — Meu queixo caiu e eu ofeguei. Como uma mulher pode abandonar seu próprio sangue? Bem, minha mãe fez o mesmo. Ainda assim, ouvir que isso aconteceu com outra criança faz meu sangue ferver. — O Bray mora com o meu pai e a filha, Eleanor.

Eleanor.

— É um nome antiquado — falei.

Ele sorriu e olhou pela janela novamente.

— É, é em homenagem a nossa mãe.

— Seus pais são separados?

Ele balançou a cabeça.

— Não, minha mãe morreu faz dez anos. O câncer de mama a levou muito cedo. Então somos só nós, homens, há bastante tempo.

Eu me aproximei e coloquei a mão em seu joelho.

— Sinto muito. Eu não deveria ter perguntado.

Com um movimento de mão, ele descartou o gesto.

— Foi há muito tempo. Não importa. O Connor está na Universidade de Boston, e o Shaun passa o dia todo atrás de xoxota adolescente.

Fiz uma cara feia e gemi.

— Que foi?

— Nada. — Preferi não mencionar que qualquer homem adulto que se refira às partes íntimas femininas como “xoxota” na presença de uma mulher demonstra falta de maturidade, uma vez que era uma batalha perdida. — Então, em que anúncios e patrocinadores você está interessado?



Quando chegamos ao seu “apê”, como ele o chamava, uma loira bonita e delicada nos recepcionou, o que me surpreendeu. Eu não sou uma mulher pequena, estou na média para vinte e poucos anos, mas aquela garota era magra como uma modelo. Parecia uma Barbie executiva, com o cabelo loiro puxado para trás em um coque

retorcido, olhos brilhantes da cor do céu e a boca rosada perfeita. Era alta e usava um tailleur que vestia como uma luva seu corpo esguio. O visual ostentava sofisticação e profissionalismo, ideias totalmente contraditórias em relação à maneira como ela olhava para Mason.

— Hum, sr. Murphy. — A mulher levantou um dedo quando ele cruzou com ela, entrando no prédio. Seus lábios se transformaram em um beicinho no instante em que ele seguiu em frente sem lhe dirigir o olhar.

Eu me aproximei da mulher. Quando ela finalmente parou de olhar para a bunda de Mason enquanto ele caminhava pelo saguão do prédio, seus olhos fuzilaram os meus. Eu sorri.

— Ei, grosseirão, a loira bonita de terno está tentando chamar a sua atenção — falei para Mason, mantendo os olhos nela. — E você esqueceu de pegar as minhas malas. — Balancei a cabeça e murmurei um “idiota”.

— Como é? — Ela quis se certificar de que havia ouvido direito.

Assenti e estendi a mão.

— Mia Saunders. Sou a namorada do Mason.

A loira fechou os olhos e respirou fundo, parecendo se preparar para a situação.

— Eu sei quem você é, Mia. Fomos nós que sugerimos que ele contratasse você. Sou Rachel Denton, a relações-públicas dele. Fui designada para trabalhar com vocês dois a fim de enganar o público. Normalmente o agente dele faria isso, mas eu me ofereci para ajudar. — Ela mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Bem, então imagino que nós vamos passar por isso juntas. Ele é uma figura e tanto. — Sorri quando Mason apareceu na porta.

— Se perdeu, gostosa? — O olhar era divertido, mas as palavras foram grosseiras. Revirei os olhos, segurei no ombro de Rachel e a trouxe para o meu lado.

Mason pareceu notá-la pela primeira vez, e, quando digo notá-la, quero dizer que ele a olhou de cima a baixo... duas vezes.

— Rachel, o que você está fazendo aqui? Achei que o Val ia trabalhar nisso.

Ela balançou a cabeça e ficou vermelha. Interessante.

— Não, o Val está ocupado fazendo o levantamento de patrocinadores e anúncios para você avaliar. Eu me ofereci. — Ela se ajeitou enquanto ele continuava a comê-la com os olhos.

— Não posso dizer que vou sentir falta do Val — ele respondeu, de uma forma que não soou condescendente nem repulsiva. Interessante também. Rachel deu uma risadinha. Sim, uma risadinha. Os olhos de Mason pareceram suavizar quando ele olhou no rosto dela e depois abriu a porta para que nós duas entrássemos.

— Hum... preguiçoso? As malas. — Apontei com a cabeça para o carro.

— Ah, certo. — Ele parou, olhou para Rachel, recuou, trombou na porta, que não havia sido fechada corretamente, e sorriu. — Eu só vou, hum, pegar as malas.

Olhei fixamente enquanto o babaca superconfiante e mulherengo se atrapalhava todo na presença de sua RP, que também não estava se saindo melhor em esconder o interesse nele. As bochechas de Rachel estavam avermelhadas, e seus dentes mordiam o lábio inferior.

Apontei com o polegar por cima do ombro.

— Tá a fim dele? — perguntei.

Ela assentiu em silêncio, e então seus olhos se arregalaram de repente.

— Não! O quê? Você teve uma impressão errada. Tenho uma relação estritamente profissional com o sr. Murphy. — Ela terminou seu discurso inflamado cruzando os braços e franzindo os lábios com força.

Falhando em disfarçar o riso, entrei no prédio.

— Se você diz... — Eu teria de escavar um pouco mais esse assunto depois, só para infernizá-lo. Se eu não ia ter nenhuma aventura durante esse trabalho, o mínimo que poderia ter era um pouco de diversão.

Mason deixou as malas no hall de entrada e nos conduziu até a sala de estar. Era um grande retângulo, o que fazia sentido para um prédio típico de Boston, com vários andares acima e, provavelmente, um abaixo. Eu mal podia esperar pelo grandioso tour.

No centro da sala havia um sofá preto de couro. Em frente, uma TV de tela plana pendurada na parede, com pelo menos sessenta polegadas. Havia memorabilia de beisebol aqui e ali — camisetas emolduradas e uma fila de bolas autografadas sobre o console da lareira, cada uma dentro de sua própria redoma de vidro ou acrílico. Sinal de que ele tinha cuidado com as coisas de que gostava. Talvez houvesse dois lados em Mason Murphy. Se eu tinha de passar um mês fingindo ser sua namorada, com certeza esperava que houvesse.

— O que te traz aqui, Rach? — ele perguntou, o corpo voltado completamente na direção dela, mesmo sem precisar. *Rach*. Ele usou um apelido, o que significa familiaridade ou certa intimidade.

Ela cruzou as pernas, a saia subindo pela coxa. Mason seguiu com os olhos o pequeno pedaço de tecido. Eu ri, mas nenhum dos dois me ouviu ou sequer prestou atenção no fato de eu estar na sala.

— Eu só queria ter certeza de que vocês dois estão cientes sobre amanhã. Vai ser a primeira aparição pública de vocês como um... — Ela limpou a garganta e colocou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha. A mecha não parou no lugar, deslizando delicadamente até o seu queixo.

Novamente, os olhos de Mason se fixaram nela, naquela mecha de cabelo, como se quisesse tocá-la e, com isso, acariciar sua pele. As mãos dele se prenderam nas coxas.

— Como, hum... um casal — ela terminou. — Vocês precisam fazer parecer real.

Ficar de mãos dadas quando estiverem fora do estádio, pequenos toques, sorrisos... e... — ela limpou a garganta e fez uma careta, como se estivesse sentindo dor — ... beijos. Esse tipo de coisa. Algum problema quanto a isso, srta. Saunders?

Eu a encarei com os olhos arregalados.

— Tem algum problema pra você? — perguntei, honestamente sem acreditar que estava assistindo àquilo. Era óbvio para mim (e olha que eu os tinha visto juntos por um total de dez minutos) que eles se queriam. O que é que os impedia de ficar juntos?

A cabeça de Rachel recuou, como se ela tivesse levado um soco.

— Como? — Ela colocou a mão no peito, ofegante. — Por que teria algum problema para mim?

— Sêrio? — Balancei a cabeça.

— O que a Mia deve estar tentando saber é se vai ser um problema para os patrocinadores ou para a agência se fizermos demonstrações públicas de afeto.

Não, não era nada disso que a Mia estava tentando saber. Em que planeta eu pousei quando desci daquele avião? Esses dois eram reais? Suspirei e decidi que era melhor jogar o jogo deles até descobrir o que estava acontecendo.

— Sim, é exatamente isso.

Os lábios de Rachel se contraíram e a tensão pareceu se esvair de seus ombros. Era como ver uma flor se fechar para a noite. Relaxando lentamente, enrolando as pétalas para descansar até que o sol da manhã a trouxesse de volta — ou, nesse caso, uma acompanhante intrometida e meio sem noção de Las Vegas.

— A nossa equipe passou horas planejando isso. Nós entendemos que é uma abordagem pouco convencional, mas o público não está enxergando o sr. Murphy como um ídolo. Entre outras coisas, ele precisa parar com as brigas nos bares e com o excesso de bebidas. Nem o cigarro ocasional vai ser bem-vindo. A equipe acredita que a horda de mulheres com quem ele desfilou na última temporada, e nunca com a mesma mais de uma vez, não ajudou em nada a melhorar a imagem dele. Nós estamos empenhados em mudar essa situação, e você é o primeiro passo.

Finalmente arrisquei um olhar para Mason. Seus cotovelos estavam sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos. Uma postura tipicamente derrotista. Eu me levantei e me sentei a seu lado, colocando uma mão em suas costas e esfregando-a para cima e para baixo. Ele virou a cabeça para mim.

— Cara, eu ferrei com tudo.

— Todos nós já fizemos isso. Pelo menos você contratou a Rachel, e a sua assessoria acredita que você pode virar esse jogo. — Continuei passando a mão em suas costas até que ele levantou a cabeça, arrumou os ombros, empurrando-os para trás, e estufou o peito.

— Tudo bem, você quer demonstrações públicas de afeto? — ele perguntou para

Rachel. Ela assentiu. — Então você vai ter. — Ele se virou para mim com uma expressão feroz e um raio laser no olhar. — Vamos lá.

Quando vi, suas mãos estavam segurando as laterais da minha cabeça e seus lábios estavam colados nos meus. Ofeguei, abrindo a boca acidentalmente. Ele tomou isso como um convite. Inicialmente não era, mas o gosto do champanhe permanecia em sua língua quando ele tocou a minha, e eu não era beijada pelo que parecia uma eternidade, apesar de fazer apenas duas semanas. Some a isso o perfume delicioso que emanava de seu corpo... e já era. Eu me perdi em seu beijo. Sua língua entrou na minha boca, exigente, mas brincalhona. Eu retribuí, agarrei sua camiseta e o abracei, enquanto inclinava a cabeça em busca de mais. Mais de seu beijo, mais dele. Merda. Isso não fazia parte do plano.

Quando finalmente nos afastamos, ambos estávamos ofegantes, tentando recuperar o fôlego.

— Como foi? — Mason se virou para onde Rachel estava sentada, mas ela havia ido embora. Ouvi seus saltos batendo no chão. — Rachel? — ele gritou.

— Vejo vocês amanhã. Ótimo trabalho! — ela gritou, dois segundos antes de a porta se fechar.

Ele caiu contra o encosto do sofá.

— Que foda.

Balancei a cabeça e me inclinei para trás.

— Não vai acontecer. — Ele riu. — O que foi isso?

— Isso foi um beijo numa acompanhante muito gostosa. — Seus olhos brilharam com uma pitada de luxúria, mas eu sabia o que era. Um mecanismo corporal. Claro que ele era lindo de morrer, e eu não podia negar que o beijo me deixou excitada, mas atração e interesse real são coisas completamente diferentes.

— Você gosta dela — ofereci a bandeira branca.

Ele contorceu os lábios e fechou os olhos.

— Claro que gosto. Ela é legal e eu pago uma boa grana pra eles. Estamos todos felizes. Por que eu não iria gostar?

— Não é isso que eu estou dizendo, e você sabe.

— Olha, não sei você, mas eu estou com fome e você precisa se acomodar. Tem um monte de porcarias que a Rachel e o Val compraram como parte do contrato. Eu não guardei nada, só coloquei as sacolas em cima da cama. Pode ser pizza?

Ele se levantou rapidamente e começou a se afastar, mas deve ter pensado melhor. Então se virou e estendeu a mão.

— Obrigado por aceitar o trabalho — disse, me puxando para que eu ficasse de pé. — O seu quarto é a primeira porta à direita, a menos que você deseje ficar no meu. — Ele mexeu as sobrancelhas e forçou os quadris contra mim. Expirei rapidamente e balancei a cabeça. Quando comecei a andar, ele deu um tapa na minha

bunda.

— Que traseiro poderoso, hein, Mia.

Parei, apoiei o peso em uma perna e coloquei a mão na cintura.

— Se quiser continuar a ter mão, vai ter que mantê-la longe da minha bunda.

Ele se afastou, as duas mãos para cima.

— Tudo bem, tudo bem. Estou só praticando pra amanhã. Sem dano, sem problema, certo?

— Guarde isso para o jogo. Você vai precisar. — Caminhei na direção da escada, pensando que tinha dado a última palavra, mas o ouvi responder assim que cheguei ao topo.

— Meu bem, você não sabe que eu sempre jogo pra ganhar?

Ah, cara.



O momento em que uma garota como eu encontra felicidade em uma roupa deveria virar feriado nacional, com destaque e um círculo bem grande no calendário, feito com canetinha vermelha. Pegar na mão uma calça jeans elegante da True Religion, depois uma camiseta justa do Red Sox, me fez desejar me curvar diante da tia Millie por me conseguir este trabalho. Eu iria passar um mês com um arremessador famoso de beisebol. Claro, ele era grosseiro, imaturo e precisava de uma surra — não no bom sentido —, mas não dá para reclamar de um emprego no qual você pode usar jeans e camiseta. Calcei um par de Converse vermelho e praticamente derreti.

Eu me olhei no espelho, deslizando a mão sobre minha bunda arredondada. É, ainda parecia bem dura. Eu não havia ganhado peso desde que tudo isso começara; ainda usava quarenta e dois, mas estava firme onde precisava e macia onde queria. O visual como um todo me garantia trabalho, e eu estava cada vez mais perto de quitar o pagamento do Blaine. Quatro parcelas pagas, seis a vencer. Se eu conseguisse um trabalho por mês, poderia largar essa vida antes das festas de fim de ano. Mas quem eu queria enganar? Estava faturando cem mil por mês, às vezes vinte mil adicionais. Por que desistir?

Enquanto eu prendia o cabelo preto e longo em marias-chiquinhas — outra coisa que, segundo aprendi, homens como Mason curtem — e colocava na cabeça um boné de beisebol, meus pensamentos vagaram até Wes. Mais que qualquer outra pessoa, era com ele que eu gostaria de estar. Quando estávamos juntos, era tudo de bom. Separados, era muito fácil encontrar razões para que não pudéssemos ficar juntos ou achar que nossa ligação não era tão forte quanto eu pensava. Basicamente, eu descobri que era ótima em proteger meu coração, mas estava com saudade de Wes. Duas semanas tinham se passado. Não teria problema entrar em contato...

Peguei o telefone e digitei seu número. Tocou algumas vezes antes de uma voz feminina, que eu não reconheci, atender.

— Alô. — Ela deu uma risadinha.

— Hum, oi. Acho que liguei para o número errado. — Ela riu de novo, e eu pude ouvir pés batendo ruidosamente no chão. Uma risada alta soou ao fundo, e eu sabia que era de Wes.

— Quer falar com o Weston? — ela arrulhou, e a voz sensual me veio à memória. Eu conhecia aquela voz. Fechei os olhos e respirei fundo. Gina DeLuca, uma das

mais lindas e desejadas estrelas de Hollywood. Que fazia o papel principal no filme do Wes, *Código de honra*.

Mais barulhos passaram através da linha.

— Gina... você vai ter o que pediu! — A voz de Wes era dura, mas brincalhona. — Vem aqui, gata — ele disse, ofegante, obviamente correndo atrás dela.

— Desculpe, mas o Wes te liga depois. Ele está muito ocupado agora — ela gritou.

— Te peguei! — ouvi Wes dizer e, em seguida, um barulho inconfundível de beijo, seguido de um gemido feminino. — Sai desse telefone — ele rosnou e ela gemeu, obviamente sem prestar atenção no aparelho.

Uma faca afiada entrou fundo no meu coração, mas, mesmo com a dor, eu não conseguia desligar. Eu estava presa no lugar, como um transeunte que olha com horror para um acidente de carro, só que pelo telefone. Eu não tinha absolutamente nenhum direito de me sentir machucada, nenhum, mas isso não mudava os fatos. Fiquei dilacerada enquanto ouvia Wes com outra mulher.

Era isso que ele sentia sabendo que eu estava com um cara diferente a cada mês? Provavelmente não, se o barulho dos beijos molhados fosse uma indicação.

— É o seu telefone, não o meu! É uma mulher. Aqui — ouvi Gina dizer, e então o tempo parou. Meu coração bateu pesado como um tambor, quase contando os segundos antes de ele perceber quem tinha ligado e o que eu tinha ouvido.

— Merda — ouvi Wes xingar enquanto o telefone, provavelmente, mudava de mãos.

— O que foi, baby? Tudo bem, você venceu. Volte pra cama. — A voz dela estava distante, como se estivesse se afastando dele, cheia de desculpas.

Um grunhido preencheu o espaço entre nós.

— Mia. — A voz de Wes foi um estrondo doloroso em meu ouvido. — Desculpa. Hum... Isso não deveria ter acontecido.

Balancei a cabeça, mas ele não podia me ver. Lágrimas se formaram, porém eu não as deixaria cair de jeito nenhum. Se deixasse, eu me tornaria uma ruína completa e seria incapaz de fingir que era a namorada feliz de Mason Murphy, o arremessador fodão do Red Sox.

— Oi. Não, está tudo bem. Eu só... hum... liguei pra dizer oi. Então, oi.

— Oi — ele respondeu, triste. — Porra, Mia. Isso não... hum, tecnicamente é só... Que merda. — Ouvi uma porta se fechando e pássaros cantando ao longe. Ele provavelmente estava olhando para Malibu até onde a vista alcançava. Se estivesse lá, eu o estaria abraçando e fazendo o mesmo. Mas não agora. Agora ele tinha Gina para fazer isso. — Isso não muda nada — ele falou com a voz ofegante.

Bufei.

— Sério? Isso muda tudo.

Sua voz era um sussurro quando respondeu:

— Como assim? Nós ainda somos amigos.

— É verdade. Somos amigos.

— E esse lance com a Gina é totalmente casual. Estamos só curtindo. Ela sabe que eu não quero ter um relacionamento. Bom, pelo menos não com ela.

— Mas comigo sim?

Ele soltou lentamente a respiração.

— Se eu responder honestamente, você vai fazer alguma coisa a respeito? Eu te dei essa chance mais de uma vez. Você não quis. Nós dois concordamos em esperar passar este ano. Está querendo voltar atrás agora?

Uma lágrima traiçoeira deslizou pelo meu rosto. Hormônios do inferno.

— Não, não estou, Wes. Eu só... — Deixei escapar um suspiro. — Acho que eu não esperava que você fosse seguir em frente.

— O que te faz pensar que eu segui? O fato de estar transando com a Gina? Me diga que você e o francês não passaram o mês transando depois que você me deixou.

— Wes — tentei, mas ele me cortou.

— É verdade. Isso aqui não é diferente. Nós não estamos oficialmente juntos, mas você sabe que eu largo tudo e todas pra ficar com você. Só que, por mais clichê que isso possa parecer... um homem também tem necessidades. Acho que é melhor não discutirmos isso.

Mordi o lábio e me sentei na cama.

— Não, você está certo. É totalmente injusto te cobrar qualquer coisa quando eu não estou disposta a te dar o mesmo. Mas, Wes... — minha voz falhou e eu não consegui terminar.

— Linda, fala comigo... Porra, por favor, Mia. Eu faço qualquer coisa pra ficar no seu coração. Nada mudou — ele falou, mas não era verdade. Era como começar tudo de novo, o meu coração trancado na pequena caixa de Pandora.

— É só que... eu não quero te perder.

— Mia, você sempre vai estar nos meus pensamentos. Quando estiver pronta pra dar um passo à frente, e a nossa história tiver uma chance de verdade... vamos cuidar disso. Você e eu.

— Tá, tudo bem. Só uma coisa, Wes.

— Qualquer coisa, linda.

— Lembre-se de mim — falei e encerrei a chamada, depois desliguei completamente o telefone. Eu não conseguiria falar com ele nem por mais um segundo. Eu tinha trabalho a fazer e precisava deixar toda a minha bagagem bem guardada para poder me concentrar.

Mason Murphy, é melhor tomar cuidado. Você está prestes a presenciar um show e

tanto.



Instantaneamente, fui envolvida pelo cheiro de cachorro-quente, pipoca, cerveja e campo de beisebol. Era o mais próximo que uma garota como eu poderia estar do paraíso. Mason segurou minha mão e me levou pelos túneis subterrâneos do estádio. Foi quase impossível disfarçar quando ele atravessou o vestiário comigo. Sim, a porra do vestiário. Homens seminus e alguns completamente nus, dignos de fazer qualquer uma salivar, estavam por ali, falando besteira e se preparando para o jogo. Se fosse outra garota qualquer, teria coberto os olhos, ou pelo menos tentado fingir ser recatada. Mas não eu. Cobicei aqueles caras como um adolescente pervertido observando de binóculo, atrás da cortina, a vizinha mais velha e sexy trocar de roupa.

— Ei, Junior, quero te apresentar a minha namorada — Mason disse para Junior Gonzalez, o receptor do Boston Red Sox. Tive um pequeno momento fã, apertando os bíceps duros de Mason, como se estivesse torcendo uma toalha molhada, enquanto tentava manter a calma. Ele colocou a mão sobre a minha e a acariciou, olhou para mim e piscou. — Companheiro, eu acho que ela é sua fã.

O homem era grande e musculoso. Sua calça estava esticada sobre as coxas do tamanho de troncos de árvore, enviando uma vibração selvagem para a área sensível entre minhas pernas. O cabelo de Junior era grosso e preto, tipicamente latino, e bem curto. Seus olhos eram castanho-chocolate, um forte contraste com o branco do sorriso e a pele morena.

— E aí, moça, o que manda? — Ele balançou as sobrancelhas e eu fiquei entorpecida. Inclinei-me na lateral de Mason e suspirei. Os dois riram, mas eu só olhava, em silêncio, para aquilo tudo. Junior Gonzalez era conhecido como o melhor receptor do beisebol e ainda por cima era a perfeição em forma de homem.

— Você é incrível — finalmente gaguejei. Ele me olhou de cima a baixo e depois para o amigo.

— Você também não é nada mal. Quer dar um pé na bunda desse idiota e sair com um homem de verdade? — brincou. Eu sabia que ele estava só provocando, porque não fez nenhum movimento para me puxar para perto. Mason riu.

Balancei a cabeça, mas queria fazer o oposto. Junior Gonzalez seria uma boa distração depois da minha conversa e dos sentimentos por um certo surfista loiro que fazia filmes e que atualmente estava transando com uma deusa, com um corpo pelo qual os homens caíam de joelhos.

— O Mace me disse que você vai ficar... hum... com a gente durante o mês todo. — Seu tom de voz baixou e ele inclinou a cabeça, os olhos cor de chocolate demonstrando saber a verdadeira razão para eu estar ali.

— Sim, o mês inteiro. — Bati no peito de Mason e depois o alisei, fingindo estar brincando, mas realmente não estava.

Ele fez cara de dor e esfregou o local.

— Calma aí, garota. A Mia era a mulher mais gostosa que eles tinham no catálogo de acompanhantes, mas, como tudo que é bom dura pouco, ela não é nada fácil. — Quando ouvi aquelas palavras, quis acertá-lo de novo.

Junior fechou os olhos, baixou a cabeça e a balançou.

— Cara, quando é que você vai aprender que não pode tratar uma mulher feito um pedaço de carne? Moça — ele enfatizou a palavra —, espero que você ensine uma lição pra esse menino.

Pisquei e empurrei Mason para que ele seguisse em frente.

— É o que pretendo.

— Putz! — Junior riu e se virou. — Boa sorte. Você vai precisar.

— A Dama da Sorte nunca fez nada por mim. Imagino que ela não vá começar agora, do nada — falei por cima do ombro.

Mason zombou.

— Quem precisa de sorte quando tem um cara como eu?

— Vamos, amor. Venha me mostrar o meu lugar — falei de um jeito doce enquanto esfregava sua mão. Ele envolveu o braço ao redor do meu ombro e beijou minha têmpora.



Há uma coisa interessante no beisebol que a maior parte do público não sabe. Uma panelinha secreta de elite chamada EEN, que significa “esposas e namoradas”. Como estávamos um pouco atrasados, Mason me largou no setor das EENS e caiu fora, colocando um maço de notas de vinte na minha mão. Não existe maneira melhor de chamar uma mulher de prostituta do que jogar um punhado de notas em sua mão. Só por isso ele não ia receber um centavo de volta. Eu planejava torrar os duzentos dólares em cerveja, cachorro-quente e bugigangas.

Encontrei meu lugar e me sentei com cuidado, para não colidir com aquele bando de mulheres conversando a uma velocidade impressionante. Mesmo assim, elas não disfarçaram os olhares enviesados. As garotas tinham mais ou menos a minha idade, algumas um pouco mais velhas ou mais novas. Mas a diferença não passava de cinco a sete anos.

— Oi — acenei para a fileira. Quatro cabeças se viraram para mim. — Eu sou a Mia. — Tentei a abordagem amigável.

Uma delas, que supus ser a líder, se inclinou para a frente.

— Você é a namorada de hoje do Mace?

Minhas sobancelhas se estreitaram.

— Hum, não. Vou passar o mês com ele. Eu sou de Las Vegas. Nós somos velhos amigos, mas estamos tentando algo mais. Este mês vai servir para descobrirmos se podemos ficar juntos a longo prazo ou não.

A loira que estava duas cadeiras depois da minha abafou uma risada.

— Longo prazo?

A líder, morena, contorceu os lábios.

— Nunca vimos o Mace em um relacionamento sério. Sabe, ele costuma seguir a filosofia do PCC. — Ela mexeu na unha e me olhou entediada. — Você sabe, pegar, comer e cair fora.

— Uau. Bom, deve ter sido péssimo para as vadias que ele comeu no passado — falei, indiferente, sem deixar que ela ganhasse a partida.

A simpática garota de cabelo loiro-acobreado preso num adorável rabo de cavalo colocou a mão no meu joelho.

— Não ligue. Ela não conhece o Mace. Eu o conheço muito bem e sei que ele pode se comprometer com a garota certa. Tenho certeza que deve ser você. — Seu sorriso e sua voz me fizeram pensar em um anjo. Olhos castanhos, belos e gentis.

Estendi a mão.

— Mia Saunders.

Ela a apertou.

— Kristine, mas pode me chamar de Kris. Estou com o Junior. — Seu rosto instantaneamente ficou rosado. — Estamos namorando faz só três meses, mas eu estou louca por ele. — Ela colocou as mãos no colo e sorriu timidamente. — É por isso que eu conheço o Mace. Eles são como irmãos. Bom, não como os outros irmãos do Mace e o clã do Junior.

Eu ri.

— O Junior tem uma família grande?

— Grande é apelido. São nove irmãos.

— Uau — murmurei e vi um vendedor de comida vindo em nossa direção. — Ei, aqui! Estou morrendo de fome. Cachorro-quente e cerveja? — perguntei.

O rosto de Kris se iluminou, como se o sol tivesse acabado de brilhar sobre ela. Pude ver o que atraiu Junior. Ela era angelical e doce.

— Claro, obrigada. Que gentileza. Viram, meninas? A Mia não é uma vaca. Ela é legal — ela comentou com as outras.

— O júri ainda não decidiu — a morena disse para as duas a sua esquerda.

Dei de ombros.

— Seja como for, não estou aqui por elas. Estou aqui para ver o meu homem arrasar no campo. Com ele arremessando e o Junior recebendo... vamos conseguir. Estou certa? — perguntei a Kris, erguendo a mão aberta. Ela bateu na minha e gritou.

— Ei, o meu homem rebatendo também arrasa! — disse uma delas. — Sou a Chrissy, aliás — a ruiva sexy acrescentou.

— Prazer, Chrissy.

— E eu sou a Morgan — uma garota encantadora de cabelos castanhos se apresentou. A morena resmungou, mas percebeu que estava numa batalha perdida. Eu estava ganhando terreno entre as EENS. — Esta é a Sarah — Morgan apontou com o polegar para o lado. — Ela está puta da vida porque ela e o Brett brigaram ontem à noite por causa de uma fã. Ele joga na segunda base.

Anuí.

— Sei, ele é um gato. Imagino que a mulherada deve cair matando.

Sua atitude presunçosa desapareceu e os ombros baixaram.

— Uma vagabunda idiota teve a coragem de sentar no colo dele quando eu fui ao banheiro. Ele não fez nada... bom, não muito. Levou na brincadeira, segurou na cintura dela e tudo! — Ela fez uma careta e soltou um som estranho, como se fosse um animal moribundo.

Aparentemente, me enturmar com mulheres era mais fácil do que eu pensava. Eu só tinha Gin e Maddy, mas o meu grupo de amigas estava crescendo. Acrescentei Jennifer, que estava em Malibu, grávida e feliz, e, é claro, a irmã de Tony, Angie, que também estava grávida e feliz, mas esse tipo de experiência era novo para mim. Parecia que, se você falasse mal do seu namorado, seria inserida na panelinha. Tomei nota desse estranho comportamento, permiti que ela reclamasse, se lamentasse e depois chorasse sobre o fato de que seu namorado era um idiota. No fim da primeira entrada, eu já era sua nova melhor amiga. Paguei cerveja e cachorro-quente para todas com meus duzentos dólares e comprei uma grande mão de espuma vermelha com o indicador apontado para cima. Era incrível. Eu ia levá-la comigo para onde fosse. Amei.

No primeiro strike da segunda entrada, pulei e gritei muito com minha mão de espuma.

— Mason, manda ver, BABY! Aquele ali é o meu homem. Mason Murphy, marcando um strike atrás do outro! — rugi. E então ouvi os cliques. Vários fotógrafos viraram as grandes câmeras pretas na minha direção. Hora do show. Mandeí beijos para Mason, e em determinado momento ele tirou o boné, levou-o ao coração, colocou-o de volta e marcou mais um strike. Eu tinha de admitir: nós éramos bons naquilo.

No intervalo da sétima entrada, Mason voltou para o banco, que ficava algumas fileiras abaixo de onde eu estava. As EENS tinham lugares excelentes. Com passos firmes, desci até lá perto. Mason se levantou numa das laterais e se inclinou sobre a grade, me agarrou pelo pescoço e olhou para as câmeras. Sorriu e me beijou. Mais uma vez, ele beijava bem à beça. Fizemos aquilo parecer bom para os fotógrafos,

mas, para ser sincera, não teve nenhuma emoção, nenhuma pontada de calor e nada de calcinha molhada. Foi só um beijo bom num cara gostoso.

Quando me afastei, suas sobrancelhas se estreitaram.

— Essa porra não provocou nada em você, hein? Assim você magoa um cara, gata — ele sussurrou em meu ouvido e se afastou, os olhos verdes encarando os meus. Não eram os olhos verdes nos quais eu queria me afogar agora.

Abri um grande sorriso, coloquei as mãos ao redor de seus ombros largos e me agarrei a seu pescoço. Ele virou meu boné para trás e eu encostei a testa na dele.

— Desculpa. Eu fico pensando na Rachel. — O que não era totalmente verdade. Eu estava triste pela loira tímida que obviamente cobiçava o Mason. E definitivamente havia algo entre os dois. Mas eu estava, principalmente, de coração partido por causa do Wes.

Mason segurou minha nuca, beijou minha testa e se afastou de novo.

— Não pense nela. Eu não estou pensando. — Seu tom era cheio de bravata, mas faltava sinceridade. — Até mais tarde, gata. — Observei-o sair, fingindo desejar meu astro de beisebol gostoso. Em outra situação eu o desejaria, mas não estava me sentindo eu mesma. Desde que ouvi a voz de Gina DeLuca no telefone de Wes, perdi um pedaço de mim. O ímpeto que normalmente se agitava abaixo da superfície agora se resumia a uma dor maçante, me fazendo cumprir cegamente as obrigações de trabalho.

Era injusto e completamente ridículo presumir que ele esperaria por mim, especialmente quando eu transava com quem queria. Entretanto, para mim, quando ele foi a Chicago me ver, alguma coisa mudou, e eu pensei que talvez pudesse esperar *por ele*. Sexo é sexo. Eu gostava. Toda mulher com sangue nas veias gosta. Só que o sexo com Wes era mais que uma experiência. Era uma mudança de vida. Alec era incrível na cama; divertido, sensual, exótico e maravilhoso. Aproveitei imensamente meu tempo com ele, mas minhas emoções não estavam envolvidas da maneira como estavam com Wes. Eu temia que, mesmo que ele dissesse que as coisas com Gina eram casuais, ela percebesse rapidamente como ele era incrível e, no fim, eu saísse perdendo. Mas acho que eu teria de pagar para ver. Fazer o que era preciso pela minha família era a prioridade.

Nesse meio-tempo, eu me concentraria no trabalho e talvez tornasse a vida de alguém melhor. A começar por Mason. Ele não era uma causa perdida. Eu podia ver um cavaleiro por baixo de toda aquela arrogância. A vida tinha lhe ensinado a viver no presente, e a grana preta que ele ganhava não o fazia aprender coisas como respeitar as pessoas próximas. Eu me perguntei se ele era realmente feliz. Não devia ser, já que precisava contratar uma acompanhante para fingir ser sua namorada. Quer dizer, havia um bando de mulheres gritando seu nome, implorando por atenção. Eu precisava saber mais sobre o jovem Mason. O que o fez se tornar um babaca? O que

o fez ser ou agir como um mulherengo? De qualquer forma, eu estaria aqui o mês todo e não desperdiçaria esse tempo chorando. Não. Eu passaria esse mês tomando todas com um jogador de beisebol gostoso e seus colegas deliciosos.

Que comecem os jogos!



A primeira semana fingindo ser a namorada de Mason “Mace” Murphy acabou sendo divertidíssima. O tempo todo eu me senti como se estivesse em férias. Fui a quatro jogos na cidade, três dos quais eles ganharam, e tinha de admitir que ser namorada de um campeão era incrível! Nós comemoramos como se não houvesse amanhã, só que, dessa vez, todas as reportagens sobre Mason o mostravam com a mesma garota: eu. Ele nunca aparecia fumando e mantinha a bebida sob controle. Nenhuma foto dele bêbado foi parar na imprensa dessa vez. Ele estava se comportando muito bem, conforme noticiavam todos os jornais de segunda categoria que gostam desse tipo de fofoca, mas a imprensa ainda especulava quando ele cairia do pedestal e voltaria a ser o bad boy de sempre. Bem, eles podiam esperar sentados. Isso não iria acontecer enquanto eu o estivesse vigiando.

Na semana anterior, tive algum tempo para refletir a respeito de meus sentimentos com relação a Wes e Gina, a quem carinhosamente passei a me referir como “Wesina”, só para manter a raiva queimando em meu peito. Não era justo, mas eu vinha evitando os telefonemas e as mensagens de Wes. Eu recebia um de cada por dia, desde a outra semana, quando descobri que ele estava pegando a gostosona de Hollywood. E sabia que, se quisesse manter proximidade de Wes, mesmo que só como amigos, precisava responder. Por isso, quando o telefone vibrava com uma mensagem dele, eu não a ignorava imediatamente nem a excluía.

Pensando em você nas externas. Isso aqui me faz lembrar de você. Sempre vai fazer. Por favor, fale comigo.

Com a mensagem, ele anexou a foto de uma praia linda. Na areia, uma única prancha. Eu sentia falta de surfar. Quando finalmente voltasse para a Califórnia, estaria tão sem prática que precisaria que ele me ensinasse tudo de novo. Esse pensamento me fez rir. Sem refletir muito, respondi:

Parece o paraíso. Pegue umas ondas por mim, tá? Saudade de surfar com você.

Antes que eu pudesse colocar o telefone na bolsa, ouvi o toque de mensagem recebida.

Ela está viva! Porra, linda. Fiquei com medo de você nunca mais falar comigo. Fico feliz que não seja o caso. Como você está?

Beisebol, Boston, bebida... Não poderia estar melhor.

Parece um sonho realizado. E as outras letras do alfabeto?

Revirei os olhos e comecei a digitar furiosamente. Fazia muito tempo, e a tensão era grande entre mim e Wes. Era preciso encontrar algo que funcionasse para nós dois. A verdade era que nós nos importávamos profundamente um com o outro, mas não podíamos ficar juntos no momento. Só que isso não significava que não devíamos encontrar uma maneira de superar o fato de que tínhamos relações com o sexo oposto. Eu não podia esperar que ele fosse celibatário se não estava oferecendo o mesmo.

Quem precisa de outras letras quando está se divertindo com o B?

Claro que ele tinha de me colocar nos eixos e trazer a seriedade de volta justo quando eu estava curtindo nossa provocação casual.

A letra C é muito boa também. Califórnia, cuidado, carinho, compromisso... cacete.

Ri alto. Fazer piada de assuntos sérios era com ele mesmo.

Se não me falha a memória, eu já tive um cacete aí, e foi deliciosamente fantástico.

Sei que minha resposta foi meio ousada, mas eu estava determinada a fazer as coisas voltarem à natureza leve e divertida da nossa relação. Se fosse para manter contato com ele, teríamos que manter as coisas desse jeito, acima de tudo. Sim, saber que ele estava transando com Gina me machucou, mas eu tive uma semana para pensar e, mesmo querendo muito largar tudo, pegar o primeiro voo para a Califórnia e reivindicar o meu homem, isso não ia acontecer. Eu tinha esperança de que Wes mantivesse as coisas casuais com Gina, mas, se ele não fizesse isso, não haveria outra opção além de aceitar. Eu havia deixado claro que aquele não era o nosso momento. E me agarrei a essa decisão, ainda que me matasse por dentro.

Ele vai estar disponível no instante em que você quiser uma próxima rodada, linda.

Você é maluco! Vá surfar. Não deixe as ondas passarem. Nos falamos de novo em alguns dias. O dever me chama.

Maluco por você.

Foi a última coisa que ele mandou antes de sumir. Maluco por mim. Eu também estava maluca por ele, mas não colocaria as coisas num tom sério novamente. Nós precisávamos de tempo, bastante tempo para superar aquele golpe. Ele sabia que eu transava com outros homens, e eu sabia que ele estava transando com Gina. Essa era a realidade.

— O que foi que iluminou o seu rosto, gata? — Mace perguntou, entrando no meu lado da suíte de hotel em Nova York com um impressionante terno de três peças. Meu Deus, o homem ficava lindo de uniforme e usando jeans desbotado com um rasgo no joelho, mas de terno... ele projetava um ar poderoso que me encantava. Muito. Mason sorriu, mexeu as sobrancelhas e girou lentamente, me dando uma visão panorâmica. — Gostou?

Assenti com a cabeça.

— Você sabe que sim. Não vejo a hora de a Rachel te ver assim. Ela se escondeu a semana inteira.

Os lábios de Mason se curvaram em uma careta.

— Você tem uma ideia errada sobre a Rachel e mim. Precisa tirar isso da cabeça. Desta vez eu discordei.

— Não mesmo. Eu vi o jeito como vocês se olharam na semana passada. Ela está a fim de você, mas não sei por que está se escondendo.

— Ela não está se escondendo. É ela quem vai nos levar até a Power Up.

Foi quando ouvimos uma batida na porta. Dei um largo sorriso e corri tão rápido quanto meus saltos agulha permitiam. Abri e lá estava ela, vestindo outro tailleur, dessa vez cinza. Uma blusa rosa suave destacava o tom de suas bochechas e dava brilho à pele. O cabelo loiro estava amarrado em um rabo de cavalo baixo. Ela o havia prendido de um jeito legal, com o elástico coberto pelo próprio cabelo, magicamente enrolado. Eu precisava descobrir como ela fazia aquilo. E ensinaria o truque para Gin e Maddy.

— Oi, Rachel, tudo bem? — Escancarei a porta. Ela me olhou de cima a baixo. Eu estava usando saia lápis de couro e blusa branca de tecido fino. A saia evidenciava minha bunda, e a blusa esvoaçante tinha um decote que eu achei atraente. Definitivamente, algo que a namorada sensual de um jogador usaria.

Ela se encolheu.

— Essa roupa é sexy demais. A saia devia ser usada com uma camisa social. —

Seus lábios se franziram de um jeito bonitinho, mas ainda assim acusatório. Pela primeira vez, me senti desamparada.

— Hum, tudo bem. Eu não trouxe nenhuma camisa social. Achei que elas combinavam só com calças.

Foi quando Mace apareceu. Só o fato de ele entrar na sala fez Rachel perder o fôlego. Ouvi quando ela inspirou ruidosamente e prendeu a respiração. Seus olhos se arregalaram, e ela mordiscou o lábio inferior de forma sensual. A garota estava louca por ele. Por que raios ele não enxergava? Eu me virei e observei quando Mason, lentamente, deu uma voltinha, se exibindo pela segunda vez naquela manhã, e dessa vez fazendo disso um grande acontecimento, para sorte de Rachel.

— Será que isto aqui está bom para o garoto-propaganda do isotônico Power Up e da Quick Runners?

Rachel assentiu em silêncio.

— Aparentemente você está perfeito e eu pareço uma periguetete — murmurei e peguei minha bolsa. Os olhos de Mason se estreitaram. Ele passou um braço ao redor da minha cintura e me puxou para perto. Bati em seu peito e ele me olhou, demonstrando preocupação. Eu me virei para Rachel, que imediatamente desviou o olhar.

— Ei, você está perfeita. Sexy pra cacete. A mídia te viu de jeans e camiseta a semana toda. Agora é hora de aparecer chique e jovial. Exatamente como eu gosto das minhas mulheres. Além disso, você acha que os mandachuvas iam acreditar que eu estou com uma profissional metida a besta e formal? — Vi os ombros de Rachel caírem com esse comentário. Em sua cabeça, ela era a própria definição de profissional metida a besta, e era um tanto formal. Aquilo não era nada bom para a minha Operação Juntar Rachel e Mason. Novas táticas teriam de ser elaboradas e postas em prática se eu quisesse ter alguma esperança de sucesso.

Beijei o rosto de Mason e limpei a marca de batom de seu maxilar bem barbeado.

— Por falar em sexy, a Rachel não está gostosa com essa roupa? — Fiz um gesto na direção dela.

Os lábios de Mason se curvaram para cima, mostrando as covinhas lindas de morrer.

— Eu pegaria — foram as palavras estúpidas que saíram de sua boca. Você pode tirar o jogador de Boston, mas não o jogador de dentro do cara. Soquei seu braço.

— Quantas conversas vamos precisar ter para você parar de agir feito um babaca? Ele esfregou o ombro.

— Desculpa, Rach, mas eu te comeria fácil. — Dei mais um soco nele. — Ai, merda, para de me bater.

— Para de agir como um idiota!

Foi quando Rachel se intrometeu:

— Parem vocês dois! Mia, está tudo bem. Já estou acostumada com o comportamento grosseiro do Mason.

Eu me encolhi e coloquei a mão no quadril.

— Isso não muda o fato de ele ser imaturo e mal-educado.

Rachel riu, e pareciam sinos tilintando. Até a risada dela era doce.

— É verdade, mas obrigada pelo elogio, sr. Murphy.

Um calor intenso me atingiu, como uma parede de fogo. Mason praticamente rosnou a resposta:

— Quantas vezes tenho que te pedir pra me chamar de Mason ou Mace, Rachel? A gente se conhece há dois anos. Já estamos além do profissional. Pelo menos eu quero acreditar que estamos.

Ela ergueu os olhos para encontrar os dele, juntou as mãos e entrelaçou os dedos.

— É, hum, você está certo. Estamos, sim. Peço desculpas. Velhos hábitos e tal. Podemos ir?

— Devo me trocar? — perguntei secamente, querendo mesmo saber. Eu estava ali para melhorar a imagem dele. Achei que estivesse arrasando no visual, mas, aparentemente, eu precisava aprender.

Rachel olhou para mim mais uma vez.

— Você está muito bonita, Mia. Como sempre. Desculpe, eu não me expressei bem. Está tudo certo. Não vamos deixar nossos potenciais patrocinadores esperando. — Ela abriu a porta e nós três saímos.



A equipe da Power Up era surpreendentemente chata. Para uma empresa que produzia bebidas esportivas para jovens atletas, não poderíamos ter encontrado um grupo mais maçante. A decoração dos escritórios era toda em preto e branco, com fotos da bebida em um fundo branco revestindo as paredes. Não havia nenhuma imagem divertida de pessoas praticando esportes radicais, como escalada, ou participando de corridas de moto, segurando uma garrafa de Power Up, como eu esperava. Se alguém me perguntasse — coisa que eles não fizeram, claro, então fiquei quieta —, eu diria que eles precisavam mais de Mace do que Mace deles. Se tivessem alguma esperança de concorrer com os gigantes, como a Gatorade, eles também precisariam mudar a própria imagem.

Contudo, Rachel foi muito persuasiva e deixou claro por que podia comprar tailleurs sob medida com o dinheiro que Mason lhe pagava. Ela conquistou a sala, e aqueles homens comeram em sua mão. Não só prometeu aos executivos da Power Up que Mason estaria ainda mais na mídia, como mostrou que seu histórico no beisebol era a prova de que ele estava na liga principal para ficar, e que os jovens adoravam ver um bad boy se transformando em um cara legal. Ela até sugeriu

maneiras diferentes para que a equipe trabalhasse com Mason a fim de melhorar a imagem da companhia e disse que sua assessoria ficaria feliz em estabelecer uma parceria com o marketing para desenvolverem as melhores campanhas, o que faria as duas empresas alcançarem um novo patamar. E, então, o agente falou sobre dinheiro.

Aparentemente, ser garoto-propaganda de bebida esportiva rendia milhões. Quando começaram a falar sobre somas na casa das dezenas de milhões de dólares, quase coloquei para fora o café da manhã. Eu não imaginava que alguns comerciais, sessões de fotos e de autógrafos valiam todo esse dinheiro. Por outro lado, eu estava recebendo cem mil dólares para me sentar ali e ficar bonita. Existiam pessoas malucas em todo lugar. Aquela era só a maneira como a outra metade do mundo vivia, e, agora que eu era uma namorada-troféu, podia presenciar aquilo ao vivo e em cores.

Quando terminamos com os executivos da Power Up — os quais disseram que considerariam tudo o que foi discutido e tomariam uma decisão na semana seguinte —, pegamos uma limusine para nos encontrarmos com o pessoal da Quick Runners. Eles estavam cotados para ser a próxima Reebok ou Nike e só precisavam de uma porção extra de carisma para seguir em frente. Mason Murphy, o melhor arremessador do momento, era a carta na manga. Rachel se certificou de que a equipe soubesse que isso era verdade. O escritório era o oposto daquele da Power Up. Enquanto no outro a equipe era composta de executivos de terno, este parecia repleto de recém-formados vestindo jeans, camisa polo e tênis. Deixamos a empresa com um compromisso verbal de outro contrato milionário. Desde que Mason mantivesse a boa imagem, eles estariam dentro.

Quando chegamos ao elevador, a equipe acenou e um bateu na mão do outro em comemoração, enquanto as portas se fechavam. No segundo em que aquilo aconteceu, Mason se virou para Rachel e apertou suas bochechas:

— Você. É. Incrível! — E então a puxou para si e deu um grande beijo nela. Fiquei no canto, com a mão no peito, tentando não gritar de alegria. Quando ela se afastou, parecia confusa e zozza. Ele se virou, me segurou pela cintura e me deu um abraço, e eu gritei e pulei em seus braços.

— Você viu aquilo? Viu a nossa garota mandando ver? Puta merda! Foi incrível!

Mason passou o braço sobre os ombros de Rachel e a puxou para seu lado, envolvendo a nós duas em seu abraço.

— Senhoras, hoje foi uma grande vitória para o time Murphy.

Eu ri.

— Time Murphy?

Ele assentiu com a cabeça vigorosamente.

— Sim, time Murphy. Você — ele sacudiu meu ombro —, a nossa rainha, Rachel... — balançou o ombro dela — ... e, é claro... o bonitão: eu.

Rachel e eu suspiramos.

— Você se acha, né?

— Sim, eu me acho. E agora é hora de acharmos outra coisa... um bar pra encher a cara!

Os olhos de Rachel se arregalaram.

— Mason, não podemos cair na farra. Tem muita gente de olho, e você tem jogo amanhã à noite.

— Verdade. Então a gente convida alguns dos caras e as namoradas para irem até a minha suíte. Vamos pedir pizza e cerveja. Noite de diversão. Está dentro?

Cerveja, rapazes, pizza... ah, sim.

— Claro que sim! — respondi. — Vamos, Rach. Você tem que comemorar, relaxar, soltar o cabelo.

Os olhos de Mason foram para os cabelos dourados de Rachel.

— Taí uma coisa que eu nunca vi. — Sua mão se aproximou do rabo de cavalo, segurou-o com firmeza e soltou. — Eu queria ver um dia esse cabelo dourado solto, emoldurando o seu rosto. Tão lindo. — Ele se inclinou para perto dela e, desta vez, meus olhos se arregalaram. Ela parecia pronta para desmaiar, de surpresa ou de medo. Talvez um pouco dos dois. Mason cheirou a pele perto da orelha. — Caramba, você tem um cheiro bom. É a porra do cheiro de amêndoas que eu sempre sinto. É você. Sempre foi você. É gostoso demais — ele rosnou em seu pescoço e inalou ruidosamente antes de se afastar, olhando para Rachel como um leão diante de um bife suculento.

Então as portas do elevador se abriram e o feitiço se quebrou. Rachel saiu para a noite de Nova York tão rápido quanto seus saltos agulha permitiam.

— Hora de voltar, pedir as pizzas e a cerveja. Quer ligar para os seus amigos, Mason? — Ela pegou o telefone e ignorou o olhar decepcionado no rosto dele, que fechou os olhos, respirou fundo e entrou na limusine.

— Sim, Rach, eu vou ligar. — Sentei ao lado dele e coloquei a mão em seu joelho, confortando-o. — Viu? Eu disse — ele falou e levou o celular ao ouvido.



Nossa suíte estava cheia de jogadores do Red Sox e, curiosamente, alguns dos Yankees. Havíamos pedido dois barris de chope e umas vinte pizzas, que estavam sendo devoradas à velocidade da luz. As mulheres superavam os homens em presença, o que eu achei absolutamente estranho. Fazia sentido que a proporção fosse de um para um, mas aparentemente alguns dos caras solteiros convidaram fãs e por aí vai. Agora havia mulheres vestidas normalmente, de calça jeans e blusinha, e as vadias tentando pegar jogadores da liga profissional para marcar pontos.

Com o passar do tempo, a festa foi ficando selvagem. Tanto que acabei no meu

quarto, sentada na cama, dividindo uma garrafa de Jameson com Rachel.

— Se você quisesse o Mason, poderia ter, sabia? — eu disse descaradamente, a bebida soltando minha língua.

Ela fez uma careta e um barulho com a boca que parecia ar escapando de um pneu. Depois apontou para sua roupa, agora desganhada.

— Você acha que ele quer isso aqui? — Ela ainda usava a elegante saia lápis cinza, mas a blusa rosa estava desabotoada, amassada e metade para fora da saia. O rabo de cavalo estava frouxo, o rímel borrado. Eu nem queria saber da minha aparência. Já havia tirado a blusa cara, que substituí por uma regata, embora tivesse mantido a saia de couro, pois ela era “duca”, como minha amiga Ginelle diria. A gente usava essa expressão em outros tempos. Quando gostávamos muito de alguma coisa, falávamos que era “duca”, para não usar o palavirão completo na frente das pessoas.

Fiquei de joelhos, fui para trás dela e soltei seu rabo de cavalo. Os longos cabelos dourados emolduraram o rosto perfeitamente, salientando sua beleza.

— Uau. Você está linda — falei, me inclinei, tomei um gole do uísque e devolvi a garrafa para ela. Peguei um lenço, lambi e esfreguei o rímel borrado de seu rosto. — Pronto. Agora você está superlinda! Mas precisa relaxar um pouco. Está sempre tão preocupada com tudo. — Eu me arrastei e caí sobre o travesseiro.

Rachel contorceu os lábios, do jeito que me acostumei a vê-la fazer. Isso demonstrava que ela estava refletindo antes de responder. Eu gostava dessa sua característica.

— É, você tem razão. Eu devia ser mais parecida com você. Livre, jovem e pronta para dominar o mundo! — Ela ergueu a mão em punho, mas faltava jeito. Parecia a Estátua da Liberdade segurando a tocha.

Sem conseguir me segurar, sorri, depois dei uma risadinha, então soltei uma gargalhada, rindo tanto que grunhi como um porco.

Ela apontou para meu rosto e riu também. Finalmente, quando consegui me controlar, apertei sua mão.

— Você devia cair matando em cima dele. Hoje! — Segurei seu rosto, e os olhos dela se arregalaram.

— O quê?! — Eu estava esmagando suas bochechas, então as palavras soaram como o grasnado de um pássaro, o que me fez rir de novo. Dessa vez me controlei mais rapidamente.

— É sério! Chegue para o Mace e diga que gosta dele!

Rachel abriu a boca e balançou a cabeça.

— Você acha que eu devo dizer que gosto dele? Que eu gosto dele... mais do que como amigo?

Por que aquilo me soava familiar? Meu cérebro estava zunindo, flutuando em um

lago de uísque irlandês, então eu não conseguia nem somar dois e dois, mas a ideia parecia boa.

— Eu vou te ajudar! — Puxei-a para fora da cama. Então ataquei os botões de sua blusa, abrindo dois deles para conseguir uma boa extensão de pele aparecendo no decote arredondado.

Ela bateu em minhas mãos.

— O que você está fazendo?

Gemi.

— Dã. Tem quatro coisas que os homens gostam. Primeiro, seios. Você tem um pouco, e nós precisamos mostrar. — Ela assentiu e empinou o peito, como se o estivesse oferecendo. — Bom, isso é bom. Faça isso quando vir o Mace! Tá. Segundo: os homens gostam de cabelo. — Afofei o dela e fiz com que parecesse macio e sexy. — Ótimo. — Apertei os lábios entre dois dedos e me desequilibrei. — Bunda! — Apontei para ela, virei-a e chequei seu traseiro. A fenda da saia era tão pequena que me agachei e abri um pouco a costura, para mostrar mais seus atributos. Então bati em seu traseiro pequeno. — Excelente!

— Não estou certa disso — Rachel disse em voz baixa.

— Não. Não. Não. Vai ser incrível! — Pressionei os dedos na testa. — Não consigo lembrar em que número eu estava, mas... boca! — Fui até minha bolsa de maquiagem, peguei um gloss e o passei em Rachel. — Os homens gostam de ver lábios brilhantes. Eles ficam pensando que você vai chupá-los. Você quer chupar o pau do Mason? — perguntei, bêbada.

Suas bochechas ficaram vermelhas, mas, em um sussurro ofegante, ela respondeu:

— Quero.

— Certo. Essa vai ser a fase dois. Na fase um, você vai chamar a atenção do Mason e dizer que gosta dele. — Peguei a garrafa de Jameson, tomei um bom gole e deixei a bebida queimar minha garganta antes de entregá-la a ela. — Sua vez. — Ela seguiu meu exemplo, e depois nós voltamos para a festa. Eu tinha uma missão e, apesar de ela ser boba, eu estava convencida de que funcionaria.

Cara, como eu estava errada...



Lembra daquele velho ditado: “De boas intenções o inferno está cheio”? Quem disse isso sabia do que estava falando. Eu não tinha ideia do que iria acontecer quando deixamos o conforto da nossa festa particular, mas o clima da reuniãozinha regada a pizza e cerveja tinha mudado consideravelmente. Havia pessoas em toda parte! E fumaça, mas não apenas do tipo que você sente numa loja de cigarros. Não. Era do tipo que você descola com um cara chamado Bud, que garante que pode te levar a uma realidade paralela em uma tragada. Aquilo não era bom.

As pessoas estavam se esfregando ao nosso redor. Tive que cravar as unhas em Rachel para me certificar de que não a perderia naquela esfregação. Que raios havia acontecido e por quanto tempo nós havíamos ficado naquele quarto? Levando em consideração que eu não conseguia andar em linha reta, devia ter sido bastante tempo. Eu não reconhecia ninguém, até que, finalmente, encontrei a suíte de Mason.

Eu não estava pronta para o que estávamos prestes a ver, mas a doce, inocente, apaixonada e delicada Rachel estava totalmente despreparada. O quarto estava escuro, e a música, muito alta. Não dava para ver nem ouvir nada. Segurando sua mão, puxei-a para dentro, imaginando que Mason estivesse dormindo. Que maneira melhor de surpreendê-lo que com a mulher quente e macia por quem ele se derretia? Mas claro que não foi isso o que aconteceu. Finalmente encontrei o interruptor e acendi a luz.

Mason estava na cama, mas não sozinho. E com isso quero dizer que ele não estava só com uma mulher. Havia duas fãs seminuas com ele. Em choque, horrorizada e assustada, vi o pau de Mason sendo sugado por uma morena que parecia — pelo menos para o meu cérebro cheio de bebida — ter uma técnica excelente. Ela conseguia levá-lo até o fundo da garganta com facilidade, e essa era uma habilidade e tanto. E aí, é claro, havia uma loira curvilínea de frente para a parede, uma perna de cada lado da cabeça de Mason, a bunda empinada brilhando enquanto girava os quadris. A língua dele estava claramente entrando e saindo de dentro dela. Ele a lambia como um profissional, devorando sua carne enquanto ela se balançava de encontro a ele, como se estivesse montando um garanhão. Foi a coisa mais erótica que eu já vi. Então, embora eu quisesse me sentar e assistir ao show, talvez me tocando até chegar lá, finalmente ouvi um soluço em meio à sinfonia de gemidos.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Rachel, e sua mão delicada cobria a boca. Quando eu ia tirá-la de lá, ouvimos a loira gritar:

— Vou gozar!

Olhei para trás e vi Mason agarrar a bunda dela e rosar em seu sexo enquanto ela gritava. Então, os quadris dele dispararam para cima e a morena começou a se masturbar enquanto o chupava com força. Ele gozou na boca da garota e o esperma escorreu pelas laterais enquanto ela gozava com ele. Puta merda. Eu nunca tinha visto nada tão sensual em toda a minha vida. Quando me virei em direção a Rachel, ela havia ido embora. A porta estava entreaberta e ela escapara. Eu estava bêbada demais para ir atrás dela e consolá-la.

— Merda. — Soltei uma lufada de ar.

— Quem é você? — A morena se sentou e limpou os lábios com o dorso da mão.

Cruzei os braços. Mason se afastou da loira e olhou para mim.

— Mia, gata. Estas são... é... — Ele olhou para a esquerda e para a direita. — A Boceta Deliciosa e a Superboqueteira. — Ele riu e as meninas sorriram.

— Sério? Eu te trouxe a merda de um presente — rosnei e coloquei a mão na cintura, batendo o pé.

Os olhos vidrados e as bochechas coradas provavam que ele não estava apenas feliz e saciado, mas também bêbado e, possivelmente, fumado. E as duas coisas eram péssimas para sua imagem. Graças a Deus estávamos em nossa suíte particular, ou ele correria o risco de perder os novos patrocinadores.

— Por favor, me diz que está debaixo da sua roupa. Eu coloco essas vadias pra correr, se for pra provar o sabor da sua boceta.

Respirei fundo.

— SEU IDIOTA! Pare de pensar com a porcaria do pau!

Naquele momento, o dito-cujo já estava duro, pronto para a segunda rodada. Dei uma olhada nele. Era um pau muito bonito de se ver. Longo, grosso e duro. A morena envolveu uma das mãos nele e o esfregou para cima e para baixo. Ele gemeu, mas manteve os olhos em mim.

— Tem certeza que não quer um pouco? Estou oferecendo.

Balancei a cabeça.

— Eu trouxe a Rachel aqui. Ela veio dizer que gosta de você. Mas aí ela te viu comendo essas duas e saiu correndo.

Foi o suficiente. Ele empurrou a morena e se levantou da cama.

— A Rachel veio aqui? — Ele apontou para o chão. — Aqui? — Assenti. — Ela me viu transando com essas piranhas? — Fechei os lábios em uma carranca e olhei para ele como o imbecil que era. — Que merda!

— Tudo bem, baby. Volta pra cá. É a minha vez de te chupar — a loira falou.

Ele fez uma careta e se sentou na cama.

— Saíam do meu quarto — rosnou. A morena não entendeu o recado. Colocou os braços ao redor dele e esfregou os seios falsos em suas costas.

— Vem, baby. Nós vamos fazer você se sentir melhor.

— Saíam agora! — ele gritou, depois se levantou e entrou no banheiro.

— Vocês são surdas? — Abri a porta.

— Você quer o Mason só pra você.

— Bom, como eu sou a namorada dele... tenho que concordar. Pra fora!

Eu havia acabado de enxotar as garotas quando Mason saiu do banheiro vestindo uma calça jeans e começou a procurar uma camiseta na mala.

— Tenho que encontrar a Rachel.

Esfregando o rosto, segurei sua mão.

— E dizer o que para ela? “Desculpe por me pegar transando com duas vagabundas”? Acho que não vai funcionar.

Ele passou as mãos no cabelo e caiu sentado na cama.

— Não posso deixar isso assim.

— Tecnicamente, você não deve nada a ela. Além disso, a culpa foi minha.

Ele soltou um suspiro dolorido.

— Não, você só estava tentando ajudar. Mas, como de costume, comecei a pensar com a cabeça de baixo.

— O que aconteceu? — perguntei. Quando o deixei, ele estava comendo pizza com os caras.

Mason balançou a cabeça.

— Num minuto eu estava conversando com os meus camaradas. No minuto seguinte, percebi que você e a Rachel tinham sumido. As duas fãs estavam dando em cima de mim, e, quanto mais eu bebia, menos me importava. Só queria sentir... alguma coisa. Sabe como é? Procurei você e a Rachel, mas elas continuaram no meu pé e eu fui fraco. — Seus ombros caíram. — Você me odeia?

Sentei a seu lado e coloquei o braço ao redor de seus ombros.

— Não, eu não. O que eu vi foi incrivelmente sexy. — Ele riu de maneira suave. Cara, ele era bonito quando abria um sorriso de verdade. — Só acho que a sua garota, aquela que você realmente quer, não achou tão sexy quanto eu. Ela ficou muito triste. Chorou e tudo o mais.

Ele levantou a cabeça.

— Ela estava chorando? Sinceramente, Mia, eu imaginava que ela era a fim de mim, mas nunca foi desse jeito entre a gente. Ela sempre foi intocável. Perfeita, profissional, bonita, o pacote completo. Uma mulher como ela nunca ficaria com um cara como eu. Nós estamos em níveis completamente diferentes. — Ele esfregou o queixo, e o som da barba por fazer de encontro à palma calejada fez minha coluna se arrepiar. Me fez lembrar de outra época, de outro cara que eu adorava.

— Eu entendo. Tem um cara de quem eu gosto também. Totalmente fora do meu alcance, mas eu gosto de pensar que, quando for a hora certa, nós dois vamos estar no mesmo nível ao mesmo tempo. Acho que pode ser assim com você também.

— Você gosta de um cara?

Sorri. Claro que era nisso que ele ia se concentrar.

— Gosto, mas este não é o momento certo. Quando for, *se* algum dia for, vai acontecer. E vai dar certo. Eu tenho que acreditar nisso. Mas você pode fazer alguma coisa agora.

Mason olhou ao longe e pousou os olhos verdes de volta em mim. Eles estavam suaves, quase implorando, como se eu tivesse a resposta para todas as perguntas que ele queria fazer.

— Mostre para ela o tipo de homem que você pode ser. O tipo de homem que você é aqui. — Aponte para o seu coração. — Viva como o homem que você quer ser. Ela vai voltar.

— Você acha?

Abri um grande sorriso e o abracei. Ele cheirava a sexo e perfume barato.

— Eu sei.

— Obrigado, Mia. Você é bem legal, sabia?

Ri em seu pescoço.

— Você também é, mas está cheirando a bordel. Faça um favor ao mundo e vá tomar uma ducha. Vou dar um jeito nas coisas com a Rachel. E você, dê um jeito em si mesmo.

Ele se ergueu e me ajudou a levantar.

— Vou dar um jeito em mim.

— Enquanto isso, pode arrumar uma maneira de pôr essas pessoas pra fora? Não consigo dormir com gente transando no sofá, fumando baseado, estranhos por toda parte e música alta.

Ele abriu a porta que dava acesso à área comum e foi colocar um ponto-final na festa.

— Puta merda! Nunca mais vamos chapar desse jeito.

Abafei uma risada.

— Nunca diga nunca.



O resto de nossa estadia em Nova York passou num piscar de olhos. O time jogou três partidas na cidade, perdeu uma e ganhou duas. Até o momento, a classificação deles parecia muito boa. A Quick Runners contratou Mason como garoto-propaganda de um tênis de alta performance por um ano. Servia para correr, caminhar, jogar bola e outras modalidades esportivas. Ainda não havíamos tido

notícias da Power Up. Aparentemente, o pessoal tinha ouvido falar que Mason havia sido contratado pela Quick Runners e queria ter certeza de que ter o mesmo garoto-propaganda seria bom para a imagem deles e para a maneira como queriam executar a campanha. Isso, no entanto, não foi ruim para Mason, pois surgiu também uma empresa de artigos para beisebol e outra de barras energéticas. A notícia se espalhou rápido. Agora, só esperávamos que ele se empenhasse e se mantivesse longe de confusões. Parte disso era ir para casa. Que era para onde estávamos nos dirigindo. Finalmente eu ia conhecer a família de Mason.

Quando chegamos à pequena casa nos arredores de Boston, Mason entrou direto, sem bater.

— Aqui atrás, garoto! — uma voz gritou, acompanhada do som agudo de uma criança.

Mason segurou minha mão e me guiou pela casa incomum. Bichos de pelúcia e bonecas estavam espalhados no chão, onde uma criança devia estar brincando antes de tê-los trocado por outra coisa. Os quartos eram escuros, aconchegantes e familiares. Era possível dizer, pelas fotos nas paredes, que uma mulher já tinha vivido ali. Mas, pela camada de poeira sobre os móveis e a falta de adornos femininos, já fazia muito tempo. No meio de uma das paredes havia uma foto de casamento. A linda ruiva de pele pálida usava um vestido de noiva à moda antiga e estava com os braços ao redor de um homem grande, com cabelos escuros e olhos bondosos. O homem era a cara do filho. Mason havia puxado ao pai.

Seguimos pelo corredor até chegar à cozinha, onde fui instantaneamente envolvida pelo cheiro de carne assada. Minha boca salivou com o aroma de sálvia e alecrim que temperava o que estava cozinhando no fogão. Havia um grande assado em cima do balcão, e um homem, de costas para nós, o estava cortando em fatias e colocando em uma bandeja. Uma menininha ruiva com olhos azuis gigantes me observou de cima a baixo no momento em que entrei. Ela se levantou e bateu palmas. Não devia ter mais que quatro anos.

— Você veio! — ela gritou, do jeito que só crianças pequenas são capazes, com inocência e alegria.

Abri um grande sorriso e o homem se virou. Eu não estava errada. Ele era parecidíssimo com Mason, ou como Mason seria daqui a vinte e cinco anos.

— Oi, pai, essa é a Mia. Ela é minha... hum...

O homem abriu um sorriso enorme e estendeu a mão.

— Você é a mulher que todo mundo diz que é a namorada do meu filho. — Eu não tinha certeza de como Mason queria conduzir aquilo, então fiquei na minha.

— É um prazer, sr. Murphy.

— Pode me chamar de Mick, como todo mundo. Exceto os meus filhos, ou eu dou uma surra neles, se desrespeitarem os mais velhos.

Cutuquei Mason.

— Seu pai é demais.

— É, quando ele está por perto, meu carisma diminui uns cinquenta pontos.

— E não se esqueça disso, garoto! Agora vá colocar a mesa, sim?

Mason começou a pôr a mesa enquanto eu me apresentava a Eleanor, que gostava de ser chamada de Ellie. Ela me guiou por toda a casa, me mostrou cada um de seus brinquedos e depois o seu quarto, que era todo de princesa. Ela tinha muito orgulho dele. Observei o cômodo. Nunca tive nada parecido quando criança. Um espaço com todas as coisas que eu amava. Maddy e eu sempre dividimos o quarto, e nenhuma de nós tinha um tema ou qualquer coisa que pudéssemos chamar de nosso. Fiquei triste pelo que não tive, mas feliz porque, embora Ellie estivesse sendo criada sem uma presença feminina, estavam fazendo o melhor por ela.

Meu coração doeu quando ela colocou uma coroa na minha cabeça e outra na sua.

— Você pode ser a rainha, e eu sou a princesa — ela ofereceu.

Concordei com a cabeça e abracei seu corpinho. Ela me deu um abraço apertado antes que outro sócia da família Murphy nos interrompesse. Eu me perguntei se algum deles se parecia com a mãe.

— Você deve ser a Mia.

Assenti e me levantei do chão. Ellie apertou minha mão.

— Papai, esta é a rainha Mia, e eu sou a princesa Ellie. Você quer ser o rei ou o príncipe? — ela perguntou, séria, quando olhou para o pai.

— Quero que a princesa Ellie lave as mãos para jantar e deixe a rainha Mia voltar para o seu rei — ele disse, entrando na brincadeira.

Ellie olhou para mim com seus enormes olhos azuis, que devia ter herdado da mãe, pois o pai tinha olhos verdes, iguais aos dos outros Murphy.

— Você guarda um lugar pra mim do lado do seu no jantar, rainha Mia? — ela quis saber, com uma vozinha muito fofa.

— Claro que sim, princesa Ellie. Vai ser uma honra. — Eu me curvei e ela bateu palmas, deu meia-volta e saiu para o corredor.

O homem grande com cabelo acobreado e olhos verdes estendeu a mão.

— Desculpe. A Ellie não costuma ter muito contato com mulheres. Sou o Brayden. — Apertei sua mão e a segurei.

— Sem problema nenhum. Eu me diverti. Nem lembrava da última vez que brinquei com uma criança. — E nem podia. Não havia crianças na minha família, e nenhum dos meus amigos tinha filhos. Bem, tecnicamente, duas amigas iam ter bebês, e a família de Tony e Hector tinha crianças, mas não ficou muito próxima quando estive lá. Portanto, essa era a primeira vez em vários anos que eu passava um tempo com uma criança. Foi divertido. Realmente gostei.

Brayden me levou para a mesa, onde me sentei e fiquei conversando com seu pai

e seu irmão. Quando a comida foi colocada sobre a mesa, um turbilhão passou pela porta de trás, derrapando até parar e largando a mochila no chão.

— Caraca, Mace! A sua namorada é gostosa! — um garoto desengonçado e alto, com cabelo ruivo e os mesmos olhos verdes dos outros Murphy, gritou.

— Olha a boca! — Mick censurou, apontando um garfo na direção do menino.

— Pai, desculpa, mas, mano... que garota linda você arrumou, Mace. — O rapaz me olhou de cima a baixo. — Eu sou o Shaun. Tudo bem, gata?

Ah, não, ele não fez isso. Me chamou de gata.

— Não preciso nem perguntar quem contagiou essa mente impressionável. — Olhei para Mason, que parecia constrangido.

— Shaun, não chame as garotas de gata. Elas não gostam.

— Claro que gostam. Eu enfiei a língua numa gata hoje. — Meus olhos se arregalaram, e Brayden tapou os ouvidos de Ellie.

— Garoto, eu juro que corto a sua língua se você não escolher melhor as palavras quando estiver perto da minha filha. E pare de desrespeitar as mulheres. Você está ensinando porcarias para ela! — Seus dentes estavam cerrados, e a pobre Ellie estava batendo nas mãos do pai.

— Papaaaaaiii, para. Não consigo ouvir quando você faz isso. — Ela enrugou o pequeno nariz. — O tio Mace faz isso com você?

Os homens da mesa riram. Eu sorri e toquei seu nariz, dando àquela menina preciosa toda a minha atenção.

— Não, porque eu sou adulta, mas o seu pai está te protegendo de ouvir coisas que não são apropriadas. Ele é um bom pai.

Ela assentiu e deu uma garfada gigante no purê de batata. Suas bochechas estufaram como um coelho gordinho. Balancei a cabeça e olhei para Shaun.

— Se você quiser ter uma mulher no futuro, precisa aprender a chamá-la de coisas que a façam se sentir especial, não só mais uma. Lembre-se disso.

Seus olhos me encararam daquele jeito típico dos adolescentes que só têm sexo na cabeça. Extremamente desagradável.

— Se isso me garantir uma gostosa como você, eu faço o que você falou, gata.

Mason bateu com a testa na mesa. Brayden balançou a cabeça e eu engoli um xingamento. O patriarca, por outro lado, não teve nenhum problema em dar uns tapas em Shaun, o que fez após puxá-lo pela orelha para a outra sala. Quando voltaram, Mason e Brayden tinham um sorriso presunçoso no rosto. Ellie, toda feliz, comeu mais purê e pediu para repetir.

— Desculpa pela grosseria, Mia. Vou tentar ser mais respeitoso — Shaun resmungou, com uma expressão azeda.

— Obrigada, Shaun. É muito amável da sua parte. Agora quero ouvir histórias engraçadas sobre o Mason — mudei de assunto e cada homem, exceto Mason, sorriu

e começou a contar.

Quando o jantar acabou, minha barriga estava tão cheia que eu mal podia respirar, muito menos comer um único pedaço de cheesecake. As histórias foram detalhadas e variadas. Os rapazes passaram horas me contando sobre o louco do Mason. Quando mais jovem, ele era o palhaço da turma. Achava que era o maior inventor do mundo e não tinha absolutamente nenhuma sorte com as mulheres. Achei a última parte inacreditável, levando em conta como ele era agora. O pacote era bom, se você desconsiderasse o jeito babaca inicial, mas estávamos trabalhando nisso e ele estava fazendo um bom progresso. Não o suficiente para Rachel se aproximar, mas eu tinha esperança de que poderia fazer minha mágica.

Os homens arrumaram tudo, outra coisa que achei legal demais: os convidados da família Murphy nunca lavavam a louça, mesmo que houvesse uma mulher entre as visitas. Acho que, na verdade, eles haviam se acostumado a fazer as tarefas domésticas. Era bacana, mas triste. Então, enquanto estavam ocupados, olhei todas as fotos. Havia muitas da mãe, Eleanor, pela casa. Fotos com os meninos separados, com eles todos juntos e de alguns momentos alegres com o marido, Mick. Eles pareciam realmente felizes. Uma família sólida. Aquela mulher havia lutado contra o câncer e provavelmente teria dado qualquer coisa para ficar com a família, enquanto minha mãe saudável tinha uma família feliz que abandonou por causa de seus próprios desejos egoístas. Até hoje eu não tinha certeza de onde ela estava e, apesar de fingir o contrário, eu me importava. Tanto que me deixava irada.

Mason veio por trás de mim e colocou a mão em meu ombro, mas não disse nada.

— A sua mãe era muito bonita.

— Sim, ela era. E era uma mãe perfeita. Cuidava da gente. Quando descobriu o câncer, isso acabou com ela. Se espalhou tão rápido que não deu para fazer muita coisa. Meu pai se culpa até hoje por ela não ter feito os exames mais cedo. Ele só tem quarenta e cinco anos. A minha mãe morreu logo que fez trinta e cinco. Os dois ficaram juntos por dezessete anos e foi perfeito, se você perguntar para o meu pai. Ela sempre dizia que ia fazer o exame quando tivesse quarenta anos, como todo mundo faz. Mas não deu tempo. — Seu tom era triste e cheio da saudade. Era o tom de um homem que havia perdido a mãe. Eu entendia aquilo muito bem.

Pensei na bela Eleanor, que havia ido embora tão nova, com quatro filhos e um marido que precisavam dela. Mas eles cuidavam um do outro e tinham um ao outro; ainda eram uma família.

— A gente devia fazer alguma coisa em homenagem à sua mãe.

As sobrelhas de Mason se estreitaram.

— Como assim?

Enquanto eu pensava, a ideia girou na minha mente e levantou voo. Seria perfeito.

— Quero dizer... sobre o câncer de mama. Se envolver na causa. Você é um

jogador famoso. A gente podia arrecadar dinheiro ou alguma coisa assim; doar o que for arrecadado para o centro de conscientização sobre o câncer de mama de Boston. Nós podíamos arranjar pulseiras cor-de-rosa para usarmos, camisetas para mim e para as EENS. Se a equipe quiser se envolver, vai ser legal. Seria uma homenagem para a sua mãe e ajudaria as mulheres que estão lutando agora. Além daquelas com histórico familiar, que devem começar a fazer o exame antes dos quarenta anos. E isso também seria ótimo para a sua imagem.

Mason sorriu, o dente ligeiramente torto brilhando ao lado dos outros, perolados.

— A gente pode ajudar mulheres como a minha mãe — ele disse, deslumbrado, como se fosse a melhor ideia desde a criação da liga profissional de beisebol. — Eu amei essa ideia! Você é um gênio! — Ele me abraçou e me girou. — Então, o que você acha que a gente deve fazer primeiro?

Durante a hora seguinte, nós comemos o cheesecake favorito de Eleanor, que Mick havia feito em sua homenagem, e conversamos sobre como poderíamos ajudar a informar as pessoas usando a fama de Mason para impulsionar a campanha.



Pense Rosa foi o nome da campanha que criamos. De volta a Boston, Mason e eu botamos a mão na massa. Encomendamos pulseiras de silicone cor-de-rosa com o nome da campanha para distribuir nos jogos e camisetas especiais para as EENS. Pedimos tudo com urgência e tivemos de pagar um preço absurdo para que nos enviassem imediatamente, assim que estivessem prontas. Escolhi a minha camiseta pessoalmente e paguei sem que Mason soubesse. Na frente e atrás tinha o número da camisa de Mason, e em cima estava escrito “Por Eleanor”. Ficou linda, e eu sabia que significaria muito para ele.

Enquanto ele estava no treino, fiquei em seu apartamento e tracei um plano para levantar fundos. Rachel achou a ideia ótima e ficou toda animada. Ela se ofereceu para ajudar a transformar a campanha em algo que realmente arrecadasse muito dinheiro e também colaborasse para a imagem de Mason. Não conversamos a respeito do pesadelo da semana anterior, e ela também não parecia disposta a tocar no assunto. Sempre que ele estava por perto, ela agia de modo estritamente profissional. De alguma forma, eu tinha de encontrar um jeito de fazê-la enxergar Mason com bons olhos novamente, para conseguir promovê-lo a namorado em potencial. Entretanto, no momento eu estava sem ideias sobre como fazer isso. A orgia que Rachel presenciara causou um grave dano na crença de que ele poderia estar a fim dela e provavelmente o fez parecer menos desejável. Para mim ele se tornou *mais* desejável, mas isso porque eu precisava de sexo. Lembrar daquela mulher chupando Mace e da performance selvagem dele com a loira foi o suficiente para algumas sessões de masturbação no chuveiro na semana anterior, mas eu precisava da coisa real. Só que não era Mason quem estava na minha cabeça. Infelizmente, era um loiro bronzeado da Califórnia, que atualmente se encontrava numa locação com a mulher com quem estava transando.

Suspirei e continuei digitando o plano para o evento. Naquele momento, percebi que precisava de reforços. Peguei o telefone e liguei.

— O que manda, sua vaca? — a voz de Ginelle soou através da linha. Fiquei feliz só de ouvi-la. Mas também com saudade de casa.

— Estou planejando uma campanha para levantar fundos.

O som do chiclete sendo mascado e a risada alta de Gin tiraram minha concentração do que eu estava escrevendo.

— Hum, a ideia de levantar o dinheiro de que você precisa para salvar o pops já não está em andamento? Sabe, essa coisa que você anda fazendo deitada por aí? — Ela riu loucamente da própria piada.

— Não é pra mim! — protestei. — É pro Mason.

Um ruído abafado soou do outro lado da linha.

— O jogador de beisebol rico precisa de dinheiro? Por quê?

Gemi.

— Escuta só, vadia. Estamos tentando melhorar a imagem dele e vamos apoiar o centro de conscientização sobre o câncer de mama daqui de Boston. A mãe do Mason morreu muito cedo por causa dessa doença, e ele quer fazer alguma coisa em relação a isso. Como ele está jogando e treinando, estou planejando um evento para levantar fundos e ajudar a melhorar a imagem dele. Faz sentido?

Mais barulho de chiclete. Verdade seja dita, eu preferia esse som ao do trago em um cigarro.

— E em que você está pensando? — ela perguntou. Minha melhor amiga era muito criativa e poderia dar boas ideias. Falei sobre a essência do evento. Íamos realizá-lo em algum hotel luxuoso no centro da cidade. A maior parte do time concordou em participar. Vários amigos de Mason estariam lá. Um DJ famoso aceitou tocar gratuitamente, e o dono de um restaurante, amigo do pessoal da empresa de relações-públicas que cuidava da carreira dele, concordou em oferecer seus serviços e a comida de graça.

— Ah, nós vamos fazer um leilão fechado de memorabilia de beisebol e outros itens doados por amigos dos jogadores. Mas eu não sei... Preciso de alguma coisa que realmente levante um dinheiro alto. Alguma sugestão? — Ginelle ficou em silêncio por tanto tempo que eu não tinha mais certeza de que ela ainda estava lá. — E aí?

— Estou pensando. Não precisa arrancar a calcinha pela cabeça... se é que você está usando uma — ela disse, e tinha razão. Eu não estava usando, porque estava com uma legging que marcava tudo, e ninguém precisava ver marcas de calcinha.

— Cala a boca! — falei.

Gin riu e eu me senti como se estivesse em casa. Meu coração se encheu de amor e alegria enquanto eu esperava pacientemente e fazia buscas no Google sobre outros eventos de caridade para ver o que os organizadores haviam feito.

— Bom, você conseguiu confirmar a presença de vários jogadores gostosos, certo? Pelo menos uns vinte?

— Sim — respondi, sem saber aonde ela queria chegar.

— Então, em vez de fazer um leilão fechado, por que você não leiloa os jogadores? Arranje um leiloeiro, daqueles que falam super-rápido. Mande os caras usarem roupas bem sensuais, tipo smoking... De repente eles podem tirar a camisa.

Mulheres ricas amam essas merdas! — Ela não estava errada. Eu podia ver as mulheres virando champanhe e se matando para conseguir um jogador sem camisa.

— Gin, que ideia brilhante!

Ela bufou e eu pude imaginá-la enrolando uma mecha de cabelo e se gabando.

— Eu sei. Sou boa mesmo.

— É, sim. Eu já disse ultimamente que te amo, amiga?

— Disse o quê? — ela rebateu.

Pensei em como aquilo funcionaria. Eu faria os caras concordarem com um encontro com a mulher que os “comprasse”. Elas teriam de pagar para que eles fossem delas durante quatro horas. Até os casados fariam aquilo pela causa.

— Gin, honestamente, eu acho que isso pode render muito dinheiro.

— Claro que sim. Os caras são gatos. Que perua rica não ia querer um daqueles monumentos em seus braços por uma noite?

Novamente, ela não estava errada.

— Vou bolar um plano. Obrigada, obrigada, obrigada.

— Ah, pode me pagar com fotos dos gostosões sem camisa. E eu não estou brincando. Você vai participar desse evento. Se não me mandar fotos de homens seminus, vou arranjar maneiras de te envergonhar. E não pense que eu não tenho fotos para provar algumas porcarias que você já fez.

— Sua vaca! — respondi, lembrando que ela tinha, de fato, uma caixa cheia de provas dos problemas em que havíamos nos metido ao longo dos anos para usar contra mim. — Você não faria isso!

Ela estalou a língua.

— Claro que faria! Quero que você mande para o meu celular fotos dos homens seminus, um por um... e não se esqueça do Mason. Quero uma desse cretino sexy também.

Ri alto quando Rachel entrou na cozinha, onde eu estava sentada. Acenei e ela foi até a cafeteira, pegou uma caneca e a encheu.

— Tudo bem, sua vagabunda chantagista. — Os olhos de Rachel se arregalaram e ela quase derrubou a caneca. Não tive chance de explicar, mas tentei balançar a cabeça e fazer um gesto que indicava que estava tudo bem. — Você vai ter as suas fotos. Mas assim você dificulta muito a negociação.

— Eu dificulto mesmo! Mudando de assunto, a Mads está muito bem. Aquele menino com quem ela está saindo é bem legal. Eu chequei duas vezes e... ela ainda é virgem, mas acho que não por muito tempo. Ele é bonito, gosta bastante dela, e ela faz de tudo para agradar o cara. É muito fofo. Até agora, ele parece ser um cara legal. Ela poderia ter escolhido muito pior por ser a primeira vez.

Apoiei a cabeça na mão e gemi.

— Você acha que ela vai perder a virgindade com ele? Sério?

— Sim, ela não vai permanecer pura prasempre, Mia. É uma mulher adulta. Tem dezenove anos, pelo amor de Deus. Nossa, eu nem lembro quantos anos eu tinha quando perdi a virgindade, faz tanto tempo. Pra falar a verdade, não lembro de uma época em que eu não estivesse aproveitando um pau gostoso.

Dessa vez eu gemi.

— Gin, não mencione pau e a minha irmã na mesma frase. Você vai me fazer perder a cabeça. E é melhor não incentivá-la a dar pra ele, ou eu te caço, te prendo num poste, corto todo o seu cabelo, passo mel nos seus mamilos e te deixo para as formigas.

— Credo, que coisa horrível. Você faria isso com a sua melhor amiga? Preciso fazer novos amigos. A minha é uma psicopata! — ela gritou e riu alto. Fiz o mesmo ao imaginá-la presa a um poste, com mel sobre os seios e os cabelos cortados.

Controlando o riso, respirei fundo.

— É claro que eu não faria isso. Mas, por favor, da próxima vez que encontrar a Mads, peça pra ela me ligar, tá bom?

— Pode deixar. Tenho que ensaiar o número novo. Me avise sobre o evento e não esqueça da minha recompensa.

Balancei a cabeça.

— Ei, vadia, eu te amo e estou orgulhosa por você ter largado o cigarro. Quero que você fique na minha vida por um bom tempo, para que a gente envelheça juntas, com um monte de gatos e uma casa na praia.

— Eu sempre amei gatos — Gin falou melancolicamente, a voz diminuindo.

Aquilo me deixou com a faca e o queijo na mão.

— Isso porque você é uma gata no cio! — gritei e desliguei antes que ela pudesse responder, rindo de olhos fechados. — Ah, tudo está bem no mundo. — Abri os olhos e dei de cara com uma Rachel chocada.

— Você está sendo chantageada? — Seus olhos estavam muito arregalados.

Ri alto e balancei a cabeça.

— Não! Eu estava falando com a Gin, a minha melhor amiga. É sempre assim entre a gente.

— Vocês se ameaçam e se xingam? — Sua voz estava aguda, e eu não entendia por quê.

— Hum, sim. Você não faz isso com a sua melhor amiga?

Ela balançou a cabeça, aturdida.

— Não, não faço. Nós falamos coisas agradáveis, almoçamos e fazemos compras juntas.

Eu me encolhi. Elas faziam compras juntas. Credo. Isso não era algo que Gin e eu fazíamos juntas. Tomar cerveja, paquerar, apostar, jogar cartas, ir a shows, sim. Fazer compras... humm... não.

— Que chato pra você — falei, sendo extremamente sincera.

— De alguma forma, eu duvido — ela respondeu, petulante, e eu sorri. Ela ainda tinha um pouco de fogo dentro de si. Aquilo era bom. Mason acenderia uma fogueira embaixo dela, tão brilhante que ela se queimaria se não tivesse um pouco do próprio fogo para contrabalançar.



Rachel não ficou animada com a ideia do leilão de homens, mas Mason achou brilhante. Ele convocou todos os jogadores do time, e vinte deles se comprometeram a participar, pois estavam disponíveis no fim de semana, prontos para ser leiloados pela melhor oferta e para tirar a roupa — ou melhor, a camisa — para a caridade. Comprei suspensórios cor-de-rosa para todos usarem e pedi que vestissem belos ternos. O plano era que eles tirassem o paletó e a camisa, ficando só de calça e suspensório. Também pensei em pintar o símbolo do câncer de mama no peito de cada um, bem em cima do coração, com tinta rosa, para dar destaque ao tema.

Quando Mason chegou em casa, veio falar comigo e Rachel, debatendo outras ideias enquanto grelhava carne na varanda e eu preparava os acompanhamentos. Tivemos várias ideias para pôr a campanha em prática num prazo muito curto, e pensamos em maneiras de envolver o pai e os irmãos dele, já que isso também era uma forma de homenagear a memória da mãe. Sugeri que ele pedisse ao pai para ampliar e emoldurar uma foto da esposa de que gostasse muito, para colocarmos em uma das mesas. Outros jogadores que perderam membros da família para o câncer também poderiam exibir fotos de seus entes queridos, para que os potenciais doadores presentes na festa soubessem a verdadeira razão por trás do evento.

Combinamos que o presidente do centro de conscientização sobre o câncer de mama local estaria lá e faria um breve discurso.

— Mia, Rachel, eu tenho que dar crédito a vocês. Vocês são as melhores no quesito planejamento de eventos de última hora. — Mason riu, abraçou meu ombro e beijou meu rosto. Então se aproximou de Rachel, que endureceu.

A voz de Mason ficou baixa, mas eu ainda podia ouvi-lo.

— Desculpa pelo que você viu na semana passada. Aquilo não devia ter acontecido. Aquele não é o tipo de cara que eu quero ser. — Ele olhou profundamente em seus grandes olhos azuis e ela anuiu, mas não respondeu. Mason se aproximou, inspirou contra sua cabeça e beijou sua bochecha. — Obrigado pela ajuda. Você não precisava se envolver nisso tudo.

Rachel levantou a cabeça e piscou, olhando nos olhos de Mason de um jeito adorável. Poderia ser mais óbvio que esses dois estavam a fim um do outro? Eu precisava fazer alguma coisa para conseguir que as coisas caminhassem na direção certa.

— Mason, eu te ajudaria com qualquer coisa — ela disse, num tom igualmente baixo.

Os dedos dele se entrelaçaram nos cabelos da nuca de Rachel. A outra mão segurou o queixo dela, e o polegar acariciou seu lábio inferior. Ela ofegou e eu os observei com muita atenção, esperando que ele tomasse uma atitude e a beijasse.

— O que você está fazendo pela minha mãe significa muito pra mim. Eu nunca vou esquecer. Se você precisar de mim, Rach, eu estou aqui. É só ligar, a qualquer hora ou lugar. Entendeu? — ele falou e se inclinou, beijando a testa de Rachel como se ela fosse preciosa.

Naquele momento, eu entendi. Para Mason, ela era exatamente isso... preciosa. Para ele, Rachel não era como as outras garotas. Ele sentia que precisava tratá-la com todo o carinho do mundo, tocá-la como se fosse um bibelô de cristal. Uau. Quando aqueles dois ficassem juntos, seria especial para ele. Mason podia ser um jogador, mas acho que via um futuro nos olhos de Rachel. E ele queria esse futuro desesperadamente, mas não sabia como conseguir. Que bom que eu ainda tinha duas semanas em Boston para me certificar de que ele ficaria com a garota.

— Entendi, Mace — ela respondeu e sorriu quando ele se afastou e foi para a varanda cuidar dos bifes.

Apoiei a cabeça na mão e esperei até que ele saísse. Rachel observava cada movimento dele se afastando.

— E aí, derreteu? — perguntei, balançando as sobrancelhas.

Ela virou a cabeça em minha direção e estreitou os olhos.

— Não tenho ideia do que você quer dizer. Na semana passada eu estava bêbada e me comportei de forma inadequada. Posso ter dado uma impressão errada sobre os meus sentimentos pelo meu *cliente*. — Ela ressaltou a última palavra, mas eu não sabia se era para convencer a mim ou a si mesma.

Inclinei a cabeça para o lado e tomei um longo gole de cerveja.

— Você não está me enganando e, definitivamente, não está enganando o Mace. Ele está na sua, meu bem. E em breve vai estar em você. — Ri da minha própria piada.

Rachel gemeu e balançou a cabeça.

— Você precisa parar com isso, Mia. Se não se lembra, *você* é a namorada dele.

— Namorada de mentira. Não vamos esquecer disso. Eu estou trabalhando. Os fãs amam esse cara; nós estamos fazendo um trabalho de caridade que só vai fazer bem para a imagem profissional do Mason e mais ainda para o lado pessoal, porque vai homenagear a mãe dele. Ele realmente a amava e sente muito a falta dela. Todos os homens da família Murphy sentem. Ajudando do jeito que está, você prova que se importa, e não só com a imagem do Mason. Você sente mais do que um pouco de atração. Admita. — Dei o ultimato e me recostei.

Rachel umedeceu e mordiscou o lábio. Inclinou a cabeça para frente e concordou.

— Tudo bem. Eu admito. Eu gosto do Mason há um bom tempo. Droga, acho que eu me apaixonei por ele no momento em que nos conhecemos, há dois anos. Mas isso não muda o fato de que eu o vi desfilar com mulheres, beber todas e que passei muito tempo recolhendo os cacos. Fazer isso pode mudar a sua opinião a respeito de alguém.

— Pode e muda — concordei com ela. — Mas, obviamente, não mudou a forma como você se sente, ou você não estaria fazendo isso. Não teria se oferecido para ajudar o Mason a limpar a imagem dele. Você realmente se preocupa com ele e está se despedaçando ao tentar esconder isso. Eu vi a maneira como você olha para ele, como se ilumina quando ele chega. Você não me engana. Pode ter enganado o Mason pelos últimos dois anos, meu bem, mas a cegueira dele passou. Ele te enxerga e gosta do que vê.

Ela passou as mãos delicadas no rosto.

— Como você pode ter certeza? Não quero ser a próxima de uma longa fila de mulheres descartáveis. Prefiro não ter o Mason e continuar na vida dele a ter uma amostra e perdê-lo para sempre quando ele acordar e perceber que eu não sou o tipo de garota que ele gosta. Se você analisar o histórico dele, vai saber que eu não sou. — Ela apontou para mim e fez um gesto circular. — Sem querer ofender, mas mulheres como você são o tipo dele. Curvilíneas, bonitas, sexy, todas as coisas que um homem como ele pode conseguir sempre. — Ela suspirou e apoiou a cabeça na mão.

— Meu amor, eu não sou mulher para casar. Sou o tipo com quem se flerta e se transa. O Mason não vai se contentar com uma mulher como eu. Ele quer o mesmo que o pai tinha. Uma esposa, uma casa, crianças, o pacote todo. Não uma acompanhante com talento para servir mesas, que pode atuar e balançar o mundo de um homem no quarto. Essa última parte me deixa muito orgulhosa, mas não vai garantir o “homem da minha vida”, só o “homem do momento”. Acho que você precisa baixar um pouco a guarda com o Mason, especialmente porque eu vou embora daqui a duas semanas.

Desta vez ela apertou os lábios e se inclinou sobre a mesa.

— Se você estivesse no meu lugar, como daria abertura? Especialmente depois do completo e absoluto desastre que foi a tentativa do último fim de semana?

— A semana passada foi fodida mesmo.

— Não foi só a semana que foi fodida — ela brincou.

Minha boca se abriu em choque.

— Você fez uma piada sobre sexo! — eu ri.

Os olhos dela se arregalaram e suas bochechas coraram.

— Fiz mesmo!

— Ainda existe esperança pra você! — exclamei e nós rimos. — Falando sério, o Mason é muito fácil.

— Não é que é verdade? — Sua resposta veio da mesma forma que a anterior e me surpreendeu.

Balancei a cabeça e cobri a boca.

— Duas numa noite? Pegue a sua agenda, garota. Nós precisamos marcar esta como a noite em que a srta. Profissional perdeu a pose para a sua megera interior.

Ela olhou para a varanda e se aquietou.

— Mas eu preciso saber. Não tenho muita experiência em dar em cima de homens quando eu quero, você sabe... — ela murmurou.

— Transar? — perguntei.

— Uau. Não. Quer dizer, sim... mas eu ia dizer *sair* com ele. Meu Deus, você é igualzinha a ele. Tão grosseira. — Minha nossa. Ela tinha razão? Eu era como Mason? Não, Rachel é que era excessivamente formal. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma, deixando passar a possível verdade daquela declaração.

Torci o cabelo para cima e o preendi apertado, com uma presilha que estava na barra da minha blusa.

— Você vai fazer o seguinte: na festa de caridade do fim de semana, vai tomar algumas taças de champanhe e se soltar. Vai flertar com ele a noite toda. Nada exagerado, você sabe, pequenos toques aqui e ali. — Deslizei a mão de seu ombro até o cotovelo e depois a afastei. — Talvez alguns apertos na mão. — Apertei minha mão na dela e a puxei para ficar de pé, caminhando ao redor da sala de estar. Parei, joguei o quadril para o lado e pisquei exageradamente, desviando o olhar de repente. — Deixe que ele olhe para os seus atributos.

Ao ouvir a palavra “atributos”, os lábios de Rachel se contorceram.

— Eu não tenho atributos — ela resmungou.

Encarei-a como se ela tivesse duas cabeças.

— Garota, toda mulher tem alguma coisa que atrai o sexo oposto. — Examinei-a de cima a baixo. — Você tem um belo par de pernas. Use alguma coisa curta. Consiga um bom sutiã com enchimento e se certifique de que os seus peitos apareçam um pouco no vestido que escolher. — Ela assentiu e eu continuei: — Ah, e cabelo solto. Lembra que ele mencionou que gostaria de ver o seu cabelo solto? Faça cachos largos e suaves, caindo nas costas. Se o vestido mostrar as costas, melhor ainda. — Balancei as sobrancelhas para enfatizar.

— Por quê? — ela perguntou. Eu quis gemer e bater em sua cabeça. Ela era tão ingênua assim? A mulher tinha vinte e poucos anos, pelo amor de Deus. Tinha que ter alguma ideia de como o sexo oposto pensava.

Em vez de dizer isso, apenas respondi:

— Porque, quando os homens veem pele, pensam em sexo. Ter você e sexo no

mesmo pensamento é uma coisa boa quando se deseja ir para a cama com o Mace.

— Eu quero estar com o Mace, não só... hum... ir pra cama com ele.

Dessa vez não consegui controlar a lufada exasperada de ar que deixou meus pulmões.

— Os homens relacionam sexo bom com bons momentos que podem passar com uma mulher. Ter uma excelente vida sexual e ser alguém com quem o Mason queira passar mais tempo fora da cama é uma vantagem pra você. Embora, geralmente, os homens pensem em sexo primeiro. É o instinto animal. Entendeu tudo? Vai seduzir o Mason na festa do fim de semana? — perguntei, argumentando vertiginosamente.

— Vou pensar — ela falou.

Fiz uma careta, mas entendi que não tinha como fazer Rachel acelerar o passo. Ela tinha um jeito de agir, e eu achava que, depois de alguns dias pensando e criando coragem, faria a escolha certa.

— Promete? — encorajei.

Ela abriu um largo sorriso, e era verdade: seu sorriso poderia iluminar um quarto escuro.

— Prometo.

Mason entrou na sala e fechou a porta da varanda, empurrando-a com o pé.

— As duas mulheres mais lindas do mundo estão com fome ou não?

Balancei a cabeça.

— Sempre paquerador — eu ri, e dessa vez Rachel riu também. Eu esperava uma expressão azeda e não uma risada.

Estávamos progredindo.



Entrar no hotel luxuoso para o evento do Pense Rosa deixou Mason e a mim maravilhados. Balões pink forravam o teto, a iluminação refletia as fitas cor-de-rosa que simbolizam o câncer de mama, e nosso slogan, “Pense Rosa”, estava espalhado por todas as paredes, escuras como breu. Um globo disparava partículas de luz branca em todas as direções. Logo os convidados apareceriam e as portas se abririam. Os garçons estavam sendo instruídos em um canto. Todos usavam camisetas rosa com o tema da campanha, e as garotas vestiam uma regata que dizia “Amigas do Peito”. Era engraçado e o tipo de evento que combinava com jogadores de beisebol.

Mason e eu estávamos vestidos com elegância. Ele em um terno preto impecável, com um botão de rosa na lapela, os suspensórios cor-de-rosa que eu pedi que cada jogador usasse e uma gravata estampada com o símbolo da luta contra o câncer de mama. Seu cabelo acobreado estava penteado para trás, e os olhos verdes vagavam, apreciando o local. Mesas altas com toalha preta traziam rosas agrupadas no centro, e pequenas velas que faziam brilhar as pétalas definiam o clima. Era bonito e tinha classe. Jovem e, ainda assim, moderno.

— Mia... — A voz dele falhou, claramente absorvendo tudo e parecendo amar cada detalhe. Sorri com orgulho. Meu primeiro evento de caridade estava incrível. Claro, tinha muito a ver com a loira impressionante que caminhava em nossa direção. Achei que eu estivesse bem, com meu vestido rosa de paetês que captavam a luz e reluziam como o globo acima de nossa cabeça. Mas não chegava aos pés de Rachel, que seguia pelos fundos do salão. Ela usava um vestido tomara que caia de cetim rosa-claro que descia até os joelhos e tinha uma fenda na coxa, marcando a sensualidade com um decote coração que evidenciava os seios. O cabelo estava solto à moda antiga de Hollywood, que estava em voga novamente. Um batom vermelho-vivo cobria seus lábios carnudos. Uma linha fina de delineador fazia o efeito gatinho perfeito em seus olhos azuis. Eu não esperava isso tudo. Ela parecia uma pin-up e ao mesmo tempo uma dama elegante.

Mason ficou em silêncio, olhando-a se aproximar. Sua mandíbula estava retesada e seus olhos queimavam. Ele nunca me olhou daquele jeito. Aquele olhar sensual era todo para a loira alta que me fez sentir positivamente indecente em meu traje chamativo, comparada com sua classe.

— Vocês estão incríveis — ela balbuciou quando chegou perto de nós.

Mason a observou de cima a baixo, agarrou-a pela cintura, acariciou seu rosto e olhou profundamente em seus olhos. Ela não disse uma palavra, apenas permitiu que ele a tratasse de forma dominante, e eu sabia por quê. Porque era viril, muito sexy e, quando um homem como Mace te agarra dessa maneira, você simplesmente aceita e agradece aos céus.

— Você está linda — ele disse, seus olhos procurando os dela. — Todos os homens aqui vão te querer.

— Mas eu só quero um deles — ela respondeu, com total confiança. Se eu não estivesse tentando passar despercebida e ficar longe dos dois, teria batido na mão dela em comemoração. Foi ousado e muito sensual. Eu lhe daria os parabéns mais tarde.

— É mesmo? Alguém que eu conheça? — Ele traçou o rosto dela com o nariz. Ela tremeu visivelmente em seus braços. Quase senti o movimento em meu próprio corpo. Era como assistir a um filme sensual ao vivo, em que apenas eu sabia o que os personagens estavam dizendo.

Ela umedeceu os lábios, e os olhos de Mason captaram o movimento. Ele estava fisgado. Um caso perdido.

— Talvez. Acho que vamos ter que descobrir o que vai acontecer esta noite — ela sussurrou, tão perto da boca de Mason que ele certamente sentia a respiração dela em seus lábios.

— Bom, reserve uma dança pra mim, tá?

Rachel abriu um sorriso misterioso apenas para ele.

— Vou ter que verificar a minha lista. Ver se já não está cheia.

— Vai ter espaço pra mim. Eu vou criar esse espaço. — Ele sorriu, e ela se inclinou em sua direção, em seguida se afastou lentamente. Ele permitiu aquilo, mas eu não tinha certeza se o salão ficou mais quente ou se era só o calor que emanava dos dois.

Um grupo de jogadores chegou, com trajes iguais aos de Mason: terno, flor na lapela e uma abundância de cor-de-rosa. Era incrível. Eu estava ansiosa para ver o resultado do leilão. Pensando nisso, segurei a mão de Rachel e a levei até a mesa em que várias coisas estavam arrumadas para o leilão fechado. Garrafas de vinho muito caras, títulos de clubes, viagens, cruzeiros, aluguel de casas para temporada... O que quer que você imaginasse, estava ali.

— Você convidou pessoas importantes, né?

Rachel pegou uma prancheta e assentiu.

— Sim. Quatrocentas pessoas confirmaram presença, e todas ganham sete dígitos por ano.

— Caramba! Eu não imaginava que tivesse tanta gente rica no mundo.

— Bem, nós estamos lidando com celebridades, atletas, presidentes de times, patrocinadores e afins. Temos várias organizações que vão aparecer só para socializar, fazer uma doação para parecerem legais e continuarem caindo nas graças dos jogadores e de outros investidores. Trabalhar com pessoas, negócios e dinheiro é um círculo virtuoso. Elas gostam de se exhibir contribuindo para as causas.

— Pra mim não interessa como eles fazem isso ou por quê, desde que doem muita grana hoje. Você acha que nós vamos conseguir levantar pelo menos de cinquenta a cem mil?

Rachel inclinou a cabeça para trás e riu. Tanto que teve de pressionar a ponta dos dedos no canto dos olhos para conter as lágrimas e não borrar a maquiagem.

— Mia, se nós não conseguirmos um milhão hoje, eu vou ficar chocada.

Um milhão de dólares. Em uma noite. Eu trabalhava todo santo dia como acompanhante para ganhar um milhão e pagar a dívida do meu pai com o agiota, e nós poderíamos ganhar esse montante em uma noite.

— Inacreditável — ofeguei.

Sua mão apertou meu ombro.

— Estilos de vida diferentes. Não se preocupe, eles podem pagar.

— Imagino que sim. Pelo menos é por uma boa causa. O Mason vai ficar satisfeito se nós arrecadarmos tudo isso para a caridade.

— Venha, vamos começar a festa. As pessoas estão chegando.



As três horas seguintes passaram em um turbilhão de conhecer pessoas, confraternizar, tomar champanhe, dançar e rir com as mulheres dos jogadores. Todo mundo estava se divertindo, e, da última vez que eu chequei, a mesa do leilão já tinha centenas de milhares de dólares de ofertas pelos itens disponíveis. Mesmo que o leilão dos jogadores fracassasse, nós doaríamos cerca de meio milhão para a causa. Aquilo me deixou tonta de felicidade.

Dancei muito e tomei meu champanhe rosé. As bebidas da noite eram rosa e fluíam livremente. Os convidados estavam curtindo e fazendo doações.

Rachel se aproximou, segurou minha mão e me levou para fora da pista. Fiz beicinho.

— Ei, não me olhe assim. Está na hora de leiloar os homens! Eu quero que você tenha o melhor lugar para assistir.

Que venham os bonitões, pensei comigo mesma. Agora sim! Jogadores gostosos tirando a roupa. Peguei meu celular, que estava guardado em meu decote. Rachel me olhou e balançou a cabeça.

— Não posso acreditar que você conseguiu enfiar um telefone no sutiã. Os homens devem amar os seus peitos.

Olhei para eles e sorri.

— Nunca tive reclamações — falei e ela riu.

O leiloeiro que contratamos apareceu no palco comprido e parou ao lado de um púlpito.

— Hoje nós vamos dar tratamento especial para a ala feminina deste evento. Como essa é uma instituição de caridade para mulheres, vamos dar a elas a oportunidade de comprar algo no leilão. Cavalheiros, podem entraaaaarrrrr! — ele disse, estendendo a palavra. Os vinte jogadores de beisebol entraram no palco e se alinharam. Um verdadeiro colírio para os olhos, não importava para onde você olhasse. — Para deleite de vocês, vamos leiloar um... encontro com os jogadores de beisebol do Red Sox! Eles vão ficar com a vencedora pelo período de quatro horas e vão fazer o que ela quiser... — sua voz baixou de tom — ... dentro de certos limites, senhoras.

O DJ começou a tocar uma música de striptease, e o jogador da terceira base saiu da fila.

— Meu Deus, é o Jacob Moore! — uma mulher gritou e levantou a placa rosa antes que o leiloeiro tivesse a chance de anunciar o lance inicial.

— Bem, parece que temos algumas participantes animadas. Que tal tirar o paletó e mostrar para as moças o que você tem escondido aí embaixo, Jake? — Jacob entrou na brincadeira. Seus cabelos loiros e olhos azuis brilharam na luz. — Que tal começarmos os lances em mil dólares? — Puta merda! Mil dólares como lance inicial? Eu não podia acreditar.

Nem preciso dizer que não foi o suficiente. Jacob desfilou pelo palco e, no momento em que desabotoou a camisa, seu lance aumentou para quarenta mil.

— Tem algumas mulheres muito ricas e cheias de tesão aqui — falei para Rachel enquanto tirava uma foto de Jacob e encaminhava para Ginelle.

Instantaneamente recebi a resposta:

Odeio você. Continue mandando ver... que é o que eu gostaria de fazer com aquele pedaço de mau caminho.

Ri e mostrei a Rachel a mensagem de Gin. Ela balançou a cabeça.

— Não posso acreditar que você salvou o número da sua melhor amiga com o nome de Vagaba Sem-Vergonha.

— Por que não? É engraçado.

Ela encolheu os ombros.

— Se você diz...

Vimos o defensor externo arrecadar mais vinte mil. Em seguida, o campista esquerdo. Havia uma mulher parada ao lado do palco babando em cima da pele cor de chocolate dele. Esse passou dos cinquenta mil. A mulher não estava disposta a

abrir mão da compra — começou a oferta em vinte e cinco mil.

Dei uma cutucada de animação no ombro de Rachel, tirei a foto e enviei a beldade negra para Gin.

Puta merda. Eu daria uma mordida gigante nessa bunda chocolate. Eu me pergunto se ele iria derreter na minha boca ou na minha mão.

Somando a esse comentário meu estado levemente embriagado, não me segurei. Gargalhei de uma forma nada feminina. Tanto que perdi um dos jogadores sendo leiloados. Não contei isso a Gin, pois só iria irritá-la.

— E aí, Rach, vamos estimular as compradoras? Forçar essas mulheres a chegar mais alto?

— Até podemos, apesar de que elas estão fazendo um bom trabalho por conta própria. Pelas minhas contas, tivemos oito caras e já levantamos uns trezentos mil. Os dois últimos passaram dos cinquenta.

Observei o próximo homem. Era Junior. Kris, sua linda namorada, correu até mim, saltitando.

— O Junior me deixou comprá-lo! — ela gritou, alegre. Isso deveria ser bom. A maioria das mulheres queria um pedaço de Junior Gonzalez. Ele era delicioso. Esta noite não seria diferente.

— Desculpa, Kris. — Levantei a câmera. Quando toda a gostosura morena apareceu, a barriga tanquinho brilhando e a fita rosa pintada no peito, eu estava praticamente salivando.

Kris continuou gritando.

— Eu, eu quero comprá-lo! Ele pode me pegar qualquer dia! — ela berrou e eu tirei uma foto da beleza viril de Junior. Bem, para ser sincera, tirei várias. Rosto de frente, vista lateral e uma do traseiro firme, no momento em que ele contraiu os glúteos e fez a mulherada gritar. Enviei uma variedade de cliques para Ginelle, e meu telefone fez barulho de mensagem recebida acompanhando os gritos femininos.

Ah, meu Deus! Junior! Eu te amo, Junior! Fala pra ele que eu o amo.

Não tive chance de guardar o telefone antes que ele soasse novamente.

Essa BUNDA! Tenha piedade da minha alma sacana. Eu o deixaria me pegar, me bater, me tocar, contanto que estivesse nu e me fodesse com força.

O leilão de Junior foi selvagem, e a cada lance Kris fazia beicinho. Então a esquentadinha ficou irada. Ela acenava com a placa, gritava com o leiloeiro e atirava olhares mortíferos para as concorrentes.

Finalmente, ela berrou:

— Cem mil dólares! — E eu quase caí para trás.

— Kristine! Você tem autorização para gastar todo esse dinheiro? — perguntei, preocupada que ela fosse ter problemas com Junior.

Ela assentiu vigorosamente, ainda acenando com a placa para dar ênfase. Era muito engraçado. Então respondeu:

— Ele queria doar para a campanha de qualquer jeito. Assim, ninguém pega o meu homem e ele realiza o desejo de doar o dinheiro em memória da mãe do Mace. Ele disse que sempre quis demonstrar condolências e que o Mace é seu irmão de outra mãe. É o que ele fala.

Ela sorriu e fez uma dancinha feliz quando o leiloeiro gritou:

— Vendido para a loirinha por cem mil dólares!

Em vez de caminhar de volta para o seu lugar, Junior pulou do palco com os olhos em sua dona, agarrou a garota e a beijou.

— Você foi muito bem, amor! — ele disse, balançando-a como uma boneca de pano. Ela ficou toda cheia de si e o beijou inteiro. Os dois haviam sido feitos um para o outro. Eu sabia que, normalmente, um homem latino tradicional e religioso escolheria uma latina, mas de alguma forma ele estava fazendo aquilo funcionar. Seria interessante ver o que aconteceria quando ele a levasse para conhecer sua mãe. Estremeci ao pensar nisso. Com o amor deles, dava para ver que ele não ligava nem um pouco para as convenções. Ele tinha sua princesa e ponto-final.

Os jogadores foram sendo leiloados um a um. Lances de dezenas de milhares de dólares, chegando a cento e cinquenta mil por um deles, já haviam sido arrecadados antes que chegasse a vez de Mason. O último homem do leilão.

— Muito bem, pessoal. O cara que vocês estavam esperando. Mason “Mace” Murphy! Ele pode arremessar uma bola a cento e sessenta quilômetros por hora, esteve na lista dos homens mais sexy do mundo e agora está aqui, para o prazer de vocês. Vamos começar o lance em cinquenta mil dólares! — o apresentador falou, e placas levantaram pelo salão. Um verdadeiro mar de rosa. — Muito bem, mas não é alto o suficiente para vocês, grandes apostadoras. Vamos para cem mil! — Ainda assim, pelo menos dez placas ficaram de pé.

Finalmente, quando o lance chegou a duzentos e cinquenta mil, apenas uma placa subiu.

— Eu ouvi duzentos e cinquenta mil dólares? Dou-lhe uma, dou-lhe duas e... vendido para a moça de vestido rosa.

Eu me virei para a esquerda e vi a placa de Rachel no ar. Mason piscou para a multidão e pulou do palco. Foi até ela e a puxou para seus braços.

— Você acabou de me comprar por um quarto de milhão de dólares? — ele perguntou, admirado. Eu estava lá também e não podia acreditar.

— A assessoria me disse quanto eu podia gastar. Você está prestes a assinar

vários contratos como garoto-propaganda, anúncios e patrocínios. Isso é só uma gota no oceano que vamos garantir de comissão. Nós queremos manter o cliente feliz — ela ronronou. Seus lábios brilhavam com as luzes, o que os fazia parecer deliciosos.

Um quarto de milhão de dólares era uma gota no oceano. Puta merda, eu estava na carreira errada.

— Não sei o que dizer. — Os olhos de Mace eram suaves e traçavam cada centímetro do rosto dela.

— “Obrigado” seria um bom começo. — A sobrancelha dela se arqueou, e pela primeira vez eu vi a doce e inocente Rachel sorrir com malícia. Era adorável.

Ele segurou o rosto dela, mas os fotógrafos já estavam em ação. Nada bom. Então ele a abraçou, agradeceu em seu ouvido, se aproximou de mim e acariciou meu cabelo. As câmeras clicaram como loucas.

— Rachel, isso ainda não acabou. Eu quero um tempo sozinho com você depois do evento. Não fuja de mim. Eu quero você no meu quarto, quando isso aqui acabar, para que a gente possa conversar. Promete que vai estar lá — ele implorou em voz baixa.

— Eu vou — ela prometeu. Então ele beijou minha bochecha e saiu para cumprimentar as pessoas que tinham contribuído durante o leilão.



A multidão continuou a dançar e a celebrar enquanto a noite avançava. Finalmente, a voz de Mason soou nos alto-falantes e as luzes se acenderam, sinalizando que a festa estava prestes a terminar. Já passava da meia-noite, e meus pés estavam me matando. Eu precisava de um banho quente, que eu sabia que teria no meu quarto de hotel. Mason tinha reservado outra suíte dupla, portanto não teríamos que dirigir por trinta minutos até sua casa. Estávamos hospedados em uma das coberturas do hotel, assim como a maioria dos jogadores e suas EENS.

Mason limpou a garganta, o que soou muito alto no microfone.

— Posso ter a atenção de todos? — ele perguntou à multidão e, lentamente, todos se aproximaram para ficar ao redor do palco. Todas as atenções se voltaram para o belo rosto de Mace. — Eu só queria agradecer a todos vocês por terem vindo apoiar o centro de conscientização sobre o câncer de mama de Boston esta noite. Há dez anos o meu pai perdeu a esposa e os meus irmãos e eu perdemos a nossa mãe. Ela tinha só trinta e cinco anos. Não há um dia que se passe em que eu não sinta falta dela. O câncer se espalhou depressa e a levou rapidamente. Ela nunca tinha feito mamografia, porque ainda não tinha quarenta anos. Mesmo tendo histórico familiar, achou que não aconteceria com ela. Bem, aconteceu. Não vamos perder mais mulheres que amamos para essa doença devastadora.

Os aplausos da multidão eram ensurdecedores. Mason ergueu a mão e silenciou o

público com um gesto.

— Apesar de esta noite ter sido uma homenagem à minha mãe, Eleanor Murphy, foi uma homenagem ainda maior para as mulheres que precisam ser salvas. É por isso que é um grande prazer para mim receber o presidente do centro de conscientização sobre o câncer de mama de Boston, para lhe entregar o cheque com as doações arrecadadas. — Mason olhou para o cheque e seus olhos marejaram. Antes que pudesse segurar, uma lágrima deslizou por sua bochecha. Ele esfregou os olhos. — Acho que tem alguma coisa no meu olho. — A multidão riu e eu também.

Mason balançou a cabeça, com as mãos trêmulas. Ver um homem grande e confiante ser dominado por toda aquela emoção fez a multidão responder. Era como uma onda de alegria e tristeza misturadas. Mick Murphy pulou no palco, bateu no ombro do filho e o apertou muitas vezes. Apoiar o filho, ajudando-o a se manter firme em um momento tão importante, era algo que eu desejava ver o meu pai fazendo.

— É com extremo prazer e gratidão a todos que estão aqui que eu apresento a doação de um milhão, duzentos e setenta mil dólares. — Mason estendeu o cheque e a multidão gritou tão alto que quase derrubou o prédio.

Senti um calafrio subir e descer e arrepios em cada centímetro da pele. Tínhamos levantado quase um milhão e trezentos mil dólares em uma única noite. O presidente do centro de caridade pegou o cheque com lágrimas no rosto. Ele não tentou escondê-las. E falou no microfone:

— Filho, eu perdi a minha esposa há alguns anos. Ela teria ficado orgulhosa de ver isso. A minha filha está viva pelo trabalho que nós fazemos e pelos exames que ela fez quando tinha vinte anos. Não sei como agradecer por trazer tanta atenção a esta causa na nossa cidade e por compartilhar isso usando o seu bom nome. — Ele se recompôs e terminou: — E a todo o time do Red Sox. Obrigado. A todos que estão aqui esta noite e contribuíram, quero que saibam que nós vamos usar muito bem esse dinheiro, e imediatamente. — Ele limpou as lágrimas dos olhos.

Ver homens emocionados transforma as mulheres em manteigas-derretidas. Todas as garotas da festa estavam chorando e secando os olhos com lenços. Inclusive eu.

Foi a melhor noite que eu tive em muito tempo.



De volta ao quarto, saí sonolenta do banho. Já tinha acabado com as bolhas de espuma, bebi o resto do champanhe, comi meu peso em morangos cobertos de chocolate e agora estava prestes a cair na cama. Vesti o roupão confortável, na intenção de sair e dar boa-noite a Mason. Ele esteve muito ocupado com seus irmãos na festa; eu disse que o veria na suíte ou logo pela manhã, no café. Ele me beijou suavemente nos lábios, para se exhibir para as câmeras que aguardavam

ansiosamente, segurou minha mão e me agradeceu por tudo. Uma das EENS e eu fomos para nossos quartos, deixando os homens terminarem a conversa da noite. Fiquei muito impressionada com a forma como as coisas aconteceram. Uma quantia insana de dinheiro foi arrecadada, o evento inteiro foi ótimo para a imagem de Mason e do Red Sox e muita gente rica teria dedução no imposto de renda. Mais importante ainda, a mãe de Mason foi homenageada e muitas mulheres conseguiriam o tratamento de que precisavam e seriam salvas.

Eu me senti como uma madre Teresa moderna, de salto agulha, saia justa e jaqueta de couro. Ri de mim mesma e entrei, bêbada, na sala de estar. Estava vazia, mas o paletó de Mason estava jogado no encosto do sofá, então eu soube que ele já tinha voltado. Fui na ponta dos pés até seu quarto e vi uma luz suave brilhando através da porta entreaberta.

Quando cheguei mais perto, ouvi alguns ruídos. Meu cérebro não conseguia focar para definir o que eu estava ouvindo até que estivesse bem na minha frente. Pela fresta, vi dois corpos. Mason estava claramente em cima de uma mulher, penetrando-a por trás.

— Ah, porra, tão apertada — ele disse. Assisti, incapaz de desviar o olhar, quando ele deslizou a mão pela coluna dela e em seu cabelo loiro. Ele o afastou para o lado e foi aí que eu vi quem estava de quatro. Rachel. A doce e profissional Rachel estava pressionando sua pequena bunda perfeita na direção de Mason enquanto ele a penetrava mais e mais. Ele apoiou uma mão no ombro dela e meteu com força. — Minha. Você é minha agora, Rach. Vou querer essa boceta doce todo dia, pelo resto da porra da minha vida — ele rugiu.

— Isso, Mace... É tão gostoso. Eu vou, eu vou... ah, sim.

— É isso aí, baby — Mason disse, antes de erguê-la para tocar seus mamilos. Ela tinha seios pequenos, mas eram do tamanho perfeito para caber na mão, e ele parecia apreciá-los sem reclamar. Eu sabia que deveria sair dali, não ficar e assistir, mas a cena era tão bonita. Comparado com o show erótico pervertido que eu vi da última vez em que peguei Mason em ação, isso era algo completamente diferente. Era como ver uma obra de arte. Capturando verdadeiramente o ato de amor.

Mason acariciou os pequenos mamilos de Rachel, apertando-os. Mordi os lábios e espremi as pernas. O espaço entre minhas coxas estava pulsando, molhado, desesperado por atenção. Mas eu não faria isso. Não me tocaria enquanto olhava para eles. Isso seria ir longe demais.

Assim que comecei a me virar para lhes dar privacidade, a mão de Mason tocou entre as pernas de Rachel, onde os pelos loiros haviam sido depilados em uma pequena linha. Movendo dois dedos em círculos, ele a fez arquear para trás enquanto a penetrava. Ambos gritaram ao atingir o clímax juntos. Foi exótico, sensual e algo que eu queria para mim, mais que qualquer coisa. Só não sabia com quem ou

quando encontraria. Por um breve período deste ano, achei que tinha aquilo, mas agora estava de volta à estaca zero e solteira. Poderia ficar com quem quisesse, assim como Wes.

Wes. Caramba, só de pensar em seu nome a carne entre minhas coxas umedecia.

Voltando rapidamente para meu quarto, fechei a porta e me joguei na cama. Não queria fazer o que fiz em seguida, mas não pude evitar. Peguei o telefone e abri nas fotos que eu tinha tirado de Wes e Alec, rolando até chegar ao corpo nu dos dois. Então me toquei. Não demorou mais de trinta segundos e eu estava gemendo, abafando meus gritos com o antebraço, afundando os dentes no roupão, quando os tremores tomaram conta de mim.

Foi bom enquanto durou, mas depois, deitada no silêncio do quarto, a sensação esmagadora que me atingiu foi uma inacreditável solidão. Pela primeira vez na vida, eu estava verdadeira e completamente sozinha.



Os patrocinadores de Mason saíram da toca depois do nosso grande evento de caridade. Acontece que, quando um jovem jogador profissional de beisebol se torna um filantropo, todas as organizações relacionadas ao esporte querem um pedaço dele. Rachel respondeu a pedidos de entrevistas, campanhas publicitárias, comerciais e outras solicitações durante a semana toda. Fiz o papel da namorada bonita e devotada enquanto me empanturrava de cerveja e beisebol. Aquilo. Era. Incrível. Três semanas ali e eu já estava lamentando o fato de que, em breve, estaria deixando Mason e a vida boa. Claro, eu seria enviada a outro cara rico, que precisaria de mim para outra coisa, e as instalações seriam ótimas, mas não seria algo que eu pudesse abraçar. Viver com Mason, depois de superarmos seu momento babaca, foi realmente fácil. Ele era engraçado, inteligente e adorava viver a vida. Eu me senti jovem pela primeira vez em muito tempo. Não havia nada a fazer, exceto ser eu mesma. Mason gostava de mim como eu era. Na verdade, nós nos dávamos bem, como amigos que tinham uma longa história, apesar de nos conhecermos fazia apenas três semanas. Nós nos identificamos.

A boa notícia era que Rachel estava conosco com mais frequência. Eles ficavam tão lindos juntos. Ela ainda era tímida, e ele se desdobrava para agradá-la. Me fez pensar em como tudo aquilo funcionaria quando eu fosse embora. Quer dizer, os fãs e o público tinham me visto nas últimas três semanas como namorada amorosa, comprometida, fã do Red Sox e a mulher que ajudou o cara com seu evento de caridade.

— Ei, Mace, você acha que nós precisamos planejar algum tipo de rompimento público? — perguntei enquanto mexia os ovos na frigideira. Era a minha vez de fazer o café da manhã, e Mason comia uma quantidade absurda de proteína, por isso eu estava preparando uma dúzia de ovos só para nós dois, dez dos quais ele iria devorar, bacon e algumas frutas.

Mason roubou um pedaço de bacon do prato ao lado do fogão e mastigou, pensativo.

— Não sei. Vamos perguntar pra Rach. O meu palpite é que eu e ela devíamos manter o nosso relacionamento em segredo por algumas semanas, para que o público não me veja pulando de uma mulher pra outra, sabe?

Assenti, peguei o queijo ralado e salpiquei um pouco sobre os ovos mexidos.

Depois adicionei sal e pimenta.

— Faz sentido. Por falar nisso, como vão as coisas entre vocês? — Não que eu não pudesse ouvir as escapadas dos dois do outro lado da casa. Eles podiam se esforçar para manter aquilo em volume baixo, mas eu estava em permanente estado de excitação durante toda a semana, só de ouvi-los através das paredes.

Ele roubou outra fatia de bacon e se inclinou ao lado do fogão enquanto eu servia a comida. Dois ovos e duas fatias de bacon para mim, dez ovos e quatro fatias de bacon para Mason. Coloquei os pratos no balcão, onde gostávamos de comer. A sala de jantar parecia formal demais para a gente.

— Estão bem. — Ele sorriu. — Eu não sabia que tinha uma gata tão selvagem por trás de todas aquelas roupas sociais, mas vou dizer que sou o filho da puta mais sortudo da área.

Eu ri e engasguei com os ovos. Ele bateu em minhas costas até passar.

— Gata selvagem? Sério?

Ele assentiu com a cabeça, com um sorriso tão grande que mostrava todos os dentes.

— Melhor transa que eu já tive.

Isso lhe valeu um soco no braço. Ele o esfregou.

— Mas é verdade. Ela é meiga e profissional com seus terninhos, mas, no segundo em que eu tiro a roupa dela... Mia, a loirinha vira a porra do meu mundo de cabeça pra baixo.

Desta vez eu sorri.

— Fico muito feliz, Mace. Você acha que isso vai se transformar em algo mais?
— perguntei, colocando minha esperança à prova, tentando não demonstrar como estava animada por eles.

Ele levantou o queixo e me cutucou com o braço.

— É sério. Eu não consigo nem imaginar outro homem colocando as mãos nela.
— Ele estremeceu e gemeu. — Fico louco só de pensar nisso. Se imaginar a Rachel com outro homem me faz querer socar a parede, acho que isso significa algo, certo?

— Certo — concordei imediatamente.

— Vou conversar com ela sobre isso amanhã à noite, quando estivermos em Seattle.

Seattle. Nós íamos para Seattle. Alguém de quem eu gostava muito vivia naquela cidade.

— Seattle? Sério?

— É, vamos pegar o avião amanhã de manhã. Ficamos lá por alguns dias. Três jogos rápidos. Deixe as suas coisas arrumadas, gata. — Ele limpou o prato tão rápido que foi como se os ovos e o bacon tivessem sido aspirados em vez de comidos.

Umedeci os lábios, e a possibilidade de acabar com um pouco da solidão da semana anterior se acendeu em minha mente, como se alguém tivesse ligado um interruptor.

— Ei, eu tenho um amigo em Seattle. Enquanto você e a Rachel estiverem... você sabe, fazendo as suas coisas... estaria tudo bem se eu fosse me encontrar com ele?

Os olhos de Mason se arregalaram e ele sorriu.

— Você tem um amigo?

Estreitei os olhos para ele.

— Quem é que não tem amigos?

— Que tipo de amigo? — ele perguntou, com uma ponta de diversão no tom. — Do sexo masculino?

— Isso importa? — respondi com seriedade. Aquilo não era da conta dele, e eu não tinha planos de compartilhar.

Ele balançou a cabeça.

— Não, estou brincando. Não me importo com quem você transa. Desde que a imprensa não perceba que a minha namorada de mentira está me traindo, tudo bem.

Sorri e balancei as sobrancelhas.

— Eu sei ser discreta.

Mason umedeceu os lábios e deu um sorriso travesso.

— Aposto que sabe.



Atraso provocado pela chuva. Caía um temporal quando pousamos e fomos para o campo. O juiz estava atrasando o jogo fazia uma hora. Mas os fãs não se importavam nem um pouco. Os Mariners morriam pelo seu time e provavelmente estavam acostumados com a chuva. Isso me deu tempo para enviar uma mensagem para um certo francês sexy de quem eu estava com saudade.

Oi, francês... Estou na cidade por alguns dias. Está livre para me encontrar hoje à noite?

Eu não podia acreditar que estava fazendo isso. Não falava com Alec desde que o tinha deixado, dois meses antes. Uma hora mais tarde, finalmente, recebi a resposta.

Ma jolie, vou encontrar você a qualquer hora, em qualquer lugar. Devo presumir que isso é o que vocês americanos chamam de sexo casual?

Ri incontrolavelmente ao imaginar Alec falando “sexo casual” com seu sotaque francês. Abracei o telefone, já me sentindo mais leve e menos sozinha.

Interessado?

Precisa perguntar? Vista pouca roupa. Quero ver ta peau parfaite no momento em que você abrir a porta.

Pele perfeita. Ele queria ver minha pele perfeita. Alec sempre tinha um jeito de me mostrar como adorava meu corpo. Lembrei-me de seus dedos acariciando meu quadril, a curva da cintura e entre os seios. Ele sussurrava belas palavras francesas em meu ouvido quando me tocava. Aquele homem me fez acreditar que eu era bonita. De todas as formas.

Imediatamente me aqueci, o desejo correndo em minhas veias com a expectativa de ver Alec, espiralando por todos os poros, arrepiando todos os meus pelos e me acariciando com a essência da necessidade.

Esta noite eu veria o meu francês. Mal podia esperar!



Abri a porta e lá estava ele. Alec Dubois, o meu francês. Antes que eu pudesse dizer “oi”, ele me agarrou pela cintura, me puxou contra seu peito e me ergueu do chão. Seus lábios estavam nos meus, e minhas pernas, enroladas em sua cintura esbelta. Ele se virou, bateu a porta e me pressionou contra ela, aprofundando o beijo. Sua parte mais rígida se esfregou no ponto em que eu mais queria. Gemi, abrindo ainda mais a boca. Ele aceitou o convite, enfiou a língua e começou a movimentá-la contra a minha.

Até aquele momento, eu havia esquecido como sentira falta de beijar Alec. Quando ele beijava, se entregava completamente... com paixão, desejo e graça. Tanta graça e beleza que eu mal podia respirar. Ele afastou a boca e encostou a testa na minha.

— *Ma jolie*, senti saudade do seu amor — sussurrou em meus lábios. Lágrimas se formaram em meus olhos e eu o encarei. Os dele tinham um tom dourado com manchas marrons que pareciam brilhar sob a luz.

Mordisquei o lábio e me aninhei em seu pescoço.

— Senti sua falta também, Alec. Eu não tinha ideia de como estava com saudade até que você estivesse aqui, na minha frente. — Ele entrelaçou os dedos em minha nuca e seus polegares acariciaram meu queixo e meus lábios.

Seus olhos pareciam catalogar cada traço do meu rosto, do jeito que só um artista extremamente focado em detalhes faria.

— Você tem andado triste, *chérie*. Por quê?

Balancei a cabeça, sem querer falar sobre aquilo.

— Mais tarde. Por enquanto... Está com fome? Posso fazer alguma coisa pra você?

Alec pressionou seu comprimento contra meu centro. Gotas de excitação vibraram através dos meus membros. Apertei as pernas, trazendo-o para mais perto. Seus olhos brilharam com uma intensidade da qual eu sentia falta. Era o olhar de um homem desesperado, ansioso para ter sua mulher.

— Só tenho fome de provar o seu sexo doce, *ma jolie*. — E lá estava o meu francês safado.

Sem demora, ele me levou para o quarto e chutou a porta, fechando-a. Colocou um joelho na cama e me deitou como se eu fosse tão preciosa quanto uma de suas pinturas.

— Tire a roupa para mim — Alec disse, levantando-se. — Quero te ver expondo a sua luz.

A maneira como ele falava e o fogo em seu olhar me fizeram vibrar de luxúria. Sem nenhuma delicadeza, fiquei de joelhos e puxei meu vestido minúsculo pela cabeça. Eu não usava nada por baixo, me lembrando de sua preferência por pouca roupa e nenhuma barreira.

— *Vous êtes devenue plus belle* — Alec falou em francês, e as palavras deslizaram sobre a minha pele como se ele tivesse me tocado, leves como uma pluma, mas muito tentadoras. Mesmo com meu francês enferrujado e pouco experiente, eu sabia o que ele tinha dito. Que eu estava mais bonita.

Balancei a cabeça.

— Só através dos seus olhos.

Ele segurou meu rosto.

— Você não se vê da mesma forma que o mundo a vê.

Eu ri.

— *Vous* não é o mundo, francês.

Alec tocou meu lábio e eu chubei seu dedo, girando a língua ao redor do polegar. Seus olhos escureceram; a luz não mostrava mais o tom dourado.

— Ah, *chérie*, já esqueceu o que aprendeu durante o tempo em que ficamos juntos? — ele sussurrou, tirando a camisa e expondo o peitoral quadrado. Eu gostava de afundar meus dentes nele e no tanquinho que meus dedos coçavam para tocar.

— Não esqueci de como eu adoro o seu corpo — retruquei, apertando as mãos em punho na lateral do corpo, meus seios arfando, se elevando, pesados e necessitados. Ele ergueu as mãos e os tocou, apertando-os e moldando-os, como se estivesse se familiarizando novamente com meu corpo. Um grito saiu dos meus lábios quando ele tocou os picos túrgidos com os polegares. Ele inalou profundamente no momento em que se aproximou do meu pescoço, como se estivesse respirando meu perfume.

Fechei os olhos, gemi e inclinei a cabeça para trás, em oferta. Podia sentir a ponta

do meu cabelo tocar a pele exposta em minha bunda.

— Eu amo o seu toque.

Uma sensação úmida cobriu meu seio direito, e então senti seus dentes beliscando a minha pele. Uma nova onda de desejo saltou do ponto que ele puxava e chupava, passando pelo meu tronco, para se acomodar deliciosamente entre minhas coxas. Meu clitóris pulsava e doía, preparado para o momento em que ele me tocaria *lá*. E eu sabia que ele o faria. Se eu sabia algo sobre Alec Dubois, era que ele adorava o meu gosto em sua língua.

Por longos minutos, Alec se banqueteceu com meus seios, sugando, puxando, acariciando e mordendo as pontas, até que estivessem maduras e vermelhas, pequenos morangos prontos para ser comidos. Meus quadris balançavam em busca de algo, qualquer coisa para aliviar a necessidade.

— Alec — implorei, e ele sorriu em meu mamilo, chupando com força, depois se afastou. Quando abri os olhos, sabia o que ele estava vendo. Uma mulher pronta para ser comida. Só que Alec não comia, fazia amor, e me disse isso várias vezes.

Suas mãos foram para o jeans, que ele desabotoou e abaixou pelas coxas tonificadas. A cabeça do pau estava úmida quando saiu do confinamento. Eu me inclinei para a frente e lambi a gota perolada, gemendo com o sabor lembrado.

— *Oui, mon amour*. Me ajude a relaxar para que eu possa devorar você.

Eu estava de quatro quando ele entrelaçou os dedos em meus cabelos e penetrou minha boca. Tomei-o profundamente. Tão fundo que chegou até a garganta, como ele gostava.

— *Si bon*. — Tão bom, ele disse. E não estava errado. Era bom demais estar com Alec. Seu gosto e seu cheiro me fizeram lembrar dos momentos incríveis, do sexo ótimo, muito riso, amor e amizade. Tudo que eu precisava agora. Com Alec, eu não estava sozinha.

Intensifiquei meu esforço, fazendo longas voltas com a língua em seu comprimento, me dedicando à ponta, sugando cada gota do líquido pré-ejaculatório, como um gatinho fazendo minúsculos movimentos num pires de leite. Ele observou enquanto eu o engolia mais e mais. Quando olhei para cima, suas narinas estavam dilatadas, os olhos intensos, as pálpebras semicerradas, os lábios se contorcendo em êxtase enquanto ele se mexia em minha boca. Aceitei o que ele me deu e adorei cada segundo. Então, sem aviso, ele meteu profundamente e encheu minha boca com sua essência. Rajadas quentes de seu sêmen desceram pela minha garganta. Engoli de maneira reverente, ordenhando-o para extrair cada gota, até que ele segurou meus cabelos com firmeza e me afastou de seu pau.

— Ah, *ma jolie*. Vou lhe ensinar de novo a se amar e amar os outros. Eu vou te amar esta noite. Este, minha bela Mia, foi o começo perfeito.



Tínhamos acabado de sair do chuveiro, depois de duas rodadas de sexo selvagem, e estávamos deitados na cama.

— Obrigada por ter vindo esta noite. — Abracei seu peito nu. As pontas dos dedos dele traçaram meu braço e ombro em padrões que eu não podia definir. Nem tentei.

Alec passou o queixo no alto da minha cabeça.

— Por que você está tão sozinha quando é paga para estar com alguém? — ele perguntou. O tom era curioso, não acusatório.

Aconchegando-me, lambi seu mamilo e o beijei suavemente.

— Eu não transo com todos os meus clientes, Alec.

Seus braços se apertaram ao meu redor.

— *Vraiment?* — Sério?, ele perguntou.

Aquilo me fez rir.

— Sério — respondi.

— Não entendo. Por que você não fica com eles da maneira mais bela possível, se eles estão te pagando para isso?

Mais uma vez, ri contra sua pele quente. Claro que ele teria dificuldade para entender.

— Você sabe que eu não precisava transar com você.

Seus olhos se estreitaram, e eu podia dizer que ele estava refletindo.

— *Chérie*, nós fomos feitos para amar um ao outro. Isso nunca foi um problema, *oui?*

— *Oui*, mas não foi o caso com todos, Alec. Eu não sou paga para trepar.

— Eu não trepo — ele reiterou com firmeza, sua voz um grunhido. Algo que eu conhecia muito bem.

Ergui a cabeça, coloquei as mãos em seu peito e apoiei o queixo sobre elas.

— Eu sei. E adoro isso em você. — Suas mãos subiram e desceram pelas minhas costas, como se estivessem pintando algo. Pelo que eu sabia, ele podia estar mesmo fazendo isso. Ele era um artista. — Você me ensinou a amar quem estiver comigo, mas isso não significa que eu tenho que ter relações sexuais com todos eles.

Seus olhos se estreitaram, e ele pareceu positivamente afrontado.

— Por que não? Todo mundo precisa liberar as tensões, se conectar fisicamente, e fazer amor é a melhor maneira para isso acontecer.

Claro que o meu francês veria aquilo dessa forma.

— Bom, o cliente depois de você era gay. — Dei de ombros.

— Então você poderia ter feito amor com os dois. — Ele me puxou para cima de seu corpo, deslizou as mãos até minha bunda e separou minhas pernas, para que eu montasse nele. Alec estava endurecendo embaixo de mim. Ele era, de longe, o homem mais viril que eu já tinha conhecido. Quando disse que faria amor comigo a

noite toda, eu não tinha dúvida de que desmaiaria de exaustão antes que ele parasse de me amar.

Lambi o caminho de um mamilo ao outro, chupando-o até que endurecesse.

— Teria sido uma experiência e tanto, mas não foi assim.

— Nunca vou entender isso. Continue.

Inclinando a cabeça para o lado, usei o dedo para traçar seu bigode e sua barba. Seus longos cabelos avermelhados haviam secado e estavam ondulados e sexy, de uma forma intensamente masculina.

— Esse cara com quem eu estou agora, o jogador de beisebol. No início eu achei que poderia querer dividir a cama com ele, mas ele está apaixonado por outra pessoa.

— Ah, e a outra mulher não compartilha. Então, por que ele precisa de você? — perguntou, pensativo. Mas era difícil prestar atenção, porque, naquele momento, ele decidiu pressionar um dedo em meu sexo por trás. Lentamente, ele me penetrou com o dedo até que eu estivesse molhada o suficiente para que ele pudesse encaixar outro. — Você estava dizendo... — Alec falou com um sorriso, sabendo exatamente o que estava fazendo comigo. Cretino sexy.

— Hum, sim. Bom, ele era meio babaca quando nos conhecemos, e depois eu o ajudei. Ah, caramba... — Abaixei a cabeça e me forcei para trás, deixando seus dedos atingirem o ponto certo. — Hum... eu o ajudei a ficar com a mulher que ele queria.

Ele estalou a língua.

— Que pena. Melhor para mim — ele falou e pressionou com força dentro de mim os dois dedos grossos. Eu me apertei ao redor deles, gemendo e ofegando, as sensações se fragmentando. Coloquei a boca em seu peito, lambendo e mordiscando enquanto ele me levava ao limite com a mão. Quando eu estava gemendo alto, ele me deitou e traçou um caminho de beijos pelo meu corpo. — Quero o seu *crème* na minha língua, *ma jolie*. Preciso relembrar o seu gosto. Vou devorar você agora. Terminou de contar histórias?

Contar histórias. Ele achava que conversar era contar histórias. Cacete, o cara era fofo e muito talentoso. Usando os pés como apoio, empurrei o corpo na direção de seu rosto. Ele rosnou e cravou a língua em mim, o mais fundo que conseguiu. Suas mãos seguravam meus lábios inferiores abertos, e ele esfregou a boca, a barba e o bigode por todo meu sexo.

— Quero o seu perfume em mim quando eu dormir. Então vou poder ter belos sonhos com a minha doce e bela Mia. *Oui, ma jolie?*

— Ah, sim — eu gemi e gritei quando ele chupou meu clitóris com força, levando-me para o ponto mais alto.

Alec não teve pressa entre minhas pernas. Ele me chupou, me penetrou com o

dedo, mordiscou e deixou um chupão enorme na parte interna da minha coxa. Cada vez mais ele me levava ao auge, recuando logo em seguida, até que eu estivesse exausta e louca de necessidade. Implorei e insisti que ele terminasse. Meu sexo estava tão molhado que eu podia sentir os sucos escorregadios deslizarem até o traseiro, mas Alec não os deixou chegar lá. Ele desceu com a língua plana e provocou a outra entrada, que eu sabia que ele amava, então colocou a boca em minha abertura e bebeu tudo. Suas bochechas foram sugadas para dentro, minhas costas arquearam, ele passou os dentes em meu clitóris e eu me lancei para a estratosfera, rebolando como uma selvagem. Enquanto eu estava gozando, ele colocou um preservativo, enfiou o pau grosso profundamente dentro de mim e meteu com força. Com mais força do que jamais tinha feito antes. Estávamos fora de controle, trepando como se jamais fôssemos ter outra chance. Em certo ponto, ele ergueu minhas pernas, como se fosse dividir meu corpo ao meio, e se lançou para dentro de mim.

— *Amo seu corpo. Amo seu sexo. Amo seu coração. Amo sua alma. Amo você, Mia.*

Só que Alec disse todas essas coisas em francês.

O que fizemos naquela noite foi fumegante, intenso e uma das experiências sexuais mais passionais da minha vida. Ele nos levou ao auge novamente, e, quando os últimos vestígios de sua essência se derramaram em mim, Alec caiu contra meu corpo. Unidos, nós praticamente desmaíamos, ainda conectados física, emocional e mentalmente.



Acordei no meio de um orgasmo. Eu estava apertando as pernas em torno da cabeça de Alec enquanto ele me fazia chegar lá. Em seguida, sem dizer nada, ele colocou um preservativo. Eu havia perdido as contas de quantos nós usamos na noite anterior. Ele penetrou lentamente meu sexo inchado. Ainda assim, foi divino. Minha pobre pepeca estava tensa e pulsava, como se tivesse lutado e ganhado uma batalha. Desta vez nós fizemos amor devagar e com carinho. Sabíamos que seria a última vez, mas eu não diria para sempre. Aprendi a não pensar dessa forma. Entre rever Wes e agora Alec, *nunca* era uma palavra que não existia no meu vocabulário quando se tratava dos homens com os quais eu me importava.

Quando terminamos, ele se vestiu metodicamente.

— Adorei essa noite com você, *ma jolie*. Quando estiver na cidade ou precisar de um lembrete de que você é amada, me ligue, *oui*?

Assenti, me levantei e vesti um robe de seda que havia pendurado atrás da porta, enquanto ele prendia o cabelo em um coque bagunçado e masculino. Senhor, eu amava aquele coque. Fiquei na ponta dos pés e o beijei. Ele passou os braços em volta do meu corpo e me abraçou apertado enquanto nos beijávamos por um bom tempo.

Ele se afastou e beijou meu nariz.

— Tenho muito trabalho a fazer. Se não fosse por isso, eu adoraria me banquetear na sua carne o dia todo. — Ele segurou meu rosto e fixou aqueles olhos dourados em mim. — Tristeza não combina com você. Você estava assim por causa de um homem?

Mordisquei o lábio e voltei a pensar no telefonema. Como desejei nunca ter feito aquela ligação. Eu poderia simplesmente ter mandado uma mensagem e nós teríamos seguido em frente, sabendo que ainda tínhamos sentimentos profundos um pelo outro. E lá estava eu agora, fazendo o mesmo que ele. Me perdendo no corpo de outro homem, em sexo. Sexo muito bom, de fazer os dedos se curvarem. Sexo alucinante, mas que não era com a pessoa certa.

— Sim, foi por causa de um homem, mas, sabe, ter você aqui e ajudar o Mason a conquistar a mulher que ele desejava me fez perceber que tudo isso é parte do processo. Minha jornada este ano vai ser longa, e no final, se algum homem estiver no meu destino, nós vamos ficar juntos. — Alec assentiu e eu sorri, o pensamento

criando asas.

Ele afastou meu cabelo rebelde e acariciou a lateral do meu rosto.

— *Ma jolie*, você é muito jovem. Se dê um tempo para aproveitar a vida e tudo o que ela oferece. — Ele pressionou a testa na minha. — Incluindo os prazeres da carne, *oui*?

Eu sabia o que ele estava dizendo, e isso restaurou minha crença de que este ano era meu. Não meu e de mais alguém. Era para que eu salvasse meu pai e me encontrasse. Eu deveria me deixar levar para onde quer que fosse. Ele estava certo. Eu era jovem e não estava comprometida. Nem Wes. Eu não podia criticá-lo por desejar se conectar com alguém, por não querer ficar sozinho, mesmo que por pouco tempo, por compartilhar seu corpo com outra pessoa. Eu também tinha feito isso. E quer saber? Foi incrível. Eu me senti revigorada e pronta para enfrentar o que a vida jogasse no meu caminho.

— Você é muito incrível, francês. — Alec abriu aquele sorriso sensual, e eu juro que pude senti-lo em meu clitóris.

— Isso eu sei, *chérie*. — Ele se inclinou e me beijou suavemente. — Só não esqueça que você é um presente para o mundo.

Alec sempre teve jeito com as palavras. Palavras que podiam acalmar, motivar e sempre faziam mágica em minha psique.

Levei-o pela mão até a sala de estar da suíte. Era demais esperar que Mason e Rachel já tivessem saído. Eu deveria ter olhado pela janela. Chuva. Muita chuva batendo contra o vidro. Isso significava que o treino seria adiado ou cancelado.

Os dois estavam completamente vestidos e sentados à mesa de jantar com o que parecia ser o almoço. Merda, que horas eram?

Os olhos de Mason se concentraram em Alec e depois em meu roupão, cabelos desarrumados e bochechas rosadas, provavelmente por causa do orgasmo recente. Meu visual basicamente gritava: “Acabei de ser comida”.

Mason sorriu.

— Oi, gata. Dormiu bem?

Alec pegou a deixa.

— Eu não chamaria o que fizemos de dormir. — Ele balançou as sobrancelhas de maneira sedutora. Meu francês era incorrigível. Rachel não disse uma palavra. Sua boca estava aberta, o garfo no ar, com um morango preso, esperando ser comido.

— Hum, este é o Alec. Estes são o Mason e a namorada dele, Rachel.

Ela abaixou a mão e bateu com o garfo ruidosamente no prato.

— Hum, oi — ela disse. Definitivamente, era a primeira vez que eu via aquela mulher profissional totalmente sem palavras em um momento que não envolvesse um grande jogador de beisebol sexy como o pecado.

Mason ergueu o queixo em um cumprimento. Levei Alec até a porta. Não

estávamos completamente fora de vista, mas ele nunca se importou com o que as pessoas pensavam. Em vez de sair pela porta, ele me puxou contra seu corpo, colocou uma mão na minha bunda e a outra em minha nuca, me esmagando contra si antes de devorar minha boca. Língua, lábios e dentes envolvidos no mais delicioso beijo de despedida.

Finalmente, quando não podíamos mais respirar, ele me soltou.

— *Je t'aime*, Mia — Alec disse, o tom cheio do amor que eu sabia que ele sentia por mim. Conquistei um lugar em seu coração e sempre o teria. Era o suficiente para mim.

— Eu também te amo, Alec.

Observei-o até que ele entrasse no elevador.

— Até a próxima, *ma jolie* — ele disse enquanto as portas se fechavam. Então me virei e voltei para a mesa. Quando cheguei lá, Mason me entregou metade do seu sanduíche. Sentei-me e dei uma mordida voraz.

Nenhum deles falou uma palavra, até que Mason virou todo o corpo para mim, apoiando o cotovelo na mesa.

— Você ama esse cara? — ele apontou para a porta com o polegar.

Assenti.

— Sim, mas não do jeito que você está pensando. Não estou apaixonada por ele. Nós temos um envolvimento, só isso. Quando estamos juntos, estamos juntos. Somos apenas nós dois. Mas na maior parte do tempo não estamos.

Rachel fechou os olhos e apertou os lábios.

— Não entendi. Nós o ouvimos dizer que te ama. Em francês. Nossa, aquilo foi sexy. — Ela ofegou quando Mason se virou em sua direção e a fuzilou com o olhar. — Desculpe. — Colocou um pedaço de fruta na boca e olhou para o prato.

Ajeitando uma mecha de cabelo para trás e colocando uma perna sobre a cadeira, me concentrei em meus dois novos amigos e decidi que não tinha nada a esconder. Nem mesmo meus defeitos. Se fossem meus amigos de verdade, eles me aceitariam como eu era, e não como achavam que eu fosse.

— O Alec foi meu cliente. Nós fomos até o fim. — Fiz um gesto com as mãos que ambos entenderam. — Aproveitamos horrores. Ele me ensinou muito sobre as pessoas, sobre me amar e amar os outros. Então, sim, eu o amo. Não do tipo vou me casar com ele, ser mãe dos seus filhos ou ser sua namorada. É mais como... — Pensei por um momento enquanto olhava para a chuva forte que caía na varanda. — Mais como... Eu adoro quando nós transamos feito loucos, me preocupo com ele e o amo como amigo. Faz sentido?

Mason e Rachel balançaram a cabeça e eu gemi.

— Não sei explicar. Só não se preocupem com isso.

— Pelo que nós ouvimos, a parte de transar feito loucos realmente aconteceu.

Porra, mulher, eu comi a Rachel tantas vezes que acho que posso ter torcido o pau, só de ouvir vocês dois transando sem parar — Mason brincou de um jeito ousado. Rachel e eu batemos em seus braços ao mesmo tempo. — Ai! — ele os esfregou. — Você gostou — ele apontou para Rachel, e as bochechas dela ganharam um tom forte de vermelho.

Acabei o sanduíche e me levantei.

— Preciso de um banho.

— Vou cheirar você mais tarde... viciada em sexo — Mason disse quando eu estava saindo.

— Só um viciado reconhece o outro, seu otário! — gritei de volta. Talvez Mason fosse a versão masculina de Ginelle. Isso poderia ser bom.

— Vocês dois parecem crianças. — Foi a última coisa que ouvi Rachel dizer enquanto fechava a porta do quarto.



Nos dias seguintes, Mason e o Red Sox ganharam os jogos. Todo mundo estava muito bem-humorado e demonstrava isso. Quando chegamos a Boston, entramos em um táxi e fomos para o pub Black Rose, onde seu irmão, Brayden, trabalhava. Era hora de comemorar, e a equipe estava pronta. Um bando de rapazes saiu dos carros. No momento em que entramos, Brayden assobiou. A bela garçonete foi até um objeto que parecia um aparelho de som e apertou um botão.

“We Are the Champions”, do Queen, preencheu o ambiente. Era cedo e no meio da semana, então o bar estava praticamente morto às quatro da tarde, mas isso não desanimou o time. Eles estavam prontos para virar algumas cervejas e descarregar as energias. Estavam jogando como craques e tinham alguns dias de folga para desfrutar. Agora era hora de comemorar. As EENS estavam abraçadas ou no colo de seus jogadores, e então nós começamos a beber.

Passadas várias horas, eu estava me sentindo bem poderosa.

— Mace, estou indo pra casa — Rachel falou, inclinando-se perto dele, mas não muito, para não causar suspeita. A equipe não sabia que ele estava com Rachel e não comigo. Todos, exceto Junior, acreditavam na farsa.

— Ah, não, baby. Me encontra lá em casa? — Mason sugeriu, com seu melhor olhar de cachorrinho. Eu tinha muito respeito pela mulher que negasse alguma coisa a ele quando fazia aquele olhar.

Rachel balançou a cabeça.

— Tenho que trabalhar amanhã. Preciso lavar roupa e descansar. Posso passar lá para um brunch?

Mason assentiu e colocou a mão no pescoço dela. Seus olhos se arregalaram, assim como os meus, então olhei ao redor para ver se alguém tinha notado.

Ninguém. A maior parte do time já estava embriagada.

— Mace — avisei, com medo de que ele acabasse com a farsa. Em vez disso, ele apenas apertou o pescoço dela e deu um tapinha em seu ombro.

— Vou sentir sua falta, baby. A gente se vê amanhã.

Rachel sorriu docemente para ele e me abraçou.

— Cuide dele, está bem?

Olhei para ela fingindo seriedade e bati continência.

— Sim, senhora!

— Crianças. Juro que estar perto de vocês dois é como sair com filhos de vinte anos. — Ela balançou a cabeça e se afastou. Mason observou sua bunda o tempo todo. Rachel tinha um belo traseiro. Pequeno, mas bonito.

— Que traseiro gostoso o dessa mulher. Eu queria dar uma mordida nele agora mesmo — ele resmungou e virou o resto da bebida. — Vamos encher a cara e pegar um táxi pra voltar?

Brayden apareceu ao nosso lado.

— Como vocês estão? — perguntou, o cabelo cobre brilhando em um tom avermelhado por causa da placa de neon atrás dele.

— Prontos pra começar de verdade. Shots e cerveja pra aliviar. Mia, vamos começar a jogar!

Fiz uma dancinha em minha banqueta.

— Eu adoro jogar. Como se chama esse jogo? Talvez eu já tenha ouvido falar.

— Chama Mentira.

— Manda ver, jogador. Minha amiga Gin e eu escrevemos um livro sobre essa porcaria de jogo. Eu nunca perco!

Mason abriu um sorrisinho gozador.

— Alinhe os copos, irmão — ele disse a Brayden.

Como Mace estava lançando o desafio, abri meu casaco de moletom do Red Sox e o pendurei na banqueta, ficando só com uma camiseta regata justa. Meus meninos estavam em exposição, de um jeito bem óbvio. Ele olhou para meus seios e gemeu.

— Isso não é jogar limpo. O que você está fazendo? Tentando me distrair? — acusou e eu ri.

— Bom, vamos precisar de mais jogadores.

Junior e Kris estavam sentados perto da gente. Nós os chamamos para o jogo e Mason explicou as regras. Em seguida, começamos a beber.



— Uma vez, eu estava andando pela floresta e pisei em bosta de urso! — Mason disse. Normalmente as histórias eram mais envolventes e criativas, mas nós já estávamos jogando havia um tempo e perdendo com bastante regularidade.

— Mentira! — gritei, batendo a mão no balcão.

— De quem era a bosta? — A cabeça de Mace foi para trás, como se tivesse levado um soco.

— Era bosta de bebê! — Eu ri e aponte para Kris.

— Hum, hum... merda, esqueci o que eu devia dizer! — Ela fez beicinho.

— Bebe! — Mason e eu vibramos e apontamos. Todos nós tomamos um shot, porque era mais divertido beber juntos do que um de cada vez, e continuamos o jogo.

Na última rodada, nós dois estávamos tão bêbados que não conseguíamos sequer segurar um ao outro. Não havíamos jantado, mas comemos batata frita e nachos durante o jogo. Tentei tomar água toda vez que Brayden colocava um copo na minha frente, mas tenho certeza de que, para cada copo de água que eu bebia, entornava três cervejas e dois shots.

Brayden nos colocou em um táxi, pagou o motorista com o dinheiro da carteira de Mason, deu tapinhas em nossa cabeça e ditou o endereço ao taxista.

Não sabíamos ao certo onde estávamos, mas cantamos muitas músicas de beisebol, xingamos e gritamos.

Finalmente chegamos ao apartamento de Mason. Tropeçamos por todo o caminho.

— Como é que nós vamos entrar? — ele perguntou de forma arrastada e se apoiou pesadamente contra a porta.

Bambee e olhei em volta. A rua era muito bonita. Faixas de cores desbotadas passavam por minha visão. O vento soprou meu cabelo e beijou minha pele, fazendo com que os pelos em meus braços se arrepiassem sedutoramente.

— Eu adoro a sua rua. É como arte, tudo colorido e com halos de luz. — Tentei me sentar, mas Mason pegou meu braço antes que eu caísse da escada. Em seguida me empurrou contra a porta.

— Chaves! — disse, como se tivesse ganhado na loteria. Colocou a mão no bolso e tirou um chaveiro, mostrando o prêmio. — Oba! — Ele ergueu o punho no ar e eu tentei cumprimentá-lo em comemoração, mas realmente não deu certo. Acabou sendo um tapa em seu punho fechado.

Juntos, lutamos para abrir a porta e caímos no hall. Com esforço, um se inclinou sobre o outro e seguimos até a escada.

— Shhh! Vai acordar a Rachel — Mason disse, batendo na parede e me levando com ele.

Eu me concentrei com firmeza e o empurrei para a frente.

— Ela não está aqui! — eu o lembrei.

Seu rosto ficou triste.

— Ah, cara, que saco. Eu queria transar com ela. Droga. — Ele passou a mão no rosto.

— Ahhh, está tudo bem. Você pode transar com ela amanhã — consolei-o, tropeçando para a frente. Ele me pressionou contra a parede, seu peito esmagando o meu.

— Você é tão cheirosa, Mia. Eu já te disse isso?

Balancei a cabeça e pisquei várias vezes.

— Não, mas isso é muito gentil. Você devia ser gentil mais vezes. Eu gosto de você. Você é bem gostável quando não age como um babaca.

Ele colocou a mão em meus quadris e me segurou apertado.

— Estou com saudade da Rachel — disse, se inclinando contra meu peito, apoiando a cabeça em meus seios.

Erguendo os braços, acariciei suas costas e passei as unhas em seu cabelo sedoso.

— Está tudo bem. Ela vai estar aqui logo. Provavelmente vai fazer o almoço. Ela é muito legal assim mesmo — falei, mas não tinha ideia do que estava dizendo. Se tivesse, saberia que parecia uma idiota ignorante. Eu poderia ter tentado pensar direito, mas a bebida estava cobrando seu preço. Ocorreu-me que, tecnicamente, eu tinha abandonado a faculdade, mas que seja. Essa porcaria não importava. Eu estava ganhando cem mil por ano. Por mês. O que quer que fosse. Um monte de dinheiro.

Enquanto eu pensava na minha posição na vida, Mason moveu as mãos para cima e começou a apertar meus seios, olhando para eles em completa reverência.

— Seus peitos são os melhores. A Rach tem peitos pequenos, mas eu gosto deles. Os seus são no estilo clássico mundial “me coma”. Posso comer seus peitos? — ele gritou, feliz, mas eu o empurrei. Mace bateu na outra parede e quase caiu sentado.

— Não, imbecil. Você não pode comer os meus peitos. E obrigada. — Abri um grande sorriso e segurei meus seios, apreciando seu peso e tamanho. — São bonitos mesmo. Os homens gostam muito. É um dos meus pontos fortes.

Mason balançou a cabeça vigorosamente e tantas vezes que, em meu estado de embriaguez, me preocupei que pudesse quebrar o pescoço.

— Não, não, não. Você tem ótimos peitos e, com certeza, uma ótima bunda. Mas o seu cabelo e os seus olhos podem fazer os homens caírem aos seus pés, te adorando. Seus olhos são como diamantes verdes. — Ele se aproximou e segurou meu rosto em direção à luz do corredor. — É, como joias. Você tem olhos de joias! — ele exclamou e esfregou o queixo em meu pescoço. Seu corpo parecia cair contra mim. — Estou cansado.

Quando ele falou aquilo, pensei a respeito. Meus membros ficaram pesados, como se eu estivesse carregando uma caixa de pedras em cada mão e tivesse o peso de duas toneladas no peito. O peso era Mason, que estava com o corpo todo encostado contra o meu, praticamente dormindo. Pelas pequenas baforadas de ar, eu podia dizer que ele ia dormir em pé.

— Não, vamos te colocar na cama. — Eu o puxei e nós seguimos desajeitadamente para sua cama gigante. — Agora se arrume pra dormir.

Ele ergueu o queixo e tirou a camisa. Caramba. Seu peito era bronzeado e perfeitamente musculoso. Lembrei do meu francês. Ele tinha um corpo muito sensual, assim como Mason.

— Sua vez.

Por alguma razão, em meu estado, aquele pedido não soou estranho. Tirei a blusa e, juntos, desabotoamos as calças e as tiramos. Fiquei de calcinha e sutiã, e ele de cueca boxer.

— Vamos transar? — ele perguntou, cambaleando. Olhei para seu equipamento. Nada tinha acontecido.

— Não! Idiota. — Puxei as cobertas. — Além do mais, você broxou. — Ri e deitei. No segundo em que minha cabeça encostou no travesseiro, comecei a cair no sono.

Mason se remexeu e deitou.

— Não puxei — afirmou e eu ri muito, me aconchegando mais na minha caverna de cobertores. — Quer dizer, não broxei — ele disse de forma arrastada, segurou minha cintura e me deitou em seu peito. — Boa noite, Rach — disse, me abraçando apertado.

— Rach, não. Eu sou a Mia. — Eu me esfreguei em seu peito quente, desfrutando do seu calor.

— Hummm, tá. Boa noite, Mia — ele disse e nós caímos no sono dos mortos, ou melhor, no sono dos bêbados.



Ouvi, vagamente, ruídos no andar de baixo. Imaginei que Mason estivesse fazendo o café da manhã. Minha cabeça latejava como se uma banda inteira estivesse tocando uma melodia de John Philip Sousa lá dentro. Em vez de abrir os olhos, me aconcheguei ao calor que me envolvia.

— Ah, cara, puta merda, minha cabeça — ouvi Mace dizer. Só que não foi no andar de baixo. Nem ao lado da minha cama. Foi um estrondo forte na minha orelha, se unindo à música na minha cabeça.

Pisquei várias vezes e abri os olhos. Ao mesmo tempo, comecei a me afastar de quem estava na cama. A colcha caiu até meus quadris, me deixando só de sutiã.

— O que... — falei, olhando para o peito nu de Mason, que abria os olhos lentamente.

Claro, nada disso fazia um pinga de sentido. Minha cabeça rugiu e eu pressionei a palma da mão na têmpora, tentando desesperadamente aliviar a pressão enquanto tentava lembrar o que tinha acontecido.

Foi quando a porta se abriu e Rachel entrou, animada, de tailleur, dizendo:

— Acorda, dorminhoco... — Em seguida ela me viu. Mace se sentou, o cobertor revelando seu peito nu. — Ah, meu Deus. — Lágrimas se formaram instantaneamente em seus olhos, e uma mão delicada cobriu o horror que queria sair de seus lábios. — Não... — ela soltou, e seu corpo todo tremeu.

Mason olhou de mim para Rachel, confuso. Pulou da cama como se alguém tivesse acendido um fósforo em seu traseiro. Só que aí ficou pior, porque ele estava só de cueca. Rachel emitiu um som sufocado e eu balancei a cabeça.

— Não, Rach. Não, por favor. Não é o que parece — falei, saindo da cama, usando um fio dental branco de renda que dificilmente poderia ser chamado de calcinha, pois não cobria a bunda, e um sutiã meia-taça combinando, que quase não segurava meus seios. Se eu me inclinasse para a frente, tenho certeza de que um mamilo sairia. Puxei o edredom e cobri o corpo.

Rachel apontou para mim.

— O que parece é que você transou com o meu namorado. O que eu devia ter imaginado que aconteceria, já que você é uma prostituta! — ela gritou, com ódio, e as palavras atingiram minha alma e meu coração, exatamente como ela pretendia. Como a porra de uma faca me retalhando pouco a pouco, pedaço por pedaço.

— Rachel, não aconteceu nada! — Mason se aproximou dela e estendeu a mão, fazendo um gesto para que ela parasse.

— Não posso acreditar que eu confiei em você. Um jogador. Achei que você tinha mudado, mas vejo que não. Só escondeu muito bem o seu verdadeiro eu. — Ela gemeu e as lágrimas deslizaram pelo seu rosto. — Eu estava apaixonada por você, Mason! Eu ia te falar quando a Mia fosse embora e a gente ficasse sozinho! — ela gritou.

Chorando, se virou e correu para fora do quarto.

— Vocês se merecem! — berrou do corredor.

Tudo o que se podia ouvir eram os saltos batendo nos degraus e, depois, a porta se fechando.



Mason passou os dedos pelos cabelos e puxou as raízes.

— Merda, merda, merda. Não acredito que nós dormimos juntos. Merda! — Ele caminhou pelo quarto.

Coloquei a blusa e peguei a calça. Quando ele se virou para o outro lado, a vesti.

— Mason, nós não dormimos juntos.

Ele parou, olhou para mim como se eu tivesse dito algo extremamente estúpido e apontou para a cama.

— Hum, e o que foi isso, então?

Soltei um suspiro irritado e aflito. Precisava de café e de alguns ibuprofenos. E rápido. Os minúsculos operários que perfuravam meu cérebro com suas ferramentas enquanto riam de mim por ter bebido demais na noite passada precisavam ir embora para que eu pudesse pensar direito.

— Não. Nós dormimos juntos, mas não transamos. Estávamos bêbados feito gambás. Acredite em mim, eu saberia se tivesse transado, e tenho certeza absoluta que não.

Ele me olhou dos pés à cabeça.

— É, você saberia. — Sorriu e eu me encolhi. — Desculpa. Merda! — ele disse novamente, obviamente se sentindo um idiota. — Como vou fazer a Rachel acreditar em mim? Ela conhece o meu histórico, Mia. Isso é exatamente o que eu faria antes dela. — Ele caiu na cama.

Eu me sentei a seu lado.

— Certo, vamos fazer o seguinte: tomar um banho, comer alguma coisa e mandar umas drogas pra dentro. — As sobrancelhas dele se ergueram. — Ibuprofeno ou Tylenol, idiota. Depois vamos ligar pra ela. Você vai rastejar e explicar que nós estávamos muito bêbados, não transamos e, embora parecesse muito ruim, nada aconteceu. Só dormimos um ao lado do outro.

Ele apoiou os polegares nas têmporas, a mão grande se abrindo sobre a testa.

— Lembro de ter acariciado os seus seios e pedido para comê-los. — Ele gemeu e olhou para mim com ar culpado.

— Bom, não conte *essa* parte para ela. Isso só aconteceu porque você estava bêbado. Ninguém mais viu. Foi inofensivo.

— Sim, inofensivo — ele resmungou. Seus ombros caíram mais um pouco; ele

colocou a cabeça entre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos. Era a visão perfeita de um homem perdido, que achava que o mundo tinha acabado.

Passei a mão para cima e para baixo em suas costas quentes e nuas.

— Você ama a Rachel? — perguntei. Ele ergueu a cabeça e seu olhar se fixou intensamente no meu. Em seguida fechou os olhos e assentiu solenemente. — Então precisa dizer isso para ela, Mace. Pode ser a única maneira de sair dessa.

Ele soltou o ar pela boca, as bochechas inchando com o movimento.

— Ela não vai acreditar em mim. Eu conheço a Rach. Ela vai achar que estou dizendo isso para salvar a minha pele. Eu devia ter dito no momento em que me dei conta. Aí talvez ela acreditasse.

Mason amava Rachel. As maravilhas nunca acabariam? O jogador mulherengo e cafajeste tinha percorrido um longo caminho desde o dia em que eu cheguei, quase um mês antes.

— Quando você soube?

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Então foi até a janela e observou a rua.

— Na primeira noite em que fizemos amor. Foi... foi... você sabe. Foi como se eu soubesse que ela era a única mulher com quem eu queria estar. Para sempre. E eu estraguei tudo. Merda! — Ele se afastou e bateu a mão espalmada na parede. Graças a Deus não deu um soco. Senão, ficaria um bom tempo sem jogar.

Fui até ele e apoiei a testa em suas costas.

— Vamos consertar isso. Você vai ver. Tudo vai acabar bem.

Ele balançou a cabeça.

— Por que você acha isso?

— Porque simplesmente não há outra opção. Se ela é tudo para você, nós temos que encontrar uma maneira de fazê-la enxergar isso. Vamos descobrir qual é. Nós vamos trazer a sua garota de volta. Na vida, é preciso arriscar.

— Obrigado, Mia. Você é uma boa amiga.

— Eu sei — falei e bati em seu quadril com o meu. — Então, primeiro passo: chuveiro, remédios, comida e muita água, nessa ordem. — Estendi a mão para que ele a apertasse. Ele sorriu para meu braço estendido, provavelmente pensando que minhas palhaçadas eram bobas. — Combinado?

Ele apertou minha mão.

— Combinado.



Conseguir falar com Rachel foi muito mais difícil do que eu pensei. Eu iria embora em dois dias, e Mason ainda tinha que conversar com a loira fujona. Todas as ligações que eu fiz foram direto para a caixa postal. Implorei repetidamente que ela

me ligasse de volta, ou ligasse para Mason. Pedi que ela ouvisse um de nós. Nada. Só silêncio. A mulher tinha muita força de vontade. Eu estava começando a acreditar que ela não daria outra chance a Mason, e isso estava acabando comigo.

Mesmo que ela tivesse dito algumas coisas muito dolorosas para mim, eu entendia seus motivos. Quando você se depara com a perda de tudo o que sempre quis, você ataca. É normal, e a morena que estava na cama com o seu namorado é um bom alvo. Eu merecia ouvir qualquer coisa que ela quisesse me dizer. Apesar de não gostar de saber que ela acreditava que eu era uma prostituta. Era algo com que eu também me debatia, na condição de acompanhante. A garota que teve relações sexuais com seus dois primeiros clientes. Tudo bem, eu não transei com os dois últimos, mas ela achava outra coisa.

Meu celular tocou e eu o peguei.

— Alô?

— Oi, boneca. Está pronta para o seu próximo cliente? — A voz de tia Millie acalmou alguns nervos realmente tensos. Até parecia uma loção calmante. Nos últimos dias, eu me senti um lixo por saber que Mason e Rachel estavam sofrendo. Eu tentava aceitar minha parcela de culpa nisso e fazer o que pudesse para consertar as coisas, mas não sabia como.

Suspirei.

— Na verdade, sim. Quanto mais cedo, melhor — falei pela primeira vez. Nunca quis tanto seguir em frente quanto agora. Fugir da situação parecia uma boa ideia.

— Qual é o problema, querida? O jogador de beisebol gostoso não está te tratando bem?

Balancei a cabeça, mas ela não podia ver.

— Não, ele é legal. Depois que superamos a fase babaca e ele aprendeu uma ou duas coisas sobre como tratar uma mulher, tem sido bem divertido.

A voz de tia Millie voltou a ficar sensual.

— Ah, sim... Acho que devo esperar o pagamento adicional a qualquer momento, certo?

— Tia Millie! Você acha que eu transo com todos os meus clientes?

— Querida, você é jovem, linda e trabalha como acompanhante de homens bonitos e incrivelmente ricos. É claro que eu acho que você vai tirar proveito disso. Se eu estivesse no seu lugar, faria isso. No passado, eu definitivamente tive minha parcela de belos homens ricos.

Foi então que eu me sentei e comecei a cutucar a unha do polegar.

— Você era acompanhante?

— Boneca, como você acha que eu sei tanto sobre esse negócio? Quanto cobrar e para quem mandar minhas meninas? Claro, eu tive que ser acompanhante para poder gerenciar o melhor serviço de acompanhantes do país. Fiz de tudo, querida, inclusive

tive a minha cota de clientes, embora, naquela época, eles não pagassem extra. Essa era uma parte esperada do serviço. Agora, como você sabe, eu não dirijo um bordel. Dirijo um negócio sério e pago todos os impostos ao Tio Sam. Tenho meus livros auditados regularmente e mantenho tudo muito controlado. Se as minhas meninas querem dar esse passo extra, espera-se que os homens o recebam como um presente. E que retribuam. Viu? É fácil.

— Entendo. Acho que pensei que você só dirigisse a empresa.

— E dirijo. Mas há vinte anos eu fazia o mesmo que você. Só que eu não era tão inteligente. — Com isso, prestei muita atenção no que ela dizia. — Na época, eu me apaixonei por um dos meus clientes, e ele me ferrou. — Pode-se dizer que, definitivamente, a história estava se repetindo comigo, só que eu não concordava muito em dizer que tinha me apaixonado por Wes... ainda. Tia Millie continuou: — Agora eu trato os homens da mesma forma que eles tratam as mulheres. Como algo para se desfrutar enquanto estão lá. Nada mais, nada menos. Não há expectativas, apenas bons momentos e muito prazer.

Esse pensamento tinha mérito. Era o que eu mesma estava tentando fazer e falhando, porque meu coração estava muito confuso com os detalhes. Com Wes, eu estava atolada em um tumulto emocional. Com Alec, foi divertido, agradável, e eu não sentia como se tivesse deixado algo para trás, porque nunca foi meu, para começar. Quando Alec e eu estávamos juntos, curtíamos imensamente. Quando não, era algo que nos dava alegria, sem culpa ou preocupação com o outro, porque nós não tínhamos esse tipo de relacionamento.

Desejei ser capaz de fazer isso com Wes. E ali, naquele momento, prometi que ergueria esse muro novamente. E cumpriria a promessa. Quando estávamos juntos, era incrível, incrível mesmo. O melhor que já tive, em termos de passar o tempo com alguém com quem me importava. Alec estava em segundo lugar. Se bem que, com o francês, nós dois sabíamos que era por um curto período de tempo, o que fazia tudo ser descontroladamente passional e algo para guardar como uma bela lembrança. Já com Wes, era repleto de significado, complexo, com sentimentos e emoções que nenhum de nós deveria ter despejado sobre o outro. Foi onde nós erramos. Porque Wes e eu juntos éramos mais. De alguma forma, de algum jeito, um limite deveria ser imposto, para que parássemos de magoar um ao outro. Claro, esse era um problema que eu não tinha pretensão de resolver hoje, em minha atual situação com Rachel e Mason.

Respirei fundo e firmei minha própria determinação.

— Você está certa. Obrigada pelo conselho.

— De nada — ela disse, e pude ouvir suas unhas estalando sobre as teclas do computador. — Sinto muito que a coisa do beisebol não tenha dado certo. Deve ter sido um mês longo.

Sorri, pensando em Alec.

— Tecnicamente, eu encontrei um velho amigo quando nós estávamos em Seattle.

— Ah, parece que você se divertiu com esse velho amigo.

— Verdade. — Eu quis mudar de assunto, pois não sabia qual era a regra sobre reencontros com clientes no que dizia respeito aos negócios. O que eu tive com Alec e Wes foi pessoal, privado e não tinha nada a ver com ser acompanhante. — Vai continuar me deixando curiosa a respeito do meu próximo destino?

— Ah, minha querida, vai ser divertido. Já foi para o Havaí?

Praia, surfe e bronzeador.

— Sério? Eu vou para o Havaí?

— Sim, boneca. E, veja só: você vai ser modelo!

Gemi.

— Como eu fui para o Alec? — Foi divertido ser musa, mas a experiência arrancou do meu subconsciente algumas questões do passado. A última coisa que eu precisava era de mais uma rodada como aquela no trabalho.

Ouvi mais barulho das teclas e ela falou:

— Não, meu bem. Você vai ser modelo de moda praia para um estilista renomado. O nome dele é Angel D'Amico. Ele quis você porque a viu em fotos de celebridades. Percebeu que você está recebendo atenção e saindo com alguns grandes nomes. E isso é bom para alguém que está trazendo algo novo para o mercado, na profissão dele. Sem mencionar que ele está desenvolvendo peças para mulheres de verdade.

— Como assim?

— A linha dele não começa no trinta e quatro, vai do quarenta para cima. Ele quer uma mulher mais curvilínea em seus anúncios, com um pouco mais de carne. Você sabe, uma mulher com um par de seios que não caberiam num triângulo de cinco centímetros. Ele adorou o fato de você ter busto quarenta e seis e uma forma clássica de ampulheta. O lema dele é que a beleza vem em todos os tamanhos, ou algo assim.

Hum, parecia muito legal. Um estilista de moda focado em tamanhos mais realistas.

— Parece divertido. Além disso... Havaí! Incrível. — Comecei a dançar ao redor do quarto, sem acreditar que estava indo para uma ilha.

— Vai ser um voo longo, minha querida. Seis horas de Boston, mais cinco da Califórnia. Quer uma parada na Califórnia por alguns dias? — Pensei em Wes e no fato de que poderia vê-lo se ele não estivesse na locação das filmagens. Então, imediatamente, descartei a ideia. Seria apenas mais drama, mais porcaria emocional para pensar. Não, eu queria me divertir e desfrutar o Havaí. Ficar com um cara qualquer da ilha, com o único propósito de transar muito. Sim, esse seria o meu

plano.

— Não, mas reserve duas noites em Vegas, para que eu possa ver a Maddy, a Ginelle e o meu pai. — Gin tinha dito que Maddy estava prestes a seguir em frente com o namorado, então eu achei que ela poderia precisar de um tempo com a irmã mais velha. — Vou pedir para a Gin marcar as sessões de beleza necessárias.

Tia Millie respirou de um jeito que parecia assobiar por entre os dentes, com um som sibilante.

— Sobre isso... Você vai ter que se depilar.

— Eu sempre me depilo — eu a lembrei.

— Não, boneca. Eu quero dizer em *todos os lugares*. Depilação brasileira completa. Você vai trabalhar com moda praia. Não pode haver nada para fora ou aparecendo debaixo do biquíni quando você estiver fotografando no mar.

Gemi.

— Isso é péssimo. E vai doer. — Era como se eu já pudesse sentir a cera pegajosa lambuzando minhas partes sensíveis e, em seguida, sendo arrancada de mim. *Ai!*

— Sim, minha querida, vai. Mas a boa notícia é que o estilista é um cinquentão italiano. Casado com uma ex-modelo chamada Rosa, que trabalha com as modelos. E você não vai precisar estar disponível a cada segundo do dia. Vai trabalhar em uns dois dias e depois vai ter o resto da semana de folga. Eu sei que eles têm de uma a duas sessões de fotos planejadas por semana. O resto do tempo é seu. Até confirmaram que você vai ficar num bangalô de dois quartos na praia.

— Meu próprio espaço? Não vou ter que ficar com eles?

— Não, e eles não vão providenciar roupas. Esse é o acordo. Como você só vai ser fotografada para os anúncios e talvez compareça a algumas festas com o casal, vai ter a maior parte do tempo livre, então poderá vestir o que quiser. Mas vai poder ficar com as roupas de banho. — Maravilha!

Um mês no Havaí. Minha vida ficou cem vezes melhor.

— Você acha que eu posso levar a Gin e a Maddy? — Com o adicional de vinte mil de Wes e Alec, eu tinha o suficiente guardado para pagar a ida delas. Elas poderiam ficar comigo, então nós gastaríamos só com as passagens de avião e a alimentação.

— Desde que faça as sessões de fotos, você pode fazer o que quiser. Posso reservar as passagens delas?

— Sim, mas eu retorno para você com as datas. Preciso ver quando serão as férias de primavera da Maddy e descobrir se a Gin pode tirar uns dias de folga. Meu Deus! Eu vou para o Havaí, e a minha irmã e a minha melhor amiga devem ir também. Este é o melhor dia da minha vida! — gritei, e minha tia riu.

— Estou feliz por você estar satisfeita, boneca. Lembre-se disso quando estiver

arrancando cada fiapo de cabelo das suas partes. — Bufeí em resposta. — Vou mandar um e-mail com o cronograma de voo e as informações. Quer o primeiro voo do dia de novo, certo?

— Sim, eu gosto de viajar cedo. — Na verdade, eu gostava de ir embora antes que meu cliente soubesse que eu estava indo. Funcionou nas últimas três vezes, e eu não via razão para mudar agora. — Te amo, tia Millie.

— Eu também, boneca. — E desligou sem se despedir.

Agora que isso estava resolvido, eu só precisava encontrar um jeito de juntar Rachel e Mason.

Quando estava guardando o celular no bolso de trás, ele tocou novamente.

— Alô?

— É Mia Saunders? — uma voz tranquila, mas séria, perguntou.

— Sim, quem é?

— Estou ligando do Hospital Geral de Massachusetts, em Cambridge. Estamos com seu namorado, Mason Murphy, em nosso setor de emergência.

— Ah, meu Deus. — Olhei ao redor, entrando em pânico. Avistei minha bolsa na cômoda, peguei-a e comecei a descer as escadas para sair do prédio. — Ele está bem? O que aconteceu?

— Ele está com algumas contusões e hematomas, e está sendo tratado de uma concussão. Se envolveu em um acidente de carro com outros dois jogadores, que também estão sendo atendidos. Você tem como vir até aqui? Ele também deu o nome de uma pessoa chamada Rachel Denton, mas ela não está atendendo.

— Vou encontrá-la. Ele está bem mesmo?

— Sim, senhora. Ele deve ter alta hoje à noite. Está sendo atendido agora. O médico provavelmente vai liberá-lo em poucas horas. Seria bom ter alguém aqui para levá-lo embora.

— Claro, claro. Vou ligar para a família dele também, só para eles ficarem cientes.

— Boa ideia, senhora. Até breve.

Desliguei e fiquei parada na rua, em frente ao prédio de Mason, sem saber por onde começar. Não tinha o contato do pai dele, e Rachel não estava atendendo minhas chamadas. Então, lembrei que seu irmão trabalhava no Black Rose. No mínimo, alguém de lá me daria informações sobre ele.

Liguei para o serviço de informações e me transferiram para o bar.

— Pub Black Rose, Brayden falando — o irmão de Mason atendeu e eu senti os joelhos fraquejarem.

Sentei na escada diante do prédio e me recompus.

— Brayden, é a Mia. O seu irmão sofreu um acidente e está no Hospital Geral de Massachusetts.

— O quê? O Mason está bem?

— Sim. Ele sofreu uma concussão e teve algumas contusões e hematomas. Estou indo para lá agora, mas preciso encontrar a Rachel, a namorada dele — falei, instantaneamente esquecendo meu papel.

— Achei que você fosse a namorada dele — ele falou, em um tom de voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Suspirando, me levantei e ergui o braço para chamar um táxi.

— Não, era tudo armação. A Rachel, a loira da outra noite, é a verdadeira namorada dele. Só que ela está com raiva de nós dois, achando que o Mason a traiu comigo, e não atende as nossas ligações. Ele está machucado e quer a mulher que ama ao seu lado. Eu preciso encontrá-la.

Então Brayden fez algo que eu não esperava, considerando as circunstâncias. Ele riu. Muito.

— Você não me escutou?

— Mia, Mia... Aquela loira bonita que está sempre do lado dele? Grandes olhos azuis, magra, sempre de roupa social?

Finalmente um táxi me viu e parou. Entrei, preparada para pedir que fosse para o hospital, quando Brayden riu e respondeu:

— Ela está aqui no bar. Enchendo a cara. Quer que eu a interrompa?

Parece que o universo estava conspirando a meu favor. Deveria ser lua cheia ou algo assim. Essas porcarias nunca acontecem comigo.

— Sim, coloque água na bebida dela. Vou estar aí em quinze minutos. — Desliguei. — Pub Black Rose. Te pago um extra de vinte dólares se você correr — falei para o taxista.

— Pode deixar, senhora! Minha esposa estava reclamando que eu não recebo mais gorjetas. Um extra de vinte vai ser muito bom.

— Me leve até lá em dez minutos e eu te dou quarenta.

O táxi fez um barulho alto, desviando do tráfego, deu meia-volta e saiu em disparada em direção ao bar. O cara devia estar realmente precisando do dinheiro, porque me deixou lá em onze minutos. Não levei em consideração aquele minuto a mais. Paguei a corrida e joguei a gorjeta de quarenta no banco.

— Obrigada, amigo! — gritei, saindo do carro. Abri a porta do bar e comecei a olhar para os clientes.

Rachel estava debruçada sobre o balcão. O cabelo, uma bagunça selvagem se soltando do coque complicado, com mechas caindo por todos os lados. Estava afogando as mágoas.

— Graças a Deus! — gritei e segui em sua direção.

Ela fez uma careta. Até mesmo com o rosto contorcido em uma carranca, ela era incrivelmente bonita. Uma daquelas mulheres que você veria no mercado ou em pé

na fila dos correios e pensaria: *Cara, eu queria ser tão classuda e elegante quanto ela.*

— Rach, graças a Deus encontrei você. — Sentei no banco ao lado dela.

— Na-na-ni-na-não. — Ela ergueu o dedo e fez um movimento como um tornado.

— Eu não posso dizer que estou feliz por te encontrar, sua ladra de namorado! — Ela estreitou aqueles olhos azuis, me olhando feio. Eu odiava que ela me olhasse assim.

— Rach... — tentei novamente.

Ela me cortou.

— Você não fica com homens suficientes no seu trabalho? Quer dizer, olhe só para você. — Seus olhos pareceram me analisar da cabeça aos pés. — Você é perfeita. O tipo de mulher que merece pegar um homem como Mason Murphy. Ele é perfeito também, você sabe. Vocês combinam. São farinha do mesmo saco e tudo o mais. — Rachel deu um grande gole em um martíni que estava à sua frente e umedeceu os lábios. — Sabe — ela apontou um dedo para mim —, estou feliz que isso tenha acontecido. Pelo menos agora eu sei com certeza que nunca poderia ficar com um homem como ele. Tipos volúveis como ele nunca seriam felizes comigo. Não quando podem ter alguém exótico como você.

Gemi e segurei seu ombro. Ela mordeu o lábio e finalmente parou de falar.

— Me ouça. — Eu a chacoalhei. — O Mason ama você. Você! — Seus olhos se arregalaram e ela começou a se desintegrar diante de mim. Seus lábios franziram e os olhos se encheram de lágrimas que não caíram. Ela balançou a cabeça, sem querer acreditar. — Sim! Ele te ama. E, se você escutá-lo por cinco segundos, vai saber! Você por acaso já ouviu algum dos nossos recados na caixa postal?

Ela começou a tremer e a balançar a cabeça, as lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Meu Deus. Para uma mulher inteligente, você sabe ser bem lenta! — acusei. Seus ombros caíram e ela cruzou os braços sobre o peito, acovardando-se.

— Vá embora.

— Não posso! — rugi e perdi a calma. Podia sentir o calor explodindo de todos os poros quando gritei na cara dela. — O Mason está no hospital e está chamando pela namorada. A *verdadeira* namorada.



— Vou vomitar. — O rosto de Rachel empalideceu e ela colocou a mão sobre a boca. No mesmo instante, um balde apareceu à sua frente, e ela pôs para fora toda a bebida que havia consumido naquela noite. Esfreguei suas costas e olhei para Brayden. Seu rosto dizia tudo. Tristeza e preocupação.

Quando ela terminou de vomitar, Brayden pegou o balde e saiu do bar, levando-o para a sala dos fundos. Levei uma Rachel trôpega para o banheiro feminino. Ela lavou a boca e eu lhe dei um chiclete para mascarar o gosto e o cheiro. Retirei os grampos de seus cabelos e deixei seus cachos caírem. Remexi sua bolsa; ela não tinha sequer a tirado do ombro desde que começara a beber. Encontrei uma escova e, lentamente, desembaracei todas as mechas emaranhadas até que cintilassem em ondas douradas. Entreguei-lhe uma toalha de papel úmida e ela limpou as manchas de rímel que escorreram nos olhos e bochechas. Dei a ela um lenço para assoar o nariz. Depois vasculhei novamente sua bolsa e achei um gloss. Não era muito. A mulher obviamente não carregava maquiagem, apesar de ter uma caixinha de pó compacto. Coloquei os dois em sua mão e ela ajeitou o rosto da melhor maneira possível.

— O que aconteceu com o Mason? — Suas palavras soaram vacilantes quando ela começou a voltar a ser a Rachel que eu considerava minha amiga.

— Sofreu um acidente de carro com outros jogadores. Teve uma concussão e deve ter alta em poucas horas. Eu ainda não o vi. Ele queria você, então eu precisei te encontrar.

Ela sufocou um soluço.

— Ele me queria?

Assenti e coloquei a mão em seu ombro.

— Rachel, eu te juro, não aconteceu nada. Nós estávamos bêbados. Muito bêbados. Passamos do limite, a ponto de cuspir fogo. Juro por Deus, eu não tinha ideia de que não estava na minha cama. Simplesmente caí na cama dele e dormi. Foi isso. Nada mais.

Ela fechou os olhos e baixou o queixo.

— Eu acredito em você.

Tomei um grande e refrescante fôlego, deixando escapar a tensão dos dias de angústia e culpa.

— Graças a Deus. O Mason está tão perdido sem você. Ele achou que nunca te teria de volta.

— Isso não significa que nós estamos destinados a ficar juntos, Mia. Como eu disse, ver o Mason com você me abriu os olhos. Ele não é o cara certo para uma executiva. Ele tem que ficar com uma mulher divertida e amorosa, que possa ir aos jogos, voar com ele pelo país e ficar ao seu lado. Eu não vou poder fazer muito isso.

— Você não pode estar falando sério. E todos aqueles trabalhos? Você atua na empresa de relações-públicas que cuida dele. É você quem resolve tudo para ele com os patrocinadores e tudo o mais. Ele precisa que você esteja mais perto que longe.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é verdade...

Os pelos em minha nuca se eriçaram. Eu estava conseguindo persuadi-la.

— E quem é que vai impedir o Mason de bancar o idiota nas reuniões? Você viu como é. Ele é tão imaturo que chega a ser ridículo. Eles tirariam proveito dele em segundos se você não estivesse lá. A única razão pela qual ele está indo bem é você. Agora que os negócios estão se encaminhando, e vão continuar aparecendo outras oportunidades, ele vai precisar de um assessor que trabalhe só para ele. Tenho certeza disso. Essa pessoa é você. Ele só confia em você.

Ela afastou o cabelo dos olhos e endireitou os ombros.

— Você está certa. Ele teria sido passado para trás. O Mace é muito mão-aberta e despreocupado. Mesmo que não esteja nisso só pelo dinheiro, já que eu sei que ele ama o esporte, eles estavam tentando levar vantagem.

— Exatamente. E você sabia disso. Você, Rachel. — Aponte para seu peito. — Você é a única para ele.

Seus olhos brilhavam com o que só podia ser descrito como um renovado senso de autoestima.

— Temos que ir vê-lo! — ela disse.

Corremos para fora do bar.

— Brayden, te ligo quando descobrir o que está acontecendo. — Ele fez um movimento com o queixo que silenciosamente dizia “com certeza” ou algo igualmente másculo. — Os drinques são por conta do Mason!

— Já coloquei na conta dele. — Ele sorriu. — Inclusive esta aqui. — Ele levantou uma cerveja e a levou aos lábios, tomando um longo gole. Balancei a cabeça e saí pela porta.



O hospital parecia um hospício quando chegamos. Aparentemente, um grande caminhão havia tombado na estrada e causado um engavetamento de catorze carros.

Havia pessoas por todos os lados com ataduras na cabeça, braços e pernas. Eu me encolhi e fui até o balcão de informações.

— Meu nome é Mia Saunders. Nós estamos aqui para ver Mason Murphy.

A mulher procurou o nome dele no computador.

— Ele foi transferido para um quarto temporário. Segundo andar, quarto 130.

— Obrigada. — Rachel e eu apertamos o botão do elevador e esperamos, e esperamos. — Merda — falei e segui para as escadas. Subimos dois lances e estávamos no segundo andar, procurando o quarto.

Quando achamos, diminuímos o ritmo. Segurei a mão de Rachel e, por um momento, nos conectamos como irmãs ou melhores amigas fazem. Compartilhando conforto e pensamentos positivos. Depois de respirarmos lentamente, nos viramos e abrimos a porta. Entrei primeiro, arrastando Rachel atrás de mim.

Mason estava na cama, com os olhos fechados. As luzes estavam baixas, e seu pai estava sentado numa cadeira no canto.

— Mia, meu anjo, finalmente fizeram contato com você — Mick falou e me abraçou. Mantive os braços ao redor de seus ombros enquanto Rachel parou perto da cama de Mason.

Os olhos dele se abriram e ele lambeu o lábio cortado. Havia uma fileira de pontos, não mais que cinco ou seis, que se estendiam pela testa. Ele tinha uma série de cortes e arranhões pelos braços, mas, aparentemente, era só isso.

— Rachel... — Ele estendeu a mão e ela a segurou. As lágrimas que ela havia controlado no carro retornaram e deslizaram pelo seu rosto, pingando na mão de Mace enquanto ela a segurava perto do rosto. — Baby, eu estou bem. Você... Estou preocupado com você...

— Hum, acho que perdi alguma coisa. — Mick limpou a garganta e me abraçou mais forte, como se estivesse me protegendo. Como um bom homem. Preocupado com seu filho e a namorada de mentira.

Abracei-o e balancei a cabeça.

— Está tudo bem — sussurrei.

Rachel olhou para Mick, a expressão assustada como a de um ratinho. Mason tentou dissuadi-la.

— Ei, moça bonita. Olha pra mim. Me desculpa. Não aconteceu nada. Eu juro. — Suas palavras eram bem parecidas com as que eu havia dito mais cedo. — Nunca poderia acontecer. Eu só quero você. Você é a única pra mim.

— Não fale. Você precisa descansar. — Sua voz estava rouca, como se ela tivesse fumado um maço de Camel sem filtro.

Ele balançou a cabeça e piscou. Ela aproximou a mão e acariciou o lado sem machucados. Pelo que pude ver, a cabeça dele devia ter batido na janela, que provavelmente se espatifou. O vidro devia ser o motivo pelo qual ele estava cheio

de pequenos cortes e arranhões.

— Não preciso descansar. Preciso que a mulher que eu amo me ouça! — ele rosnou, e seu pai e eu ficamos muito quietos e imóveis, ouvindo a coisa se desenrolar. Para mim, era lindo. Para seu pai, confuso.

— Mason... — Ela perdeu a capacidade de falar.

Ele puxou a mão dela, levando seu corpo para mais perto.

— É isso mesmo. Eu te amo. Desde aquela primeira noite. Eu nunca, nunca faria uma coisa dessas. Não da maneira como você pensa. O que aconteceu comigo e com a Mia foi totalmente inocente! — ele elevou a voz e ela colocou dois dedos sobre seus lábios.

— A Mia já me contou. E eu acredito em vocês. Me desculpe. Eu jamais deveria ter duvidado.

— Você teve as suas razões. Mas, baby, depois do acidente de hoje, poderia ter sido muito pior. E não ter você do meu lado agora... não posso nem pensar nisso...

— Sua voz estava repleta de emoção. — Eu preciso de você. Sempre. Do meu lado.

Os grandes olhos azuis de Rachel estavam brilhantes e suaves, focando apenas no homem diante dela.

— É onde eu vou estar. O que você precisar. Porque eu também te amo.

Eu queria gritar aos quatro ventos e pular de alegria, mas tive que me contentar com um grande sorriso.

— Filho... — Mick disse, se aproximando do outro lado da cama. — Você tem algumas explicações para dar — ele falou, tentando ser jovial.

— Pai, esta é a Rachel. Ela vai ser a minha assessora em tempo integral, se aceitar o emprego. — Ela assentiu com a cabeça e abriu um grande sorriso. — Além disso, ela é minha namorada. Minha *verdadeira* namorada.

Ela sorriu tão brilhantemente que acendeu o quarto, exatamente como fez no momento em que a conheci.

— Oi, sr. Murphy. Sou Rachel Denton e estou apaixonada pelo seu filho.

Mick olhou para Mason, Rachel e depois para mim. Então balançou o polegar em minha direção.

— E ela?

— É uma acompanhante — Mason respondeu simplesmente.

Eu queria bater a cabeça na parede. Os olhos de seu pai se arregalaram tanto que quase dava para ver o cérebro dele.

— Ah, não, não. Não desse tipo! — Rachel tentou explicar.

— Pai, não. Nós contratamos a Mia para ajudar a melhorar a minha imagem. Eu precisava de uma namorada, e, naquele momento, a Rachel e eu ainda não estávamos juntos. Foi a Mia quem nos deu força, pra ser sincero. — Era verdade.

— Desculpe por não ter contado toda a verdade, Mick, mas era parte do papel.

Você pode me desculpar? — Pisquei de um jeito que imaginei inspirar piedade.

Mick resmungou e bateu a mão no ombro do filho. Apoiando. Sempre solidário.

— Filho, se essa moça bonita é sua garota e você a ama como diz, então eu tenho certeza de que vou amá-la também. Mas, se você mentir para mim de novo, vou marcar a sua pele ainda mais do que o acidente fez. Entendeu?

Rachel e eu rimos. Mason fez uma careta.

— Sim, pai. Entendi, sim.



Era bem cedo. O sol ainda não tinha surgido no horizonte quando fechei o zíper da mala e, silenciosamente, desci com ela pelas escadas. Mason e Rachel estavam dormindo no quarto principal. Depois que os médicos o avaliaram, voltamos para casa e seu pai fez uma sopa. Afirmou que era o necessário para curar um resfriado. Claro que Mason não estava resfriado; ele havia sofrido um acidente de carro. Mas nenhum de nós achou prudente apontar a distinção. Tive a sensação de que seu pai só precisava fazer algo para ajudar, provavelmente para ter certeza de que o filho estava bem.

Quando o jantar ficou pronto, os irmãos de Mason apareceram. Shaun veio com a nova namorada. Não era a mesma que ele tinha me mostrado na foto da última vez em que jantamos, mas os adolescentes são inconstantes mesmo. Bom, até eu era assim. Pulando de homem para homem todo mês, sem saber onde estaria e quando. Os irmãos ficaram tempo suficiente para provocá-lo por causa do acidente e por ter duas namoradas — o que deixou Rachel extremamente desconfortável, mas não chamou muito a atenção do clã dos Murphy. Eu sabia que ela se encaixaria bem na família, e Ellie tinha muito a ver com isso. Sendo Rachel como era, Ellie acreditou que ela fosse uma princesa de verdade. Assim como a mãe deles, Eleanor, Rachel era elegante, imponente, falava com suavidade e tinha uma beleza clássica. Eu tinha a sensação de que aqueles dois viveriam felizes para sempre e esperava que, mesmo com todos os acontecimentos que marcaram o fim da minha estadia, eles estivessem dispostos a manter contato comigo.

Andei pela casa escura, fiz um pouco de café e tomei um gole enquanto olhava pela janela. Minha temporada com Mason tinha sido interessante, para dizer o mínimo. Tive momentos maravilhosos assistindo a seus jogos na arquibancada e no centro de treinamento, vendo os jogadores, conhecendo a vida das EENSs... Mais que isso, entendi como era o dia a dia do time. Homens que se apoiavam acima de tudo e que jogavam beisebol como quem toca um instrumento afinado: nenhum jogador era melhor que o outro, e o conjunto era absolutamente belo. Fiquei ainda mais apaixonada pela equipe do Red Sox do que era antes de chegar a Boston — e eu já era uma torcedora incondicional.

Eu sentiria falta das namoradas e esposas que conheci. Elas tinham sua panelinha, e eu curti muito fazer parte do clube por um mês. Sarah, Morgan e, é claro, a pequena Kris não seriam facilmente esquecidas. Eram mulheres bacanas, que apoiavam seus companheiros em tudo. Silenciosamente, mandei boas vibrações e amor para elas.

Acima de tudo, vi um casal se apaixonar. Duas pessoas que não acreditavam que tinham sido feitas uma para a outra e descobriram que a única coisa que não estava certa era ficarem separadas. No fim das contas, Rachel e Mason se completavam. Yin e yang.

Eu não poderia estar mais feliz por Mason ter perdido aquele seu jeito babaca. Na verdade, acho que ele havia erguido uma barreira. Uma barreira que afastava as mulheres legais, talvez porque ele não se sentisse digno ou bom o suficiente para uma garota que valesse a pena. Depois que ele mudou de vida, começou a viver mais para si mesmo, descobrindo seu lugar no mundo. Foi mais fácil perceber que não era preciso erguer uma barreira. Ele podia ser ele mesmo e, quando se deu conta disso, viu se abrir um mundo inteiro de felicidade, materializado na forma daquela mulher doce que ficaria a seu lado, preparada para cuidar dele em todos os sentidos: profissional, física, mental e emocionalmente.

Quanto a Rachel, acho que ela precisou quase perder Mason para perceber que era boa o suficiente para ele. Mais que suficiente. A mulher que ela mostrava ao mundo era exatamente a mesma por quem Mason se apaixonara, e eu tinha certeza de que ele a levaria até o altar um dia. Assim que terminei o café, peguei meu bloco de anotações.

Mason,

Uma coisa que você não sabe sobre mim é que eu não gosto de despedidas. Elas são confusas e desconfortáveis, e é por isso que estou indo embora enquanto você está dormindo nos braços da mulher que ama. A mulher que você nasceu para amar.

Fiquei honrada por você ter me escolhido para ser sua namorada de mentira. Este mês foi o mais divertido que eu tive em anos. E aprendi algumas coisas. Vou levar comigo a lição de que devo sempre dar o melhor de mim e estar aberta às oportunidades que surgirem à minha frente. Ter uma chance de encontrar a felicidade é importante, e é comum as pessoas ficarem presas em sua rotina diária, ou pensarem que a vida simplesmente não pode ficar melhor, mesmo quando sabem que não são felizes. Você escolheu a felicidade e ela veio na forma de uma loira doce e linda. Cuide bem dela. Ela está assumindo um risco ao se entregar a você completamente.

Rachel, cuide dele. Ele precisa de uma mulher forte, que saiba se impor. Eu sei que você é essa mulher.

Vou sentir muito a falta de vocês dois e pensar sempre em ambos. Obrigada por me mostrarem que a vida pode ser melhor se eu escolher ser feliz. Um dia, tenho certeza de que vou encontrar o que está destinado a mim, e, quando isso acontecer, se for o momento certo, não vou deixá-lo escapar.

Nunca se deixem escapar.

Com todo o meu amor,
Mia

Deixei o bilhete no balcão da cozinha, puxei a mala e desci as escadas. Lá embaixo, o táxi já me aguardava.

— Aeroporto Internacional Logan, por favor.

A cidade passou voando enquanto o sol começava a subir no horizonte, iluminando o céu em tons suaves de dourado e azul. Tinha sido um bom mês. Entre jogos de beisebol e sair com Mason, Rachel e o resto da equipe, foi demais. Também tive a oportunidade de planejar um evento de caridade. Que foi mais que bem-sucedido e ajudaria muitas mulheres a conseguirem tratamento para o câncer de mama. No geral, eu classificaria este mês como um dos muitos que eu nunca esqueceria.

O táxi me deixou no aeroporto, fiz o check-in, passei pela segurança e encontrei um Starbucks para me sentar, tomar mais um café e comer uma fatia de bolo de limão. Algo me incomodava. Quanto mais eu tentava afastá-los, mais os pensamentos irritantes me cutucavam.

Peguei o telefone e meu coração balançou com o impasse. Uma mensagem de Wes. Não tínhamos nos falado desde que desliguei na cara dele, duas semanas antes.

Ainda amigos?

Por um longo momento, pensei nessas palavras. *Ainda amigos*. Wes e eu éramos amigos? Amantes, sim. Amigos... Antes de descobrir que ele estava transando com Gina, eu teria dito que sim. Definitivamente. Amigos coloridos, com certeza. Pensei em Gin e no que nos fazia amigas. Confiança. História. Afinidades. Então, pensei no que seria da minha vida se Gin não estivesse nela. E a resposta era horrível. Eu me sentiria perdida sem sua amizade. Será que eu tinha a mesma coisa com Wes?

A resposta inequívoca era *sim*. Sim, eu tinha. Eu sabia que, se ligasse agora e dissesse que precisava dele, Wes largaria tudo, pegaria um avião e estaria comigo. Assim como Hector ou Tony, ou até mesmo Alec. Mason, definitivamente. Porque eles eram meus amigos. Pessoas que compartilharam uma parte da minha vida e deixaram uma marca em minha alma. Eles agora eram uma pegada no caminho da minha vida.

Com dedos rápidos, digitei a resposta:

Sim. Nós sempre vamos ser amigos. Não posso imaginar a minha vida sem você.

Andei pelo aeroporto, escolhi uma revista e esperei em meu portão de embarque antes que o celular apitasse com uma mensagem.

Eu sinto a mesma coisa. Ainda existe espaço para mais, ou eu perdi você?

Você nunca poderia me perder. Por enquanto, vamos seguir nosso próprio caminho.

Manter o combinado?

Sim.

Quando posso te ver de novo?

Quando tiver que ser.

Com essa última mensagem, desliguei o telefone e embarquei para Las Vegas. Dois rápidos dias com minha irmã e minha melhor amiga era exatamente o que eu precisava para me preparar para um mês no Havaí. Eu mal podia esperar. Sol, surfe e bronzeador. Que venha o calor.

NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A *garota* DO CALENDÁRIO



MAIO

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



Droga de escalas! Saí de Boston, parei em Chicago e depois em Denver — onde agradeci ao Todo-Poderoso por estar usando minhas botas desgastadas de motociclista enquanto corria o mais rápido possível pelo aeroporto —, até que consegui pegar meu voo. Quando cheguei, era a retardatária que todo mundo sabia que estava perdida em algum lugar do aeroporto, cujo embarque era esperado impacientemente por todos.

Mais de cento e cinquenta pares de olhos me fuzilavam enquanto eu manobrava minha bagagem em meio à horda de passageiros descontentes para chegar à minha poltrona. As coisas não estavam muito melhores dentro da aeronave. Meu assento ficava entre um homem rechonchudo e uma menina intrometida de oito anos que estava viajando sozinha. Seus pais eram separados, e agora ela tinha duas famílias. Ela detestava a mulher a quem se referiu como “madramonstro” e sua filha mais velha, que, segundo a menina, era malvada.

O destino dela era a casa da mãe, uma dançarina da Strip. Não havia surpresa nisso. Quem vive em Vegas, no coração de Vegas, geralmente trabalha nos cassinos, serve mesas, se apresenta em algum tipo de show ou presta algum tipo de serviço para turistas. Quem mora fora da cidade tem outras oportunidades de emprego.

Eu soube de tudo isso sobre a pequena Chasity porque ela fez questão de me contar cada detalhe sobre ela. Tudo mesmo: sua cor favorita era roxo, mas não de escuro, e sim o claro, que deduzi ser lilás. Ela *adorava* animais, principalmente cavalos. A melhor parte de estar com seu pai em Denver, aparentemente, era o fato de ele possuir terras e animais. Grande atrativo para uma criança de oito anos. Mas ela tinha que lidar com a madramonstro, e esse era o ponto negativo de visitar o pai. Fora a culpa. A mãe de Chasity não tinha muitos amigos nem família. A garotinha achava que era seu papel fazer companhia para a mãe. Porque “ninguém quer ficar sozinho. Todo mundo precisa de alguém”. Pelo menos de acordo com a invasiva, mas bem-intencionada Chasity.

Quando o piloto anunciou que estávamos a vinte minutos do pouso, juro que fiz uma pequena oração ao Cara Lá de Cima para que Chasity e sua mãe encontrassem um meio-termo. Também agradeci à medicina pelos métodos anticoncepcionais. Passar um tempo com uma criança de oito anos consolidou a noção de que eu não estava nem perto de me sentir pronta para procriar, e talvez nunca estivesse. Era

preciso ser um tipo especial de pessoa para ser mãe, e eu sentia que já tinha feito isso com minha irmã mais nova, Maddy. A próxima de quem eu tomasse conta provavelmente se tornaria uma cria do demônio. Melhor não deixar esse tipo de coisa na mão da Dama da Sorte. Que, como já observei antes, é uma megera de coração frio, então não há necessidade de mexer com ela.

Na esteira de bagagens, peguei minha mala extra com as coisas incríveis do Boston Red Sox, o jeans e o resto do que trouxera de Chicago, imaginando que poderia deixá-la na casa do meu pai e de Maddy. Assim minha irmã poderia escolher as melhores peças e se sentir uma princesa em todos os vestidos que Hector tinha escolhido para mim, além das roupas casuais e modernas de Rachel.

Uma série de notificações de mensagem soou no meu celular assim que liguei o aparelho.

A primeira era de Mason.

Sua carta foi legal, gata, mas se despedir pessoalmente teria sido melhor. Eu e a Rach queríamos te levar ao aeroporto. Ela está magoada. Eu estou puto. Encontre uma maneira de nos compensar ;-)

Não era a primeira vez que um cliente — ou eu deveria dizer “amigo”? — ficava chateado com meu estilo de despedida. Wes pareceu antever minha partida ao estilo ninja. Alec deixou rolar, e Hector chorou. Aquele latino gay me enviou uma mensagem aos prantos, dizendo que eu tinha arruinado a despedida perfeita. Algo que ele viu uma vez num filme e que tinha planejado fazer em casa, com pombas voando e outras merdas. Não sei exatamente. Tony deve ter agarrado o telefone nesse momento e interrompeu a mensagem, não sem antes expressar irritação com o fato de eu ter deixado seu noivo choroso e dizer que eu lhe devia uma.

A mensagem seguinte era da minha carona. A Vagaba Sem-Vergonha.

Ei. Sua carona está aqui fora. Rodando. Não me faça parar e tomar uma multa por causa da sua cara feia.

Rindo, peguei minha bolsa e vi o Honda de Ginelle. Acenei e ela fez uma parada brusca na área de embarque e desembarque, estacionando o carro todo torto.

— E aí, cadela? — ela disse quando coloquei a mala gigante e a pequena no banco de trás. Eu me joguei a seu lado no banco do carona, olhei para suas mechas loiras e seus dentes brancos, com muito chiclete verde grudado.

Ergui o queixo.

— Oi, querida. Obrigada por vir me buscar — murmurei presunçosamente.

Com um movimento do pulso e um giro no volante, ela saiu da vaga cantando pneu, entrando no tráfego do aeroporto. Ninguém seria capaz de confundir Ginelle com um bom motorista. Ela poderia pilotar para a NASCAR? Provavelmente. Suas

manobras e a capacidade de tomar decisões em milissegundos ao volante eram inigualáveis. Porém ela se arriscava demais. Até agora, tinha dado tudo certo. Eu me ative a esse pequeno fato enquanto agarrava a alça do teto, também conhecida como puta-que-pariu, até chegarmos à rodovia.

Lentamente, inspirei e apoiei a cabeça no encosto, desfrutando do silêncio com minha melhor amiga. Não precisávamos conversar; isso era o que fazia de nós melhores amigas perfeitas. Ficávamos confortáveis no silêncio compartilhado. O som da estrada e do chiclete sendo mascado, além do cheiro de seu xampu de limão, quase me levou às lágrimas. Casa. Aquilo era familiar. Era bom. Era o que eu conhecia a vida toda. Não que fosse ser sempre meu destino final, mas, quando eu estava aqui, amava com todo o meu coração.

Ginelle me levou para a casa de Maddy e pops. Ela percebeu que eu estava pensativa e não preencheu o silêncio com um bate-papo inútil. Apenas me olhou, pegou minha mão e a segurou entre nós. Solidariedade entre irmãs. Ela podia não ter meu sangue, mas era, de longe, a melhor coisa do universo.

— Eu te amo — sussurrei, sem perceber que estava começando com toda aquela porcaria emotiva.

Seus olhos encontraram os meus, o rosto muito amável e doce. Os lábios rosados estavam franzidos de uma forma que me fez achar que ela diria aquelas três palavras de volta. Em vez disso, ela usou duas:

— Eu sei.

Então eu ri. Muito. Só mesmo Gin para saber do que eu precisava após um longo dia de viagem, uma fuga às escondidas do meu último cliente — que agora eu considerava um irmão de outra mãe — e a noção de que eu teria apenas três dias em Vegas até precisar pegar o avião para encontrar o próximo cliente. Eu havia ficado dois dias além do prazo em Boston. Normalmente era obrigada a ficar vinte e quatro dias, assim tinha seis ou sete para cuidar de coisas pessoais, além dos dois dias necessários para o traslado. Eu não ia para a Califórnia desde janeiro, e aqui estava eu, a três dias do começo de maio. Mais um mês, mais cem mil dólares para Blaine.

Entreguei para Ginelle um envelope com um cheque dentro.

— Deixa isso pra mim na administração do hotel? Me economiza um selo?

— Claro, amiga. — Ela pegou o envelope com o pagamento de Blaine e guardou na bolsa quando parou no meio-fio em frente à casa da minha família. — Você deve estar com fome. A Mads está fazendo um jantar de boas-vindas. Bolo de carne, purê de batata, milho-verde e, de sobremesa, a famosa torta de cereja com chocolate do pops. — Então abriu a porta, foi até o porta-malas e pegou uma caixa de cerveja.

— Eu realmente te amo. — Olhei para a cerveja e depois para nossa casa velha, que tinha uma pequena varanda com uma lâmpada sem lustre. Por trás das cortinas de renda, eu podia ver minha doce irmã mais nova colocando a mesa. Para mim.

Porque eu estava voltando para casa. Nada superava aquilo.

Gin colocou os braços ao redor dos meus ombros e me puxou para dentro.

— Já sei dessa merda. Não me ouviu antes? — Ela revirou os olhos e bufou para dar ênfase. Balancei a cabeça e a abracei com força.

Abri a porta e o aroma apetitoso de carne assada, legumes e alho instantaneamente me atingiu.

— Mads, cheguei! — gritei, largando a bolsa na mesa lateral arranhada enquanto esperava seu gritinho. Maddy sempre soltava gritinhos infantis quando estava animada. Desta vez não foi diferente.

O grito foi seguido do pulo que minha irmã superalta deu em mim. Segurei-a com força, quase não conseguindo me manter em pé.

— Garotinha, senti sua falta. — Abracei apertado seu corpo macio.

Fazia quase dois meses que não a via, e parecia que ela estava encorpando, perdendo as formas adolescentes e adquirindo as curvas femininas da nossa mãe. Os seios definitivamente tinham crescido, e os quadris estavam um pouco mais curvilíneos. Quando me afastei de seus braços, longe de seu cheiro de cereja e amêndoas, olhei profundamente em seus olhos. Aquele sorriso enorme que eu adorava se espalhou em seu rosto.

— A menina mais linda do mundo. Mas só quando sorri — eu disse, repetindo a frase que falava para ela havia mais de dez anos. Um rubor bonito surgiu em suas bochechas, e ela me puxou para outro abraço. Esse foi muito mais apertado e me fez ter a sensação de que ela não queria me soltar. — Qual é o problema? — Segurei seu rosto e olhei em seus olhos.

Maddy balançou a cabeça, deixando a franja, comprida demais, cair nos olhos.

— Nada. Só estou muito feliz por você estar aqui. Fiz o seu prato favorito.

— Estou sentindo o cheiro. — Nesse momento, minha barriga decidiu fazer da minha fome um fato bem conhecido, resmungando extraordinariamente alto.

— A comida está pronta — Maddy anunciou, puxando minha mão para a cozinha. Ginelle seguiu atrás de nós. Sim, aquilo era bom. Estar em casa era exatamente o que eu precisava.



— Nós vamos para o Havaí! — A frase ecoou pela sala em um nível de decibéis que poderia quebrar o vidro.

— Nossa senhora! Calma aí! — Coloquei as mãos nos ouvidos.

— Está brincando comigo? Eu vou para o Havaí? Nunca saí de Nevada, só pra visitar você na Califórnia, e agora vou cruzar a porcaria do oceano, com baleias, peixes e essas coisas todas?! Puta merda! — Ginelle gritou, jogando na boca um chiclete novo e em seguida dando um grande gole na cerveja. *Afff*. Preferi não dizer

nada sobre a mistura questionável porque ela não estava fumando, o que, por si só, já era um grande progresso.

Depois de tomar minha cerveja, coloquei-a sobre a mesa.

— Calma. Sim, eu vou pagar para vocês viajarem para o Havaí este mês. Vocês precisam decidir quando é melhor para as duas. Se programem para ficar uma semana, mais ou menos, no bangalô que eles estão me oferecendo. — Levantei as mãos, interrompendo-as. — Agora, não sei como vão ser as acomodações. Pode ser que seja uma cama para nós três, mas... ei, viagem grátis, certo?

— Puta merda, sim! Eu durmo na porra do chão!

Eu gemi.

— Gin, sem palavrões perto da Mads. Caramba.

— Ah, por favor, não sou criança. Na verdade... eu me tornei oficialmente uma mulher no último fim de semana. — O tom de Maddy era altivo e oficial, e não era nada do que eu queria ouvir saindo da boca da minha irmã caçula.

Fechei os olhos, empurrando a cerveja para o outro lado da mesa. Gin a pegou antes que derramasse.

— Mads... — sussurrei.

Ela franziu os lábios e sorriu timidamente enquanto traçava um dedo ao longo da mesa.

— Podemos falar sobre isso depois? — E olhou na direção de Ginelle. Apesar de Gin ser como uma irmã para mim, ela e Maddy não eram tão próximas. Elas se amavam, mas não tinham o tipo de amizade confidente, ou irmandade, melhor dizendo, que Maddy e eu compartilhávamos.

Ginelle olhou para o relógio.

— Olha só, hora de ir! — falou em voz alta. — Parece que eu tenho que comprar um biquíni. Ah, e amanhã à uma da tarde é a nossa sessão no spa, pra deixar todas as suas partes gastas em ordem novamente. Nós três de novo. Beleza?

— Gin... obrigada. Por tudo. Você sabe que... — comecei, mas Ginelle, como de costume, não se sentiu ofendida pelo fato de Maddy querer conversar sozinha comigo. Ela me abraçou, beijou o topo da cabeça de minha irmã e bagunçou seu cabelo.

— Até amanhã, suas lindas.

— Tchau! — Maddy e eu dissemos ao mesmo tempo. A tensão na sala aumentou, mas não de forma ameaçadora. Era mais do tipo *você-tem-algo-para-contar-então-fale-logo*.

— Eu não pretendia que acontecesse assim... — Maddy começou e lágrimas se formaram em seus olhos. — Eu queria falar com você antes, mas estamos nos dando bem. Ele realmente me ama, e eu o amo e...

Cobrindo sua mão com a minha, olhei em seus belos olhos.

— E... como foi?

Ela lambeu os lábios e inclinou a cabeça.

— Doeu. Sangrou um pouco, mas ele foi *bem* devagar. Tanto que tremia com o esforço. Ele estava com medo de me machucar e... sério, só doeu um pouco.

Sorri, lágrimas se formando em meus olhos também e caindo pelo rosto. Minha menina tinha crescido.

— Você gostou?

Ela assentiu instantaneamente.

— Já fizemos mais duas vezes. — Ela riu. — E essas vezes foram um milhão de vezes melhor! — Eu ri e concordei, entendendo o que ela queria dizer.

— Bom, e o namoro de vocês? Como ele está agindo agora?

Seus olhos se iluminaram como um bolo de aniversário repleto de velas.

— Ah, ele é *tão* legal. Fala todo dia que eu sou a garota mais linda, que me ama e que um dia a gente vai se casar. — Ela juntou as mãos na frente do peito e olhou sonhadoramente para um ponto descascado na parede da cozinha. — Ele é maravilhoso, Mia. Tudo o que eu sempre quis. Tudo o que você me disse para encontrar antes de dar esse passo. Eu não poderia estar mais feliz.

Deslizei na cadeira e a puxei para meus braços, precisando senti-la perto de mim.

— Fico muito feliz que você tenha tido uma boa experiência e que o homem com quem você está te ame pelo que você é. Ele te faz bem? Te ama de verdade pela beleza que existe dentro de você, e não apenas pela beleza exterior?

Maddy assentiu freneticamente enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Acho que sim. Ele me fala isso o tempo todo. Na verdade, ele quer conversar com você. Eu disse que hoje não dava, mas que talvez amanhã você concordasse em jantar com os pais dele. Eles querem conhecer a minha família e... bom... só sobrou você.

Aquilo enviou uma onda de remorso pelas minhas veias, raiva pelo fato de nossa mãe ter nos abandonado e tristeza por nosso pai não conseguir se recompor para estar ao nosso lado nos momentos importantes da nossa vida. Pelo menos por Maddy. Ela era a única que merecia.

Segurei o rosto da minha irmã e a beijei suavemente.

— Eu vou adorar conhecer os pais do seu namorado e ter uma conversa com ele.

Mais uma vez, aquele rosto que poderia acender uma centena de cidades brilhou com alegria e entusiasmo. Ela levantou e foi até o pote de café. Eu a vi pegar algumas colheres de pó de café descafeinado enquanto se balançava de um lado para o outro, dançando uma música que só ela podia ouvir.

— Isso merece uma comemoração... uma comemoração com chocolate.

— Parece ótimo, meu amor. Eu tenho sonhado com a torta de cereja com chocolate desde que você a fez, no meu último aniversário.

Naquela noite, conversamos de irmã para irmã, tirando o atraso. contei a ela sobre todos os clientes e como me importava com cada um deles. Sendo fã do Red Sox, ela ficou muito impressionada com Mason. Isso faria a camiseta autografada, o boné e a foto parecerem ainda mais fantásticos quando eu os entregasse a ela. Claro, prometi que um dia, se a oportunidade surgisse, eu iria apresentá-la a Mason e a todos os outros caras.

Quando o tema da conversa mudou para Wes, coloquei tudo para fora. Era quase como se eu precisasse fazer isso.

— Que canalha! — ela xingou quando contei que a estrela do filme dele atendeu o telefone e ele admitiu que estava transando com ela.

Balancei a cabeça.

— Bom saber que você acha isso. Acredite, eu também achei quando descobri. Mas, sério, pensa bem. O Wes deveria esperar que eu resolvesse a minha vida e me divertisse com quantos caras eu quisesse, enquanto ficava sentado esperando por mim?

O rosto de Maddy ficou contemplativo.

— Isso realmente não é justo — ela admitiu.

— Não, não é. Não vou dizer que não doeu. Por uma semana, mais ou menos, eu fiquei com muita raiva dele, mas no fim entendi. Além disso, um tempo depois eu reencontrei o Alec e, você sabe, uma coisa levou à outra...

As sobrancelhas de Maddy se estreitaram.

— Como assim, se reencontraram e uma coisa levou à outra? Como ele sabia que você estava na cidade?

Olhei para longe, bebendo um gole do meu café.

— Hum... os detalhes são nebulosos — tentei, mas ela não mordeu a isca.

— Não acredito! Você ligou para o Alec e o chamou para ficar com você, não é?
— A acusação foi acompanhada de uma risada.

— Ficar? O que isso quer dizer, afinal? Acho que o termo correto é “sexo casual”, e vou te falar, querida irmã, o homem faz o melhor sexo casual conhecido pela humanidade! — Eu me recostei, me sentindo orgulhosa e aproveitando cada segundo daquilo, enquanto um pedaço da minha segunda fatia de torta de cereja com chocolate descia pela garganta.

A risadinha bonita de Maddy me fez sorrir. Ela era tão jovem e inexperiente nos caminhos do mundo. Eu só esperava que esse namorado fosse um cara sério e que não fosse se aproveitar dela. Acho que eu descobriria isso na noite seguinte, quando conhecesse os pais dele. Um tremor de inquietação atingiu meu peito. Era isso que pais e mães pensavam quando se encontravam com a família do namorado das filhas pela primeira vez? Bem, não era como se o cara fosse pedi-la em casamento. Era apenas um jantar. Famílias normais faziam isso, certo?

Eu não tinha a menor ideia.

Mais tarde, quando estávamos finalmente na cama, peguei o telefone para mandar uma mensagem para Angie, irmã de Tony. Nós nos aproximamos em Chicago, e, se alguém sabia a respeito de namoros e conhecer pais, era ela.

Oi, Angie, é a Mia. Desculpe pelo horário. Perguntinha pra vc: quando os pais de um garoto convidam os pais da namorada para jantar, é algo importante?

De maneira surpreendente, o telefone apitou na mesma hora. Arrisquei um olhar para o relógio. Eram três da manhã aqui. Cinco no horário dela.

Oi, amiga. Pergunta estranha, mas, sim, geralmente é um tipo de formalidade. Querem ter certeza de que a garota é boa o suficiente para o seu filho conhecendo a família. Por quê?

Merda. Eu ligaria para Hector no dia seguinte e descobriria o que vestir. Ele saberia. Primeiramente, eu tinha de parecer uma irmã mais velha responsável e normal. Não podia mencionar meu trabalho nem o fato de que o querido, velho e bêbado pops estava convalescendo em um hospital pago pelo Estado, porque meu ex-namorado — um agiota — dera uma surra nele. Caramba, isso soava péssimo até na minha cabeça.

Gemi no quarto, muito silencioso, e digitei minha resposta para Angie.

Primeiro namorado sério da minha irmã. Argh.

Eu odiaria estar no seu lugar! LOL

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Abril

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/livro/583673ED585284>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Vídeo sobre a série no Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Maio](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)